Maciel Monteiro

Poesias

PUBLICADAS SOB A DIRECÇÃO

DE

João Baptista Regueira Costa

e

Alfredo de Carvalho.

IMPRENSA INDUSTRIAL
Ignacio Nery da Fonseca
Rua Visconde de Itaparica n. 49 e 51—RECIFE
1905

Maciel Monteiro

(De um retrato a oleo por Tirone, em 1864)

Antonio Peregrino Maciel Monteiro (18.. - ..66)

Poesias

PUBLICADAS SOB A DIRECÇÃO

DE

João Baptista Regueira Costa

e

Alfredo de Carvalho

IMPRENSA INDUSTRIAL
Rua Visconde de Itaparica ns. 49 e 51
RECIFE 1905

Homenagem
da
Academia Pernambucana de Lettras
e do
Instituto Archeologico e Geographico
Pernambucano
á
Memoria de Maciel Monteiro
no
centenario de seu nascimento em 30 de
Abril de 1904

A Lyrica de Maciel Monteiro

Exclama Villemain (1) ao pretender reproduzir e interpretar a poesia de Archiloco atravez dos rarissimos fragmentos, escapos á ruinaria dos tempos: Como descobrir os fogos e os reflexos do diamante reduzido a poeira?

Esta reflexão do sabio critico francez não podia deixar de occorrer á Academia Pernambucana, ao resolver publicar a lyrica de Maciel Monteiro.

Com effeito, de que modo reavivar os fogos e os reflexos de sua obra poetica, o diamante da mais pura agua, que se lhe engasta no diadema da fronte soberana?

Como exhumar do esquecimento as suas poesias, umas perfumando as folhas de riquissimos albuns no gyneceu das senhoras, outras apanhadas a furto dentre as flores esparsas pelo salões aristocraticos, muitas depostas sobre as áras da amizade e recolhidas

(1) *Essais sur le génie de Pindare et sur la poésie lyrique.*

ao recondito sanctuario da familia e a maior parte em mãos de profanos admiradores, que, não contentes de arrebatal-as a todos esses escrinios, ainda se comprazem em roubal-as ao tabernaculo da nossa litteratura?

Como ennastrar as producções desse—artista da lyra—senão reunindo cuidadosamente os fuzis dessa cadeia, que o tempo ameaça destruir, senão, com o esmeril de uma analyse minuciósa, polindo-os das versões e variantes que por ventura se lhes tenham incrustado, senão applicando-lhes a pedra de toque da critica, para avaliar-lhe os quilates, para fixar a pureza do ouro, que distingue as poesias de Maciel Monteiro de tantas outras, que falsamente se lhe attribúem?

Aos que lerem o substancioso commentario, com que illustra Alfredo de Carvalho o presente volume, não passará despercebido que foi esse o processo adoptado pela Academia, com relação á obra poetica do benemerito pernambucano.

E, si poucas são as concepções do seu estro, que ahi se acham enfeixadas, offerecem ellas o inestimavel valor de evitar que a posteridade só lhe contemple o vulto pelo perfil do orador, e que ás suas poesias aconteça o mesmo que ás peças de genio de Diderot, as quaes, segundo Marcou, (2) por não terem sido reunidas nem consolidadas, só o fizeram admirar como o talento mais fecundo do seculo 18.

---

(2) *Notice sur Diderot.*

Dizia uma das nossas robustas mentalidades (3) referindo-se a Maciel Monteiro:

«Na historia litteraria de todas as nações ha nomes que se não podem pronunciar, sem que os olhos brilhem de enthusiasmo, sem que uma nuvem de orgulho venha desenhar-se nas faces.

E esse enthusiasmo, que altiva e esse orgulho, que ennobrece, sobem de ponto, quando, apenas no alvorecer da existencia de um povo, ja tem, olhando para as estradas percorridas, que apontar-se para uma civilisação, burilada pelos frisos de alguns nomes gloriosos».

Escrevendo, por essa forma, o elogio do grande homem, não exprime Pedro de Calasans um conceito isolado, mas se constitúe o echo da opinião do paiz.

A' semelhança dessa concha, (4) de que nos falla Lamartine e onde se escutam mil ruidos, os labios do poeta da *Ophenisia*, (5) como que encerram um concerto de mil vozes, que proclamam Maciel Monteiro uma celebridade do seculo passado.

Na physica é conhecido um phenomeno de luz, que apresentam certos mineraes, deixando ver na sua massa uma estrella luminosa.

O mesmo phenomeno se observa no diadema de gloria do eminente brasileiro, onde uma das pedras preciosas, que o com-

---

(3) *Esboço Critico Litterario* de Pedro de Calasans.

(4) *Le coquillage au bord de la mer* (Premières Méditations Poétiques).

(5) Poemeto de Pedro de Calasans.

pôem, deixa ver a estrella luminosa da poesia a aviventar as outras gemmas da sua corôa.

Por singular coincidencia o horóscopo e a morte de Maciel Monteiro foram: aquelle, precedido do nascimento recente de Victor Hugo, esta, seguida do passamento de Lamartine, os dous astros, que illumináram o mundo litterario da França no seculo 19 e a cuja orientação deveriam obedecer os que lhes accompanhavam a trajectoria pelo firmamento da poesia.

As *Meditações Poeticas*, publicadas em 1820 e em 1822 as *Odes e Balladas* foram as credenciaes, com que esses dous--revolucionarios da arte—se aventuraram a quebrar os moldes do classicismo: um, declarando ter sido o primeiro a fazer descer a poesia do Parnaso e a dar ao que se chamava musa, em vez de uma lyra de sete cordas de convenção, as proprias fibras do coração humano; (6) outro, confessando haver substituido as côres gastas e falsas da mythologia do paganismo pelas côres novas e verdadeiras da theogonia christã (7).

E' privilegio dos grandes homens que as suas idéas se propaguem com a rapidez da luz, a fecundar outros mundos, a despertar novos estimulos, a exercer a sua influencia regeneradôra em uma esphera mais ampla.

Porem, si é certo que esses espiritos de

---

(6) *Premières Méditations Poétiques* (Préface).
(7) *Odes et Ballades* (Préface).

escol, á semelhança dos Deuses de Homero e dos Immortaes do cantor das *Folhas do Outomno*, percorrem o ceu em tres passos, (8) é incontestavel que o abrolhar da semente não depende tanto do talento de quem a cultiva, como da feracidade do terreno, em que ella é plantada.

A extincção do vulcão revolucionario, que abalára a Europa no seculo 18 e ainda no alvorecer do seculo 19, havia creado uma situação favoravel ao desenvolvimento do romantismo, o qual, para fructificar, só esperava o amanho do solo e o primor da cultura.

Ninguem, melhor do que Loliée, (9) nos descreve o que foi o movimento romantico nessa epocha, em que a Europa parecia unicamente viver de ideal, de paixão e de harmonia, e durante a qual provocára elle por toda parte uma emulação generosa.

Era sobretudo para o lado do ideal, escreve o autor do *Quadro da Historia Litteraria do Mundo,* era para os dominios da poesia que se volviam todos os olhos; e nessa especie de vertigem que, ao contrario do *ignoti nulla cupido*, arrastava os espiritos para o desconhecido, Victor Hugo se constituiu o centro do novo systema; pois, ao passo que Lamartine, publicando em 1829 as *Harmonias Poeticas e Religiosas* ainda se expandia em seu lyrismo elegiaco, sonhador e mystico, de que impregnára as *Medi-*

---

(8) *En trois pas parcourent les cieux* (Ode—La Lyre et la Harpe).

(9) *Tableau de l'Histoire Litteraire du Monde.*

tações, Victor Hugo, em 1827, accentuava mais as bases da nova theoria, constituindo-se o arauto do romantismo no magnifico Prefacio do *Cromwell* e mais tarde, em 1830, impulsionando o movimento, que explodiu, entre classicos e romanticos, na celebre batalha do *Hernani*.

Foi elle, disse-o Veron, (10) que, no meio de innumeras producções, em que o fundo estava em desharmonia com a forma e o pensamento com a phrase, foi elle o unico, que, vencendo quasi completamente essa difficuldade, se tornou a encarnação absoluta d'aquella epocha e o genio lyrico por excellencia.

Como na Europa, após a convulsão revolucionaria, nas duas Americas a libertação das colonias ingleza e hespanhola havia igualmente preparado o terreno para a eclosão do romantismo, e não é sem fundamento que o autor do *Ensaio sobre o genio de Pindaro* recorda que a França exercêra uma grande influencia, para a creação de mais esse imperio no continente americano.

Tão propicias, aliás, á propagação das novas idéas não eram as condições politicas do Brasil, pois, emquanto a Europa tremulava o seu lábaro triumphante em toda a linha, emquanto parte da America recebia o reflexo da luz, que irradiava da França, o Brasil ainda se achava vinculado a Portugal por élos, que só mais tarde deveria quebrar; e ahi a expressão dominante do romantismo

(10) *L'Esthétique.*

estava muito longe de se firmar em traços definidos; ahi a influencia de Garret, com a publicação do seu *Camões*, (11) não encontrára, a principio, elementos para se desenvolver, combalido, como se achava, o organismo da antiga metropole por commoções politicas, que lhe embaraçavam a marcha governativa.

A independencia do Brasil, proclamada em 1822, não o havia sido para os moldes do classicismo, que predominava em Portugal e pelos quaes os poetas brasileiros afeiçoavam as suas producções.

Ainda em 1832, dez annos depois do grito do Ypiranga, Domingos de Magalhães, o mesmo que alguns criticos apontam como o prógono do romantismo entre nós, publicava no Rio de Janeiro um volume de poesias, com a declaração de se haver inspirado nos classicos portuguezes de maior nomeada (12).

Nenhuma influencia, comtudo, exerceria essa attracção que arrastava para a velha metropole os espiritos intellectuaes do Brasil independente, si os successos politicos, de que este se constituira theatro na primeira metade do seculo passado, não houvessem de alguma sorte desviado para outros pontos da America a corrente do romantismo, que partira da França.

Rarissimos eram então os que, embora de modo muito vago, tentavam romper com

(11) Em 1825.
(12) *Ferreira, Camões, Garção Diniz e Felinto Elysio* (Prologo das Poesias).

as antigas formulas litterarias e devassar novos horisontes nas regiões do ideal.

Nessa cruzada regeneradôra não podem ser esquecidos o nome de Francisco Bernardino Ribeiro, o poeta fluminense, que morreu em 1837 e de cujo estro só nos resta uma *Epistola*, em verso solto, que Wolf (13) considera um verdadeiro desafio da escola moderna á escola classica portugueza e os de Antonio Augusto e Salomé de Queiroga, aquelle, na sua lyra ao *Sabiá* e, na phrase do autor do *Brasil Litterario*, sabendo emprestar uma côr nacional ao velho thema do ciume amoroso, este, como observa Sylvio Romero (14) com seu irmão Antonio Augusto e Bernardino Ribeiro, combatendo, desde 1829 na Faculdade de Direito de S. Paulo, pela condemnação das decrepitas *ficções da mythologia grega*.

E porque, entre esses representantes da phase embryonaria do romantismo brasileiro, não contemplar o vulto de Maciel Monteiro, o poeta que, antes de desprender o seu vôo com a larga envergadura das azas de Hugo, já em 1831 consagrava as primicias de sua lyra á apotheose do acontecimento de mais importancia para a vida de um povo, qual é o da proclamação da sua independencia?

Prova eloquente d'essa consagração patriotica é o *Hymno ao 7 de Setembro*, que o poeta pernambucano escreveu, cinco mezes depois da abdicação do primeiro imperante,

---

(13) *Le Brésil Littéraire*.
(14) *Historia da Litteratura Brasileira*.

e quando começava o Brasil a descortinar no horisonte a antemanhã da epocha de paz, de que só veiu relativamente a gosar depois de 1840, com a declaração da maioridade do segundo imperador.

Esse hymno, tão pouco conhecido dos que têm escripto sobre a individualidade do poeta e onde não se vislumbram nem os tons ardentes da *Marselheza* nem os accentos vigorosos do *Canto da Partida* da velha canção franceza, longe de traduzir a aspiração indefinida de um povo á conquista de sua independencia, é antes o epinicio entoado á victoria da liberdade no Brasil, essa liberdade, que não lhe manchára as vestes de sangue, que nascêra da virtude e não das armas e que só symbolisava com a gloria.

Primeira composição de Maciel Monteiro, filha do sentimento patriotico que lhe enchia o coração de brasileiro, o *Hymno ao 7 de Setembro* respira essa alma serenidade do céo americano, que o poeta canta em seus versos e uma certa uncção de sinceridade nos votos que formúla pelo progresso do Brasil.

Nessa epocha ainda era cedo para que a sua musa arrancasse uma das pennas das azas de Hugo, para escrever os primorosos versos, que, de 1840 em diante, o eleváram á altura de um genio na poesia.

Foi então que a laurea, com que, desde 1836, coroavam alguns criticos a fronte de Domingos de Magalhães, consideran-

do-o como o chefe do romantismo no Brasil, ao publicar elle em Paris os seus *Suspiros Poeticos e Saudades*, começou a emmurchecer e a tornar-se menos viva do que a aureola que cingia a cabeça do poeta pernambucano.

E' que o paraselene não póde ser tão luminoso como um halo do sol; e na fronte de Maciel Monteiro dir-se-ia reflectir o parhélio desse astro, que na França annunciára a aurora do movimento romantico a accordar o lyrismo do lethargo em que jazia (15).

Não ha contestar o serviço prestado por Domingos de Magalhães, para a implantação do romantismo entre nós, não com a publicação do seu livro em 1836, que, como receava Torres Homem, «ficou solitario no meio da nossa litteratura, como uma sumptuosa palmeira no meio dos desertos», (16) mas como o propagandista, que, pouco antes, na Revista Brasiliense—*Nitheroy* e em um trabalho sobre a litteratura do Brasil (17) aconselhava de alem-mar aos seus compatriotas a inveredar por outros caminhos que não os da escola classica, que batia em retirada, trabalho que Eugenio de Monglave, tanto preconisa (18) e que é uma especie d'aquelle *Sursum Corda*, com que Charles

---

(15) *L'Esthétique* de Veron.

(16) *Nitheroy* (Revista brasiliense, publicada em Paris, tomo 1.º n. 2—1836).

(17) *Essai sur l'histoire de la littérature du Brésil.*

(18) *Rapport lu à la 2 Classe de l'Institut Historique* (Histoire des Langues et des Littératures).

Txl

de Bernard apostrópha aos poetas do seu tempo (19).

A poesia suave e melancolica, mystica e plangente de Lamartine, de que repassára Domingos de Magalhães os seus *Suspiros Poeticos e Saudades*, não tinha raizes para se implantar no Brasil, em um periodo, no qual sorria para elle uma idade de ouro, e esse sorriso não podia ser *molhado de lagrimas* (20) como o de Andromaca, ao abraçar Astyanax e ao despedir-se de Heitor, que partia para a guerra, porque todas as cordas da lyra estavam afinadas para entoar epinicios, elevar hymnos á paz, cantar o amor e descrever os encantos da natureza e não para, em um lyrismo egoisticamente subjectivo, exhalar-se em suspiros e suspirar saudades da patria.

Recebendo, na capital da França, o baptismo de luz das novas idéas, diplomando-se, aos 20 annos de idade, pela Academia de Bellas Lettras de Paris, onde, sobre a escola, que estava em principio de floração, é natural que houvesse bebido proficuas lições na didactica de eméritos professores, Maciel Monteiro, mais do que Magalhães, reunia a essas vantagens o ardor de uma imaginação juvenil, para, ao voltar á patria e depois de saudal-a com o *Hymno ao 7 de Setembro*, incarnar o genio de Hugo, cuja influencia actuou em seu espirito, de preferencia á do poeta de Mahon.

---

(19) *Debout, poètes, parlons d'art et de poésie.*

(20) Allusão a uma das mais bellas passagens do canto VI da Iliada.

Fossem mais variadas as tintas de sua palheta e ramalhetasse elle as flores esparsas de seu estro, e Maciel Monteiro teria sido, entre nós, não um chefe platonico, mas o progono da escola romantica (21), o creador do lyrismo hugoano, esse lyrismo, do qual só muitos annos depois, e já no declinio daquella escola, foram representantes no Brasil Tobias Barreto, Castro Alves e Victoriano Palhares, e, em Portugal, Soares de Passos e Guerra Junqueiro.

A indole poetica de Maciel Monteiro muito se afeiçôa á de Victor Hugo, porque, em ambos, a objectiva da imaginação tem a mesma capacidade para apanhar os mananciaes da poesia, em toda sua pureza primitiva.

Discipulo adiantado do grande mestre, que ensina ser a Biblia o seu livro de inspirações, (22) o lyrismo do bardo pernambucano se resente da riqueza do colorido, da pompa das imagens e da simplicidade do sublime, de que se reveste o lyrismo hebraico.

Mas não é á Divindade que Maciel Monteiro, como outr'ora os bardos de Israel, se sublima nos vôos lyricos de sua imaginação de poeta.

A Divindade, a quem elle queima o incenso de sua adoração, é a mulher amada e esta merece-lhe um culto, que

---

(21) «Cremos que os primeiros versos romanticos, escriptos por brasileiros, foram de Maciel Monteiro» diz Sylvio Roméro, na *Evolução do Lyrismo Brasileiro*, obra recentemente publicada.

(22) *Les Rayons et les Ombres* (Preface).

«está inda acima
Do culto que a Deus rende a creatura (23).

Nos seus surtos imaginósos não dedilha elle no psalterio os louvores do Senhor, mas os da mulher que o apaixona; não é David a psalmodiar os hymnos do seu arrependimento, mas o que devera ser o amante de Bethsabéa a desprender o seu canto de amor.

Aquella poesia *Um Voto*, inspirada em uma das *Orientaes* de Victor Hugo,(24) aquelle templo de Jehóva, a que vôa o genio artistico de uma cantôra, (25) aquella urna do Tabernaculo que, ao mesmo tempo que

«Recebe o ouro farto da opulencia,
Tambem modesta aos votos da humildade,
A oblação recolhe da indigencia (26)

aquella hyperbole sublime:

Si olhais raios dos céos a terra acláram (27)

que relembra o cantico de David;

«Diante de ti a noite brilhará como o dia e a obscuridade como a luz, (28)

toda essa escolha de termos, toda essa pujança de pensamento, toda essa elevação de

---

(23) *Amar, amar um anjo de candura* (Soneto).

(24) *Vœu* (Les Orientales).

(25) *Inspiração* (Poesia offerecida a Rosina Stoltz).

(26) *Trôa o canhão terrivel que apregôa* (Poesia aos annos de ⋯).

(27) *Eis-me outra vez da Creação no templo* (Poesia aos annos de ⋯).

(28) *Essais sur le génie de Pindare et sur la poésie lyrique* (Traducção de Villemain).

linguagem, toda essa magnificencia no fundo e na forma, que exhubéram das poesias de Maciel Monteiro denunciam que o poeta pernambucano, como o vate de Besançon, foi haurir em fontes hebraicas o lyrismo de suas composições.

E, para que tentar descobrir aqui e alli em seus versos o riquissimo veio da mina oriental, quando é o proprio poeta o primeiro a fazer a sua profissão de fé naquella esplendida concepção, que elle conságra ao anniversario natalicio de uma Senhora?

«D'harpa de ouro, em que outr'óra o rei psalmista
Desprendia torrentes de doçura,
Nos dedos do poeta as cordas vibram,
Si canta do que existe a formosura. (29)

O thema, porem, dos seus cantos nunca foi a formosura da Creação: esta, para elle, é apenas o templo, em que a mulher querida occupa um altar, incarnando

«O archetypo do bello soberano (30)

é ella que lhe offerece a decoração dos astros, das flores e das aves e o concurso de todos os seres da hierarchia celeste, para festejar-lhe o abençoado natalicio.

Entretanto (para que negal-o?) no meio das galas, com que brilham as suas composições poeticas em festas anniversarias, vibra constantemente uma nota, *chorda semper oberrat eadem,* que parece destoar da har-

(29) Vide nota 27.
(30) Vide nota 27.

monia do todo e produzir uma certa monotonia, e é a da acção destruidôra do tempo sobre as graças da formosura.

Eis o final de uma de suas melhores poesias:

> *«Favorita do céo, que importa o tempo*
> *Ao sexo vosso mova crua guerra?* (31)

Na que escreve *N'um Album* repete ainda o poeta:

> *«O tempo com suas azas*
> *Tudo roça, tudo estraga,*
> *E as graças da formosura*
> *São as primeiras que esmaga.»*

e por ultimo reproduz a mesma idéa na que elle dedica *Aos annos de uma donzella*:

> *«Que importa, Filde adorada,*
> *Que a mão do tempo iracundo*
> *Mude, gaste, altére e estrague*
> *Tudo que é bello no mundo?»*

e na poesia *Um voto,* em que o lyrico pernambucano aspira a ser uma flor, para ornar a fronte da deusa de seus sonhos e prevenir que nella perpassem as azas do tempo:

> *«Pousar, Senhora, fôra o meu desejo*
> *Em vossa fronte tão serena e bella,*
> *E fazer que em seu vôo o tempo rapido*
> *A aza impura não ouse roçar nella»*

Para edulcorar os rigores desse poder iconoclasta da formosura feminina, tem sempre Maciel Monteiro, em seus versos, pala-

---

(31) Vide nota 27.

vras de fina galanteria, com que anima aquellas que elle divinisa, por occasião de cantar-lhes o anniversario natalicio, ora exclamando:

«O sol é sempre no zenith o mesmo,
A mesma vós sereis sempre na terra. (32)

ora insinuando graciosamente:

«Em ti, porém, bella dama,
O tempo não póde tanto;
Ao volver de cada hora
Surge em ti um novo encanto» (33)

ora n'um mimoso *Madrigal*, em que annuncia que as graças de um rosto encantador

«A ternura é que as anima,
Quem lhes dá realce amor»

concluindo com estes versos:

«Deixa, pois, correr sem susto
Do tempo o carro fugaz;
Que os teus encantos triumpham
Da sua lima voraz»

ora finalmente na *Ode* que começa;

«Ao nascerdes, Senhora, um astro novo
Vos inundou de luz,

verso este que lembra o de Hugo:

Um astro encantador vos viu nascer (34).

descobrindo, no amor da mulher que o in-

(32) Vide nota 27.
(33) *N'um Album.*
(34) *Un astre charmant vous vit naitre* (Les Rayons et les Ombres).

spira, a força mais poderosa para vencer ella as inclemencias do tempo contra os encantos do seu rosto.

Como Spencer que aconselha:

Amai, Senhora, aquelle, que em seus cantos
Póde off'recer-vos a immortalidade (35).

como Lamartine (36) á sua Elvira:

Ah! tu pódes morrer, que em premio o bardo
Lega uma vida eterna a quem o ama,

nessa *Ode* Maciel Monteiro, em troca do amor, que lhe vota a dama de seus devaneios, promette-lhe a immortalidade no incenso inextinguivel de seus versos:

«Em vós é tudo eterno e, si na fronte,
(Tão bella sempre em tempos tão diversos)
Uma c'rôa murchar-vos, é de certo
A c'rôa de meus versos.

De meus versos! Ah! não que inextinguivel
E' o incenso queimado á Divindade:
E ao canto que inspirais, vós dais, Senhora,
Vossa immortalidade.»

Nos carmes genethliacos não é somente o amor, que accorda a alma de Maciel Monteiro: não raro sacrifica elle tambem nos altares da amizade e em sua lyrica se instilla esse sentimento, embora sem os arroubos da imaginação, em que primam as suas outras poesias e que lhes dão um certo realce de olympica magestade.

---

(35) Soneto.
(36) *Tu peux, tu peux mourir! dans la posterité*
Il lègue à ce qu'il aime une éternelle vie.
(A Elvire, Premières Méditations).

Frequentador assiduo dos salões aristocraticos, o anniversario natalicio da Exm.ª Sr.ª Condessa da Boa-Vista foi objecto de uma saudação do bardo pernambucano, que, em respeitosa e modesta oblação, confessa que na humildade do seu canto ha um mysterio

«Que o torna mais alto e bello»

e é a unção

«D'alma ingenua do cantor»

terminando por pedir-lhe que não recuse os seus versos, pois

«Um tributo è sempre digno,
Si o sagra a mão da amizade.»

E de que pureza de sentimento, de que extremo de delicadeza, de que mimo de expressão estão impregnadas as estrophes que Maciel Monteiro escreveu no Album de Mademoiselle,* esse cofre que enthesoura tres perolas preciosas do seu coração?

Ahi já não é o amor que lhe arranca da lyra os hymnos, com que elle saúda as suas apaixonadas em festas de annos, não é a amizade, que, em taes dias, o inspira nos accordes serenos do seu estro: ahi a emoção que o domina é menos ardente que o amor, porém mais viva que a amizade, e na traducção d'esse sentimento o seu lyrismo rescende a suavissima fragancia, que trescála docemente destes versos:

«Em noss'alma existe as vezes
Emoção tão singular
Que definir não se póde
Na escassa lingua vulgar:
Para amizade é mui viva,
Para amor é muito fria,
Estima não é, porque esta
Não nasce da sympathia.

. . . .

Eis, ó Virge', o sentimento
Que por ti me abala e inflamma;
Eu sei bem comprehendel-o,
Mas não sei como se chama».

e, no deslisar dessas estancias, os votos que faz o poeta, em penhor do sentimento puro, nobre e generoso, que por ella alimenta em seu peito, são para que lhe sorria a felicidade, que se respira no remanso do lar, onde a religião santifica o casto affecto de duas almas que se comprehendem (37).

No mesmo album e dedicadas tambem a Mademoiselle de***escreveu Maciel Monteiro mais duas poesias de finissimo lavor (38): em uma (39) aconselhando-a, sob uma forma allegorica, a se premunir contra as blandicias da seducção:

«Eia, fada ou anjo,
Verdade ou chimera,
Anda, fala e ri,

---

(37) *«Antes faz votos ardentes*
P'ra que, no altar do hymineu,
Aches, sim, um peito livre,
Mas sensivel, como o meu.»

(38) Guardo dessas poesias preciosissimos autographos, que me foram fornecidos pelo Dr. Eugenio de Barros Falcão de Lacerda.

(39) *A uma joven.*

Que o mundo, sem ti,
Graça não tivera!
Mas guarda, acautela
Teus dons, teus primores,
Que as brisas das selvas
Arrancam taes flores».

em outra, pedindo ao céu que lhe afaste dos labios a taça da amargura,

«Que é tantas vezes no mundo
O premio da formosura.»

e em ambas evitando que qualquer dobra de folha de rosa possa offender o pudor da joven, que o enleva com os seus encantos.

——

O lyrismo de Maciel Monteiro é accentuadamente objectivo e, só na traducção dos sentimentos puramente affectivos, se revéla o bardo pernambucano um poeta subjectivista.

Ferindo-lhe, sobretudo, a imaginação as impressões do mundo exterior, mas de um mundo exterior á parte, este se resume para elle, quando não na belleza plastica feminina, a lhe inspirar o amor, no genio lyrico da mulher artista, a arrebatal-o nos estos da admiração.

Recordo-me de haver lido em um critico notavel que, si, no dominio das bellas artes, o caracter distinctivo do pintor, do architecto e do esculptor permanece indelevel até o desapparecimento das obras que produzem, na musica dramatica o cunho esthetico dos artistas do canto, mais do que o dos outros interpretes da partitura, vai se

lhe modificando com a idade e afinal se evapóra com o ultimo alento da existencia.

Felizes daquellas divas, que deixam na memoria dos contemporaneos o echo melodioso de seu canto e cuja individualidade, na creação artistica de um papel, parece resurgir para elles do passado, todas as vezes que por outras é desempenhada a mesma partitura, em que ellas se celebrisáram.

Na dynastia, que representa a realeza da arte musical, figuram em plano superior Augusta Candiani e Rosina Stoltz, e, ainda quando das modulações do seu canto só se pudessem recordar até certo tempo os dilettantes que lhes foram sobreviventes, ainda quando se apagassem de todo as memorias theatráes da epocha em que viveram, bastariam para immortalisar os seus nomes os versos arrebatadores de Maciel Monteiro.

Ao ler o soneto:

«Em que fonte de canto e de doçura
Bebeste, ó Candiani, a voz divina?»

e especialmente o primeiro terceto:

«De ferro armada, armada de verbena,
Quem de Norma *infeliz o canto exprime,*
Como tu a paixão, a magua e a pena?»

ninguem deixará de reconhecer que o papel de protogonista da opera de Bellini foi, entre nós, uma verdadeira creação do talento lyrico de Candiani.

E quem ao admirar aquella hyperbole:

«Genio, Genio....inda mais! supremo esforço
Da mão de Deus no ardor do enthusiasmo!»

com que, no delirio phrenetico de uma ovação, glorifica Maciel Monteiro o genio artistico de Rosina Stoltz, em uma representação da *Favorita*, não concordará que a voz sublime da cantôra foi o diapasão, pelo qual concertou o poeta a sua lyra, para proclamal-a uma celebridade na interpretação da partitura de Donizetti?

Esta poesia, em que parece haver o lyrico pernambucano exhaurido todos os thesouros de sua imaginação, é, no sabio conceito de Sylvio Roméro, a prova mais eloquente de que Maciel Monteiro foi um poeta hugoano; e, no estylo em que ella é escripta, descobre o abalisado critico um certo arroubamento, que denuncia uma arte, senhora de si mesma e conscia de seus recursos (40).

Sem alterar o esbatido das tintas, em

---

algumas de suas composições se manifesta o talento descriptivo do poeta; podendo se dizer das suas descripções, que são ellas o que se chama em pintura *echos de luz*, verdadeiras massas luminosas, que, subordinadas á luz principal, não compromettem a unidade do effeito, quando distribuidas gradualmente pelo quadro.

Nenhuma das que se filiam a esse genero excede pela correcção das linhas, pelo brilho do colorido e pela harmonia do conjuncto ao conhecido soneto:

«Formosa, qual pincel em tela fina
Debuxar jamais poude ou nunca ousára»

(40) *Evolução do Lyrismo Brasileiro.*

O retrato, que ahi fica delineado, e diante do qual o poeta, novo Pygmalião, apaixonado pela estatua que esculpira, prorompe n'um rapto de esthético enthusiasmo:

«Mulher celeste, ò anjo de primores!
Quem pode ver-te, sem querer amar-te?
Quem pode amar-te, sem morrer de amores?

suggere a esplendida hyperbole, com que Thomaz Moore, nos seus *Amores dos Anjos*, enaltece a formosura de uma mulher, reunindo-lhe no semblante tantos attractivos que, com o excesso de suas graças, ella poderia embellezar a todas as outras do seu sexo.

Afeiçoado pelos mesmos moldes é o mimoso soneto:

«Era já posto o sol, a natureza
Em ondas de perfumes se banhava»

Nesta producção o vate pernambucano deixa de ser o pintor, que retrata o idolo de seu culto, para empunhar o pincel do paizagista, com que descreve o quadro da natureza ao pôr do sol e, no fundo da téla, a mulher que o deslumbra a reflectir, na tristeza do seu rosto, a melancolia do cahir da tarde.

«Oh pintor que a pintasse!»

exclama elle, ao contemplar o formoso original do retrato, que debuxára no soneto anterior, e, subito, como que arrastado, pela magia de seus olhos, a realizar a vaga aspiração, o anhelo indefinido, o desejo de Tantalo amoroso, que então o dominára, ousa

confiar aos labios da bella, que o fascina esse segredo que, na phrase de Rostand, (41)

> *«.....não quer ser descoberto*
> *E na bocca se diz, de amor sequiosa»*

e que o poeta soube tão habilmente velar na brilhante periphrase do ultimo terceto:

> *«Ao vel-a, ao ver seus olhos matadores,*
> *Voou meu coração aos labios della,*
> *Minh'alma ardente se banhou de amores»*

Na poesia:

> *«Eis-me outra vez da Creação no templo»*

e na que abre com estes versos onomatopaicos:

> *«Trôa o canhão terrivel que apregôa*
> *Os patrios fóros em marcial linguagem»*

(alludindo ao anniversario do juramento da Constituição do Imperio, que o era tambem do natalicio de uma senhora) é ainda a descripção, que aviventa os versos de Maciel Monteiro em vassallagem á dama de seus amores; mas o que torna esta ultima poesia uma peça de incontestavel valor é a combinação da luz e da sombra, a destacar-se do fundo do quadro; é o contraste que offerece a alegria da Creação, trajando galas, na data do natalicio de sua amada, com a tristeza do poeta, cobrindo de crepe, nesse dia, a lyra amatoria de Erato:

---

(41) *C'est un secret qui prend la bouche pour oreille* (Cyrano de Bergerac, troisiéme acte, scéne IX).

«Muda a lyra, na qual sagrei outrora
Tantos hymnos de amor á formosura,
Si do prazer dedilho as cordas d'ouro,
Vibrar a corda sinto da amargura.

Mas, já que em vosso gyneceu risonho
Não póde o canto meu ser hoje ouvido,
Dai, Senhora, que aos echos da alegria
Ao menos se misture um meu gemido»

Melindres talvez de amor mal correspondido, como que se adivinha nesses versos a musa de Sully Proudhomme a comparar a sua magua á eiva, que deixa n'um vaso de crystal o roçagar de um leque peregrino:

«Tal si aquella, a quem amas, vem sorrindo
Pungir-te o coração mesmo de leve,
Este vaso de amor vai se partindo
E a flor, que ahi nascera, morre em breve:

Nada revéla então que a dor o abala,
Que se aprofunda o golpe desferido:
Fibra por fibra o coração estála
Ah! não toqueis n'um coração partido! (42)

E não é só este o sentimento que punge o peito do poeta, em horas de excruciante desalento: é a nostalgia a saturar-se-lhe nos versos «*E eu fico*», compostos nos Estados Unidos, por occasião da volta de um amigo a terras do Brasil: é a ausencia da

---

(42) *Souvent aussi la main qu'on aime*
Effleurant le cœur, le meurtrit;
Puis le cœur se fend de lui même,
La fleur de son amour périt.

Toujours intact aux yeux du monde,
Il sent croître et pleurer tout bas;
Sa blessure fine et profonde,
Il est brisé, n'y touchez pas.

mulher amada, que se lhe esvai como *Um Sonho*:

> «*Ella foi-se e com ella foi minh'alma*
> *N'aza veloz da brisa sussurrante,*

ou como a andorinha, que, em plena primavera, volve aos climas de que emigrára, em vôo emparelhado com o companheiro, que receia se lhe crestem as azas ao calor estival dos salões fluminenses (43) é, em uma palavra, a saudade da amante que enluta a sua alma e lhe aviva no coração esse

> *Delicioso pungir de acerbo espinho*» *(44)*

que elle tão poeticamente define, tomando por thema a *Invocação* do poema de Garret:

> «*Si o cantor de Camões, em estro ardendo,*
> *A saudade pintou com mão tão fina*
> *Que ora as suas doçuras vai bebendo,*
> *Ora sorve o amargor que ella propina,*
> *O que faria, si, de amor gemendo,*
> *Vivêra só por ti, mulher divina?*
> *Ah! só então pintára com verdade*
> *O que eu sinto por ti, o que é saudade*»

e como esta são as demais oitavas, nas quaes canta o poeta as memorias do bem amado, que elle contempla nos prados, nas fontes e nas flores, as vezes em que, igual a Camões, a suspirar de amor nas margens do Ganges, contára á corrente do patrio rio as suas maguas, os seus infortunios, os seus suspiros e por fim a esperança animadora de que não

---

(43) Vide o commentario de Alfredo de Carvalho a essa poesia.

(44) Poema *Camões* de Almeida Garret.

será de ephemera duração a belleza da mulher, que elle idolatra.

Imagem esta de que tanto abusa o poeta, em especial nos cantos genethliacos, na ultima oitava elle a envolve em uma expressiva prosopopéa, representando o tempo a confessar á sua amante:

«*Em ti poder não tenho, que és divina,*
E teus dotes guardar amor me ensina»

Nuvem de vapores a empanar o brilho do sol, para apropriar-me da comparação de uma cultora das lettras, (45) a melancolia sonhadora, de que estão penetrados esses versos e os que lhe recebem o influxo da nostalgia e da ausencia da amada, não constitue felizmente a côr predominante na lyrica de Maciel Monteiro, e, embora de longe em longe, tambem lhe brinca nos labios, saltitante de espirito, a musa da facécia, a guiar a sua penna que epigrammatisa ou as *Posturas Municipaes* (46) ou, sob uma forma allegoricamente rebarbativa, o caracter politico de um seu adversario.

Das composições, que põem em toda a luz a veia satyrica do poeta, sobreleva o espirituoso soneto:

«*Não se minéra só ouro fulgente,*
Que a vista offusca, faz a paz e a guerra»

---

(45) Mm. Louise Em Belloc, traducteur des *Patriarches, des Amours des Anges et des Melodies Irlandaises* (Preface de la traduction des *Amours des Anges*, de Thomaz Moore.

(46) *Si ha posturas de gallinhas,*
Ha tambem municipáes;
Aquellas produzem ovos,
Estas somno e nada mais.

com que elle visa attingir a um funccionario natural de Minas Geraes, que aspira a ser representante de Pernambuco no Parlamento Brasileiro.

Este soneto não fére o contendor com o estylete da invectiva: é antes uma bella allegoria, sob a qual figura o poeta pernambucano o candidato mineiro extrahindo ouro em pó do escrutinio, por um processo especial de metallurgia, applicado á influencia burocratica, de que dispõe na provincia (47).

Nessa interessante producção epigrammatica distinguem-se o segundo quarteto e o terceto final por um quê onomatopaico, que lhes communica o poeta, alli surprehendendo o candidato a crocitar, como um corvo, em torno da urna, onde

«as garras ferra
Para a veia caudal achar fluente»

aqui, n'um ironico *macte animo,* estimulando o novo Vasco da Gama a dobrar o Cabo Tormentorio e, ante a perspectiva de um naufragio, exclamando:

«Oh! meu Deus, que apupada oh! que fiasco»

verso este, cujo rhythmo parece imitar o tom motejador dos apupos e das chacótas da multidão, ao saber-lhe do mallôgro da candidatura.

A critica se tem pronunciado de modo diverso com relação as tendencias amorosas

(47) Era Secretario do Governo.

de Maciel Monteiro, attribuindo-lhe uns a frieza glacial do platonismo, outros o calor do erotismo sensual e sedento de goso.

Dentre os contemporaneos do poeta destaca-se Eunapio Deiró, que o conheceu na plenitude da idade e que, melhor do que ninguem, e em estylo mais aprimorado, testemunha em um trabalho, publicado na *Revista Brasileira*, (48) o que foi o homem que dominava nos salões daquelle tempo, menos pelos amavios do conquistador, do que pela elegancia do vestir, que denunciava o artista de gosto, pela mollicia dos protestos de ternura, que nunca transcendiam as raias do galanteio e pelos effluvios da phrase, que lhe borboleteava nos labios, em blandicias de enamorado trovador.

E esse platonismo, que distinguia o frequentador dos salões, se espelhava igualmente nos versos do poeta, os quaes, bem como a sua conversação, e na phrase do escriptor que lhe foi contemporaneo, rescendiam suavissimos perfumes, que se impregnavam nos espiritos, como o aroma daquella flor que Lamartine descobrira nos jardins do kalifa do oriente (49).

---

(48) Volume 8.º—1881.

(49) *Seu perfume é tão suave*
Que o sheik, fugindo á lança
De alguma tribu inimiga,
Que sobre elle corre e avança,

Pára o corsel, em que monta,
Veloz, qual agua cahindo,
Só para aspirar o aroma
Que exhala seu calix lindo.

(Das *Flores Transplantadas*, volume de traducções poeticas de Regueira Costa.

Sob o mesmo aspecto do salonismo, mas debaixo de um prisma differente, quanto a influencia que este exercera na contextura amorosa do seu lyrismo, se pronuncia Sylvio Roméro, que considera haver sido a sensualidade e a sêde do goso as principaes directrizes da lyrica de Maciel Monteiro (50).

Entre essas duas correntes de opinião que se extremam, uma no platonismo, outra no erotismo *a outrance* dos versos do poeta, é de grande peso o juizo critico de um litterato portuguez, que, muito antes de Eunapio Deiró e de Sylvio Romérc, escreveu sobre a individualidade poetica do genial pernambucano.

Refiro-me a Raposo de Almeida, que, em uma *Conferencia Litteraria,* publicada em 1863, (51) foi o primeiro a comparar ao dos poetas da Hellenia o lyrismo de Maciel Monteiro, cujas poesias, no seu entender, respirando o sensualismo recatado e transparente do lyrismo grego, se assemelham a essas estatuas, de que não se podem ver as formas, mas onde se deixam ellas perceber atravez da simples roupagem.

Não serei eu, portanto, quem, no meio desse desencontro de opiniões, me aventure a provar que o mavioso poeta pertenceu á seita dos *agynianos* e que o fogo de Vesta arde perennemente nos seus versos amorosos.

Em algumas de suas composições e nomeadamente na que se intitula *Amanhã* e onde ha esta bonita hypotypose:

---

(50) *Historia da Litteratura Brasileira.*
(51) Diario de Pernambuco de 6 de Fevereiro.

«Junto della ninguem 'stá velando,
Mas, por entre os arbustos viçosos,
Os raminhos co' as mãos afastando,
Vem o amante com passos cuidosos»

nem sempre o vate pernambucano se manifesta o apostolo fervoroso da religião, que elle consubstancia no soneto *Amor Ideal*, offerecido a sua *Lilia*; nem sempre:

«Desejos mil queimar em casta chamma
E a c'roa do martyrio, em premio tardo,
Na fronte receber que elle orna e enrama» (52)

constitúe o principal artigo da fé religiosa, que professa o pio bardo.

Simples peccados veniaes, em que incorre o poeta contra a idealidade do seu culto, não podem elles ser invocados para caracterisar, em absoluto, a lyrica amorosa de Maciel Monteiro, da qual, si não resumbra a sensualidade e a sêde do goso, como pensa Sylvio Roméro, muito menos a concupiscencia, que lhe emprestam os que têm escripto posteriormente á sombra de seu nome, fundando-se nas poesias, que correm impressas até hoje e nenhuma das quaes autorisa tão injusta apreciação.

O proprio escriptor da *Historia da Litteratura Brasileira* reconhece que os seus canticos não descem nunca á licenciosidade; observando ao contrario, tanto naquella obra monumental, como em um recentissimo estudo sobre a evolução do lyrismo entre nós, que elle gosta de revestir as suas

(52) *Amar amar um anjo de candura* (soneto).

amantes de imagens ethéreas, requintando-as de delicadezas e arrastando-as n'uma especie de volupia sobrenatural e super sensivel.

E é essa mystica do amor e do galanteio, como lhe chama Sylvio Roméro, que, a meu ver, espiritualisa até certo ponto o lyrismo amoroso do poeta.

As Venus, que elle cinzéla e os hymnos entoados ás deusas do seu culto, recordam, aquellas a diaphaneidade plastica e a expressão do pudor instinctivo, que caracterisam a estatua da Venus de Medicis, estes a casta sublimidade do *Canto de Amor* de Lamartine, que é para elle uma especie de *Cantico dos Canticos,* mas onde as notas são menos penetrantes e as cores menos orientaes que as do poema epithalamico de Salomão (53).

O fundo romantico da lyrica de Maciel Monteiro é como o d'aquella amphora, de que nos falla Horacio, o qual conserva por muito tempo o aroma do primeiro licor que recebera.

Eis porque, poeta de transição entre o classicismo e o romantismo, (54) ainda bafeja os seus versos um fugitivo sopro mythologico no *Hymno ao 7 de Setembro:*

> «*Quão risonho no horisonte*
> *Surge o Deus da cláridade*

---

(53) Commentaire à la poesie—*Chant d'Amour* (Sécondes Méditations Poétiques).

(54) Na sua obra «Evolução da Litteratura Brasileira» Sylvio Roméro contempla Maciel Monteiro no primeiro momento do periodo romantico.

na glosa ao mote:

«No collo de Annalia bella
Só Jove deve deitar-se»

no canto genethliaco:

«Balançando-se n'haste voluptuosas,
Quão linda gala trajam hoje as flores!
Dir-se-ia para gloria de enfeitar-vos
Que orvalhou-as na aurora a mão de Amores» (55)

e no soneto:

«Sonhei que, nos teus braços reclinado,
Teu rosto encantador, oh Deusa, eu via»

. . . .

«Em extasi suave, em que bebia
O nectar nem por Jove inda libado»

Onde, porém, o poeta não se póde desagrilhoar inteiramente do classicismo é na forma, com que burila as creações do seu ideal.

O soneto, que, atravez de tantas modificações no metro e na ordem das rimas, se tem transmittido aos progonos de todas as escolas, até a do decadismo ou decadentismo actual, é em Maciel Monteiro uma primorosa obra d'arte, de molde camoneano.

Como resquicios do classicismo tambem se lhe entrelaçam nos versos romanticos as Fildes e as Annalias, as coplas e os madrigaes, os monosticos e as colcheias, as decimas subordinadas ás exigencias antigas da metrica e da consonancia, e mais raramente

(55) Vide nota 26.

a quintilha e a oitava rima portugueza ou italiana.

Desta só se utilisa Maciel Monteiro, a proposito do *Camões* de Garret, talvez para trazer á memoria a forma classica, que adoptara o vate portuguez na composição dos *Luziadas*, forma esta posteriormente alterada pelo Barão de Paranapiacaba (56) ou para dar as proporções de uma epopéa ao poema do chefe do romantismo em Portugal, a quem paga elle mais um feudo de sua admiração, epigraphando a poesia *E eu fico*, com as sentidas estrophes d'aquelle poema:

«Oh saudade!
Magico nume que transportas a alma
Do amigo ausente ao solitario amigo»

A metrica de Maciel Monteiro é mais copiosa nas estancias de quatro versos e nestas nunca o primeiro verso rima com o terceiro, falta esta de que não estão isentos os poetas romanticos do seu tempo nem os da geração que lhe succedeu, e da qual, como observa o profundo critico José Verissimo, (57) só se redimiu Machado de Assis, que, muito antes dos parnasianos e nas suas *Chrysalidos*, timbrou em dar maior unidade e belleza á estrophe e em vencer mais essa difficuldade da technica de sua arte.

Abre uma excepção a esta deficiencia de rimas a Cançoneta ás *Pernambucanas Baronistas*, cujos versos são sempre rimados, o segundo com o terceiro, rimando invaria-

(56) *Camoneana.*
(57) *Estudos de Litteratura Brasileira* (Quarta Serie).

velmente, entre si, o quarto verso de cada estancia, como nas quadras seguintes:

«Não busqueis mais outro esmalte ;
Ornamento da belleza
E' a simples natureza,
Que singela conheceis.

A innocencia é formosura ;
O que é simples faz o bello ;
Não fujais deste modelo
E nem d'outro careceis»

A' sufficiencia e por vezes á riqueza da rima reune o poeta pernambucano a variedade prismatica do metro, onde estão representados, desde o dissyllabo ou quebrado de redondilha menor até o decassyllabo ou heroico.

A delicada composição poetica *Inspiração Subita* é um especimen do verso dissyllabo:

«Tão só,
Tão bella
Stá ella,
Que ao vel-a
Assim,
Dir-se-ia
Alfim
Que a luz
Do céo
Empana
Um véo,
Ou que,
Tambem,
Os Anjos
Já têm
Amores
E dores»

Como exemplo do quadrasyllabo, anacreontico ou archaico, figura a poesia offerecida a R. S. A.

«Tambem no bosque,
Na selva escura,
Existem typos
De formosura»

Do quinario ou redondilha menor a sua lyrica offerece excellentes modelos nas estancias *A uma joven!*

«Eu gosto de ver
Uns olhos gentis;
Mas, quando os teus vejo,
Seu doce lampejo
Me faz tão feliz!

e no epicedio á morte de uma creança, em que se confundem as duas especies desse metro:

«Dormiste na terra
No céo accordaste:
Foi a vida um sonho
Que entre nós passaste»

Dentre as suas producções originaes (58) o senario ou heroico quebrado só é utilisado pelo poeta para fechar as estancias da *Ode*, em que elle memora o nascimento de uma senhora:

«Ao ver-vos sua igual, no empyreo os anjos
Hymnos de amor cantaram nesse dia;
E o que se escuta, si fallais, é o echo
Da angelica harmonia»

---

(58) Nas traducções de Lamartine *O Lago* e a *Mme. Mickatowska* emprega tambem Maciel Monteiro o verso senario ou terminando cada estrophe ou intercalando-o com o decasyllabo.

Mais numerosos do que os anteriormente apontados, são os versos setenarios ou de redondilha maior, dos quaes estão reunidas, na estrophe seguinte, (59) as duas variedades:

«Tudo quanto a natureza
Tem de graça e de primor
Tu resumes, minha Lilia,
Si te namoras de amor»

O metro enneasyllabo, chamado de Gregorio de Mattos ou italiano, é unicamente empregado pelo bardo pernambucano na poesia *Amanhã*:

«Extremoso mancebo adorava
Gentil moça, feitiço de amor;
Era dama, que em graças primava
E primava tambem no rigor:
Que esperanças constante accendia,
Mas que nunca um favor concedia».

Nenhum metro, porém, se presta melhor para engastar as pedras preciosas do genio de Maciel Monteiro do que o decasyllabo ou heroico, em que elle canta a mulher que o arrouba nos extasis da paixão ou o transporta de enthusiasmo na admiração de seu genio de artista.

Uma unica poesia é calcada em decasyllabos saphicos e esta é a em que o poeta sauda o auspicioso talento genial de Rosina Laborda:

«A estrella d'alva lá no ceu desponta
E logo a aurora nos sorri gentil;
Succede o dia, cuja luz derrama
Por sobre os campos seus encantos mil»

---

(59) Poesia *A' Lilia*.

Exceptuando esta composição, que incontestavelmente occupa um lugar inferior na lyrica de Maciel Monteiro e a que se denomina *Um Sonho*, onde ha esta estrophe:

> «*Pouco e pouco empanou-se a luz confusa,*
> *Que me sorria lá dos olhos seus,*
> *E, d'alem ondulando uma aura amiga,*
> *Aos meus ouvidos repetiu adeus.*»

nos demais decasyllabos, ou se trate do soneto ou da oitava ou das estrophes em quadra, recorre invariavelmente o poeta á rima feminina, como a mais propria talvez para inhalar nas poesias, em que elle canta a formosura e o genio artistico da mulher, um certo perfume de doçura attractiva, tão caracteristica da graciosa inspiradora dos seus cantos.

O emprego successivo da rima feminina, no segundo e quarto verso da estancia, entremeada esta no primeiro e no terceiro, de versos graves não rimados, tornaria monotono esse metro, si o hemistichio recahisse sempre na sexta syllaba e não alternativamente na quarta, e si o poeta não intercalasse, por vezes, na estrophe um verso exdruxulo solto, que tanta imponencia communica ao decasyllabo e tão elegantemente concorre para a harmonia metrica do conjuncto, como na estancia que se segue:

> «*Eis-me outra vez da Creação no templo,*
> *Adorando, Senhora, os seus primores*
> *E no altar, que occupais, augusto, esplendido,*
> *Queimando incensos, derramando flores*»

Nas composições de medida inferior ao decasyllabo não guarda o poeta nem a uniformidade da rima, no segundo e quarto verso da estancia, a qual, ora é feminina ora masculina na mesma poesia, nem a accentuação da ultima syllaba, nos versos restantes, que, ou são todos graves, ainda mesmo com as consonancias finaes femininas e de que é exemplo esta estrophe: (60)

«Como o perfume das flores
Suave aqui se derrama!
Assim a loura madeixa,
Solta ao ar, tudo embalsama»

ou a maior parte permeada de um verso agudo, quer sejam femininas, quer masculinas as consonancias finaes, como se vê nesta estancia: (61)

«De greda formada
A carne perece,
Mas a alma no céo
Eterna esplendece»

e nesta igualmente: (62)

«O concerto ouvi das aves
Da aurora saudando o alvor:
Pareceu-me ouvir-te a voz,
Quando tu fallas de amor»

Alem destas, nas estrophes de mais de quatro versos, exceptuando somente uma quintilha da poesia *E eu fico*, toda ella es-

(60) Poesia *A*···

(61) No cenotaphio de Luiza de França Archanjo Ferreira.

(62) Vide nota 59.

cripta em rimas agudas, o uso intercalado das duas especies de rimas, emprestando á producção poetica uma certa variedade, contribue harmonicamente para quebrar a monotonia, resultante da uniformidade da consonancia final.

Nestas condições me parece que nenhuma das poesias, que compõem a lyrica de Maciel Monteiro, póde disputar primazias com a mimosissima decima, em que glosa elle de improviso o suggestivo

MOTE

«Deixa beijar-te, meu bem»

GLOSA

«Suspende, Annalia divina,
Do teu recato o pudor;
Não beija o zephyro á flor?
Não beija a aurora á bonina?
Quando o sol meigo se inclina
Não beija as ondas tambem?
Si ao terno pombo convem
Beijar a rola innocente,
Si a natureza o consente,
Deixa beijar-te, meu bem.

Fallando principalmente á imaginação, o lyrismo de Maciel Monteiro, posto se afeiçôe de preferencia á indole poetica de Victor Hugo, não deixa por isso de pairar nas espheras serenas, em que se libra Lamartine, sempre que a nota de um sentimento lhe vibra na gamma do coração.

Essa affinidade com o cantor de Jocelyn se lhe denuncia, não somente nas poesias de caracter subjectivo, (63) senão tambem na faculdade de assimilar, em nossa lingua, os maviosissimos accentos da lyra lamartineana.

A trasladação poetica de qualquer composição não requer simplesmente que o traductor conheça perfeitamente os segredos dos dous idiomas, mas, sobretudo, que se identifique tão psychicamente com o autor que, na interpretação do original, se confundam os echos com os accordes, na intensidade sonora do diapasão.

De taes requisitos se revela Maciel Monteiro possuidor na traducção das poesias de Lamartine, que elle soube transplantar para a nossa lingua, com a mesma facilidade e tacto com que, servindo-me de alheia expressão, (64) a fada de Lockman fazia passar da Persia para Medina os sonhos voluptuosos de Demavend.

Dispondo de um senso esthetico admiravel, foi nas *Meditações Poeticas* do eminente lyrico francez que o vate pernambucano escolheu as producções, que mais se lhe casavam com a alma vibratil de paixão e de saudade.

Dentre estas é digna de um destaque especial a da poesia *O Lago*, esse lago que,

---

(63) Estas poesias são epigraphadas com estancias de Lamartine, ao passo que o são com estrophes de Victor Hugo as que fallam mais á imaginação do que ao sentimento.

(64) Soares de Azevedo, em uma apreciação sobre as *Flores Transplantadas*,

no dizer de Carlos Guido e Spano, (65) embalou nas suas ondas suspirantes o fragil batel da felicidade platonica do poeta, e onde parece haver o coração de Maciel Monteiro recebido tambem o seu baptismo de amor, para traduzir o sentimento que inspirara a Lamartine aquella *Meditação.*

Escripta em estrophes de quatro versos, sendo alexandrinos os tres primeiros e, nas que encerram apostrophes ao tempo, somente o primeiro e o terceiro, essa poesia foi vertida por Maciel Monteiro em decasyllabos graves; e tanto o original como a traducção terminam por um senario, metro este que é mais de uma vez empregado em algumas estancias.

O valor dessa traducção resalta da escolha do verso solto, em cujo manejo nenhum poeta brasileiro levou posteriormente vantagem ao cantor dos *Tymbiras.*

Não o havendo empregado exclusivamente em suas composições originaes, Maciel Monteiro o reservou, como o de mais plasticidade, para, em uma lingua naturalmente musical, qual é a portugueza, remodelar aquella Meditação de Lamartine, e de assim o haver comprehendido dão testemunho as estrophes, com que elle preludia a sua traducção:

«Errando sem cessar de plaga em plaga,
Da noite eterna o golphão demandando,
Não poderemos nós, no mar dos evos,
Ancorar um só dia?»

---

(65) Poeta e litterato argentino, em um substancioso juizo sobre Lamartine.

«O' lago, um anno é findo e em tuas margens
Tão queridas que inda ella ver quizera,
Repara: eis-me hoje só sobre esta penha,
Em que a viste sentada!...»

Com a mesma arte, nas estancias subsequentes, interpreta o poeta pernambucano a Lamartine, aproveitando a flexibilidade do verso branco para, na ausencia das consonancias finaes, adaptal-o ao fundo e á forma da poesia franceza, aqui imitando onomatopaicamente as ondulações harmonicas do lago:

«Assim fremias tu nas cavas rochas»

. . . .

«No crébo estrepitar de tuas ondas»

alli, pela intercalação de um exdruxulo, exprimindo o deslisar do batel, ao impulso dos remos:

«Uma noite, em silencio nós vogavamos»

ou a rapidez das horas de deleite:

«Para, ó tempo, o teu vôo, horas propicias,
Suspendei vosso curso»

. . . .

«Acaso pregareis sublimes extasis
Que nos roubais? Dizei-nos»

mais alem, na ultima estancia, e depois desta optativa exclamação:

«O' lago, ó gruta, ó selvas, ó rochedos,
Vós que o tempo respeita ou que remoça,
Desta noite guardai, guardai vós todos
Ao menos a lembrança!»

se identificando intimamente com Lamartine na traducção dos votos, que exhala o seu coração apaixonado, para que todos os echos daquelles sitios repitam que o lago, que elle canta, foi o espelho que reflectiu o céo de amor de Raphael, nos primeiros annos de sua juventude: (66)

«E a aragem que suspira, a haste que geme,
Do teu ar perfumado o alado aroma,
Tudo, emfim, que se vê, ouve ou respira,
Repita: elles amaram!

Plasmada pelos mesmos moldes é a traducção da poesia, que Lamartine offerece a Mme. Mickatowska, e na qual o sentimento, que lhe aviva a inspiração, é o amor depurado no crysol do mais puro idealismo.

Nesta producção, ao contrario da que elle consagra á sua Elvira, é o poeta quem confessa á encantadora filha da Polonia que a morte do vate é sem reflexo e que a sua maior aspiração é ser amado por ella, para que possa conquistar a immortalidade, que lhe nega o porvir, mas que lhe sorri nos devaneios de seu platonismo.

Transplantando essa poesia para o portuguez, Maciel Monteiro, sem transfigurar o pensamento do autor, esmerou-se em retocal-a artisticamente na forma, servindo-se dos decasyllabos, em vez dos alexandrinos e rema-

---

(66) No Commentario a essa Meditação confessa Lamartine que *O Lago* foi a poesia que mais intensamente echoou na sua alma, porque a realidade é sempre mais poetica do que a ficção e o grande poeta é a natureza (Prémières Méditations).

tando sempre cada estancia por um senario ou heroico quebrado.

Essa traducção, como a d'*O Lago,* é toda escripta em versos soltos e com estes em nada desmerece o colorido da poesia franceza; não concorrendo menos para isso a intercalação de um exdruxulo ou dactylico, em algumas estrophes, o que, de par com a distribuição exacta de hemistichio, se presta elegantemente a preencher a ausencia das consonancias finaes e, de alguma sorte, afinar a traducção pela mesma clave do original.

Comprovam o que acabo de dizer as primeiras estancias da versão de Maciel Monteiro:

> *«Vê o cysne no lago a sua imagem,*
> *Na propria luz debuxa-se o relampago,*
> *No oceano o céo se vê, Deus no Universo*
> *E no porvir o homem!*
>
> *«No porvir! Desmaiado e frio interprete,*
> *Espelho baço, qual do norte a lympha!*
> *E seu prisma e fulgor que importa ao vate*
> *Si a morte é sem reflexo?*

A estrophe final, e na qual Lamartine resume o seu poema de amor á joven polaca, é ainda uma prova da propriedade, que tem o verso dactylico, de quebrar a monotonia dos versos graves e de imprimir á composição poetica uma feitura especial:

> *«De dia na soidão seguir-te os passos,*
> *De noite vigiar-te á luz da lampada,*
> *Ser quem amas e a sombra, com que sonhas:*
> *Eis minha eternidade»*

XLV

Traduziu tambem Maciel Monteiro a *Invocação*, uma das Meditações de Lamartine.

Esta poesia é um hymno, que o poeta desfere na sua lyra, ao contemplar a mysteriosa entidade, que lhe affaga a imaginação, como a visão passageira de um sonho e diante da qual elle exclama:

«Oh tu que eu vi surgir neste deserto,
Habitante do céu aqui 'strangeira,
Oh tu, que aos olhos meus brilhar fizeste
De amor um raio nesta noite inteira....

Modelado em alexandrinos e octonarios, Maciel Monteiro só conserva do original a divisão igual das estancias e o numero de versos de que cada uma se compõe, o que aliás observa elle em todas as suas outras versões, adoptando nesta tambem o decasyllabo, menos no final da primeira estrophe, que é fechada por dous setenarios.

A excellencia dessa traducção sobre as demais do poeta pernambucano resulta do emprego das consonancias finaes, (que são todas femininas) difficuldade esta que elle se impoz e que caprichou em vencer, deixando unicamente de rimar o primeiro e o terceiro verso da primeira estancia e o segundo da estancia immediata.

Guardando a maior fidelidade ao original, deste reproduz o traductor esse quer que seja de vaporoso, de vago e de indefinido que inunda a alma extasiada de Lamartine e que se evóla docemente, já em apostrophes interrogativas:

«E's d'aqui da terra filha
Ou és um sopro divino?»

«Pretendes tu volver ao firmamento?
Ou, no luto, na dor e na miseria,
Entre nós proseguir teu curso lento?»

já em deprecações fervorosas, em face da apparição, que o deslumbra, nos espasmos do seu ascetismo amoroso:

«Quanto eu viver, concede-me o indulto
De te dar meu amor, dar-te meu culto»

. . . .

«Na terra ama-me, emquanto nella fores,
No céo tróca em lembrança os teus amores.»

O Ramo de amendoeira assim se baptisa uma das *Meditações* de Lamartine, que Maciel Monteiro traduziu.

Concepção inspirada por uma joven da Laricia, que, desejando mil venturas ao poeta, lhe atirara um ramo de flores de amendoeira, em sua passagem por Albano, essa poesia, como lembra Lamartine, (67) foi um triste presagio de morte para Madama de Genoude, a quem elle offerecêra os seus versos, ao regressar de Terracina a Paris.

Atravez dos toques de meiga melancolia, que della resumbra, nessa Meditação parece sentir-se o mimo, a graça e a delicadeza de uma ode anacreontica, a advertir-nos da duração fugaz da belleza e a convidar-nos aos gosos do amor e do prazer, antes que em-

(67) No commentario a essa Meditação (Sécondes Méditations).

murcheça a flor ephemera da vida; imagem esta que Maciel Monteiro tão fielmente reproduz na sua traducção:

«Quer colhida em nossa fronte,
Ou nas mãos de amor, quer fóra,
Ella escapa folha a folha,
Como o prazer d'hora em hora».

. . . .

«E já que as rosas tambem
Soffrem da morte o rigor,
Ao menos não emmurcheçam
Senão nos labios do amor».

Como estas, as demais estrophes d'*O Ramo de amendoeira*, compostas em quartetos de versos octonarios, foram vertidas pelo vate pernambucano em quadras de metro heptasyllabo, onde, salvo nas estancias que abaixo transcrevo e que constituem uma excepção na lyrica de Maciel Monteiro, só o segundo verso rima com o quarto, sendo indistinctamente femininas ou masculinas às consonancias finaes, graves ou agudos os versos soltos, que se lhes interpõem:

«Tu és, ó haste florida,
O emblema da formosura:
Como tu, a flor da vida
Floresce e cai prematura»

«A belleza fugitiva
E' qual flor d'alva, que alfim
Em a fronte do conviva
Se esfolha, antes do festim».

Ultima Meditação de Lamartine, que elle traduziu, Maciel Monteiro teve tambem

o talento de transfundir n'*O Ramo de amendoeira* o perfume do lyrismo grego, que se desprende da grinalda do velho de Téos e, naturalizando essa *Meditação* em nosso idioma, bem como *O Lago*, a poesia a *Mme. Mickatowska* e a *Invocação*, conquistou os bravios da victoria sobre todos os outros traductores da lyrica lamartineana.

O celebre Gœthe, (68) mais do que no original allemão, se deliciava em ler o seu *Fausto* na traducção franceza de Geraldo de Nerval, onde tudo para elle era vivacidade e frescura, sentindo-se sobremaneira orgulhoso de que a sua obra se tivesse feito valer em uma lingua, em que Voltaire dominara como rei.

O mesmo prazer, o mesmo desvanecimento deveria experimentar Lamartine, ao ver-se interpretado por Maciel Monteiro na lingua de Camões, este poeta que lhe merecia uma veneração igual á de Gœthe pelo autor da *Henriada,* essa lingua, que elle aprendera com Filinto Elysio, para melhor admirar as bellezas dos *Luziadas*. (69)

———

Não é isenta de senões a lyrica de Maciel Monteiro, e algumas de suas poesias incorrem no prasmo da critica por descuidos de forma, consistindo estes, entre outros, em versos asperos ou pouco euphonicos:

(68) Traducção franceza do *Fausto* de Gœthe, por Geraldo de Nerval (Quarta edição).

(69) Assim se pronuncia Lamartine no Commentario á Meditação *La Gloire* offerecida a Filinto Elysio (Prémières Méditations).

«A sentir té amar a penha dura» (70).

Breve o tornarás a ver;
Tens do exilio o perdão;
Mas eu que o não hei de ter
Sinto no peito gemer
O meu triste coração (71).

em estrophes erradamente metrificadas:

Amemos, pois, amemos fugaz tempo
«Eia, aproveitemol-o» (72).

em collisões:

«Eis como, minha Lilia, elle arde, elle ama» (73).

«As aves que na selva a alva saudam» (74).

«Dos remos que cadentes te talhavam» (75).

em hiatos:

«Dá a aragem nova força» (76).

«A ave mais doçura em seu trinado» (77).

«Formosa pagina te destina a arte» (78).

«A aurea folha da luzente gloria» (79).

---

(70) Soneto a Augusta Candiani.
(71) Poesia *E eu fico*.
(72) Traducção d'*O Lago* de Lamartine.
(73) Vide nota 23.
(74) Vide nota 26.
(75) Vide nota 72.
(76) Aos annos de Mlle. ***
(77) Vide nota 26.
(78) Poesia a Rosina Laborda.
(79) Vide nota antecedente.

em cacophatons:

> «*Das mãos do Creador vos escapastes,*
> *Cahistes cá na terra* (80).

e finalmente em monophonias ou echos:

> «*Oh destino cruel, óh sorte dura,*
> *Nem me perdura um vão contentamento*
> *Nem me perdura em sonhos a ventura*» (81).

> «*Coragem, dobra o cabo ousado Vasco*» (82).

Vicios estes de harmonia, contra os quaes não podem atirar a pedra os poetas classicos e romanticos, que mais se preoccupavam com o pensamento, ao inverso dos parnasianos no seu fetichismo pela forma, não são elles numerosos nos versos de Maciel Monteiro, ***ubi plura nitent*** e onde nenhum vicio de construcção vem deslustrar a obra poetica do eximio pernambucano.

O solecismo que a muitos se afigura haver elle commettido neste terceto (83)

> «*Formosa, qual si a natureza e a arte,*
> *Dando as mãos em seus dons, em seus lavores,*
> *Jamais soube imitar no todo ou parte*»

nada mais é do que uma licença poetica, uma verdadeira syllepse de numero, figura esta de effeito feliz em uma composição sinthetica, como é o soneto, em que a concisão

---

(80) Ode.
(81) *Sonhei que nos teus braços reclinado* (Soneto).
(82) *Não se minera so' ouro fulgente* (Soneto).
(83) *Formosa qual pincel em tela fina* (Soneto).

da forma deve corresponder á simplicidade do sublime.

As suas poesias têm, em geral, o movimento da ode, que é o enthusiasmo da inspiração e este, na lyrica de Maciel Monteiro, nunca degenera na emphase, porque é natural e não artificialmente creado pelo abuso dos tropos e das figuras de construcção e de pensamentos.

Tão pouco o ouro de sua elocução é igual ao das minas da *Lagenia*, que só se encontra na superficie (84), pois, atravez do estylo figurado, de que elle usa com sobriedade, vemol-o brilhar, em toda a sua pureza nativa, na linguagem classica e quanto possivel estreme de archaismos, na vernaculidade da lingua, refundida no cadinho dos bons modelos, e na opulencia da dicção vocabular, convenientemente expurgada de neologismos.

Havendo aprimorado em Paris a sua educação litteraria e florescendo em uma epocha, em que, na lingua portugueza, a litteratura se resentia principalmente da influencia da escola romantica (85), maravilha com effeito (e seja este o seu maior elogio) que nem mesmo nas traducções de Lamartine se deixasse seduzir Maciel Monteiro pelos peregrinismos de procedencia franceza, qualidade esta que prova, em summo grau, o conhecimento que tinha o poeta da lingua em que

(84) Na III *Melodia Irlandeza* refere-se Thomaz Moore ao ouro dessas minas, que elle compara ao amor de uma joven. (Traducção de Louise E. Belloc).

(85) João Ribeiro.

escreveu (86) e com este, em toda a sua nitidez, a comprehensão daquelle pensamento de Victor Hugo: O estylo é como o crystal: a sua pureza faz o seu brilho (87).

Antes do islamismo celebrava-se periodicamente na Arabia um concurso de poesia, e o canto ou *cassideh,* que colhia o premio da victoria, era suspenso nas paredes da mesquita de Meca. (88).

Esta honra, a de ser collocada no templo da nossa litteratura, confere hoje a Academia Pernambucana á lyrica de Maciel Monteiro, o bardo que teve, como Homero, os seus *cantores do ramo* (89), o vate que, no concurso entre os poetas que illustraram o primeiro momento do periodo romantico no Brasil, é incontestavelmente o que reune mais votos para ser coroado com a laurea do certamen.

Disputar-lhe esse direito fôra declinar a competencia, com que Sylvio Romero, o pontifice da critica entre nós, acaba de sagrar

---

(86) E não só o conhecimento, o amor da lingua vernacula se lhe revela nos versos *E eu fico*, que elle escrevera em Nova York:

> «*O facil trato da vida*
> *Lá o tornarás a ter,*
> *Na nossa lingua querida,*
> *Que esta raça presumida*
> *Não quer nem póde entender.*

(87) *Odes et Ballades* (Preface).

(88) *Les Orientales* (Note XI).

(89) Boileau, e com mais fundamento Villemain, estudando a etymologia do vocabulo grego, chama *cantores do ramo* aos que, com um ramo de louro na mão, recitavam, de cidade em cidade, os versos de Homero.

solemnemente o seu nome nestas palavras, que hão de passar á posteridade e com as quaes seja-me licito encerrar a minha despretenciosa apreciação sobre a lyrica do poeta pernambucano :

« *Em Maciel Monteiro a arte da poesia reveste uma lucidez e uma transparencia de roupagens, como raras vezes tem acontecido na lingua portugueza. E' o mais antigo poeta hugoano do patrio idioma nos dous hemispherios.* » (90)

JOÃO BAPTISTA REGUEIRA COSTA.

(90) Vide nota 40.

Biographias
e
Juizos Diversos

A. P. Maciel Monteiro

NA HISTORIA litteraria de todas as nações ha nomes, que se não podem pronunciar, sem que os olhos brilhem de enthusiasmo, sem que uma nuvem de orgulho venha desenhar-se nas faces.

E esse enthusiasmo que altiva—e esse orgulho que ennobrece—sobem de ponto, quando apenas no alvorecer da existencia de um povo, já tem, olhando para as estradas percorridas, que apontar-se para uma civilisação burilada pelos frisos de alguns nomes gloriosos.

O Sr. Antonio Peregrino Maciel Monteiro é incontestavelmente uma das glorias do Brasil.

-- Orador, como Diderot, com a sua elocução atrevida e brilhante, do alto da tribuna, tem conquistado por vezes a attenção do paiz ; — poeta, como Lamartine, no fervor da inspiração, assignalou a sua personalidade, merecendo os applausos d'aquelles que porventura têm lido as paginas sublimes do seu inebriante lyrismo.

A poesia, que são as flôres mais cheirosas da sua corôa de gloria, se lhe revela omnipotente e viçosa como os primeiros arrebentos de uma arvore das mattas; encantadora e ridente como o florescer das campinas; apaixonada e estremecida como o ramalhar das palmeiras aos ventos namorados de uma tarde de Agosto. A poesia é a sua vocação principal—a poesia é sua alma.

— E é por isso que as suas harmonias ainda não emmudeceram aos encontros perigosos das conveniencias sociaes, e, como muitas lyras, a sua não deixou-se envolver nos torvelinos intrincados do positivismo da vida.

— E é por isso que lá do centro da arena politica—a sua voz se levanta para traduzir os reconditós segredos do seu coração, para embalar os magicos transportes de sua alma de poeta.

A verdadeira poesia é um culto—é um sacerdocio. Aquelles que legitimamente o exercem, aquelles que foram por Deus escolhidos para esse apostolado sublime, têm sempre uma harpa afinada, em que os sentimentos da alma se expandem livremente; têm sempre um coração bafejado das melodias celestes; têm sempre um hymno mimoso, que se evapora em perfumes, para subir e perder-se entre os suspiros dos anjos.

E' assim—David occupava por mais vezes o sceptro da poesia, do que o sceptro da realeza; as cordas obedientes de sua harpa melodiosa dobravam-se mais vezes ao impulso dos seus dedos, do que os seus vassallos ao impulso das suas ordens.

A França olha com mais enthusiasmo para o Lamartine das Meditações e das Harmonias,

do que para o Lamartine da Revolução de 1848.

Portugal orgulha-se mais de ter sido a patria do auctor do Camões e D. Branca, do que do Visc. de Alm. Garrett.

E esses grandes homens—apercebendo a missão grandiosa que tiveram sobre a terra—não na desmentem ; e, como os heroes do Christianismo atravez das fogueiras e das perseguições, ás vezes a purificam nos crisóes do martyrio, como o Tasso nos grilhões de Ferrara, Thomaz Gonzaga nos desertos africanos, Chatterton no suicidio, Victor Hugo no desterro e André Chenier no cadafalso !

O Sr. Maciel Monteiro é uma dessas vocações decididas ; a sua lyra pode por algum tempo calar-se ;—depois, os cantos se lhe acordam em borbotões ruidosos e sonoros, como as cataratas do Niagara ;—os versos brotam livres e animados, como as palavras da bocca eloquente de Mirabeau, o orador das revoluções.

O amor voluptuosamente typificado nas formas peregrinas de uma mulher que o embriaga —é sempre o thema das suas mais bellas composições, e longe de similhar-se ao mysticismo, que depura as paixões de Lamartine,—é profano como o do infeliz poeta da *Jeune captive.*

Porém que de melindrosos extremos não lhe desperta esse sentimento, que faz vibrar as harmonias de sua alma, na contemplação artistica de uma mulher formosa, que dos olhos despede raios, e dos labios flores,—raios, para avivar-lhe as centelhas da inspiração,— flores, para perfumar-lhe a melodia dos versos !

Quem não conhece que o poeta decerra os labios—não para que as turbas o admirem, não para que os applausos lhe embalem o amor-proprio ; mas sim para cumprir a fatalidade do

seu lyrismo, e para transvasar os golphams espontaneos de poesia, que lhe borbulham do coração!

Ouvi-o n'estes versos sublimes, escriptos á Mme. Stoltz:

Genio!... genio!... inda mais!—supremo esforço
Da mão de Deus no ardor do enthusiasmo!
E's anjo, ou és mulher, tu que nos roubas
Do culto o amor, o extasi do pasmo?

Admirai as suas bellezas, a prodiguez das suas imagens, a originalidade dos seus pensamentos, e concordai commigo de que o Brasil já tem nos seus poetas—uma gloria certa e segura, que o torna distincto no mappa das nações civilisadas.

O soneto—essa forma difficil, que o seculo tem tão extravagantemente torturado, — esse molde que depois de Bocage devia de desfazer-se—é mais de uma vez bem comprehendido e melhor desempenhado pelo Sr. Maciel Monteiro.

E' bello um dos seus sonetos, escripto na effervescencia do enthusiasmo pelo talento musico de uma actriz;—principia assim:

Em que fonte de canto e de doçura,
Bebeste, ó Candiani, a voz divina?

Outro, em que o poeta descreve a formosura da sua amante, onde reflectem os laivos brilhantes do seu estro inflammado, em nada é inferior ao—Si é doce no recente ameno estilo—do patriarcha dos sonetos.

Eil-o:

Formosa, qual pincel em tela fina
Debuxar jamais poude, ou nunca ousára;
Formosa, qual jamais desabrochára
Em primavera a rosa purpurina,

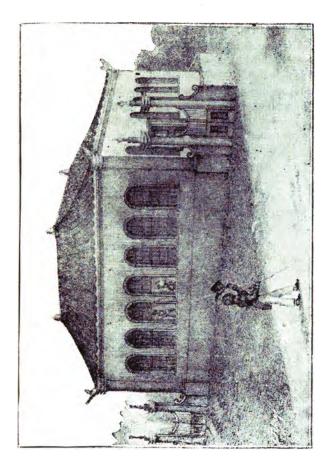
Para consolidar a reputação do poeta bastariam os seguintes versos, que são—de per si—um primor inestimavel,—versos sublimes, em que o auctor, remontando-se nas azas cambiantes da sua imaginação, sóbe o mais alto que é possivel—nos extasis sanctos do mais fervoroso enthusiasmo:

> Si olhaes, raios do céo a terra acclaram;
> Si rides, anjos mil espargem flôres;
> Ao contemplar, Senhora, taes prodigios,
> Dir-se-ia que por vós—Deus sente amores.

A sua poesia—*Adeus!*—é uma açucena mimosa, levada nas azas brancas de um cysne, que de lá das alturas desfolha-se em saudades para a terra.

Nada mais diremos sobre o Maciel Monteiro;—as suas poesias, posto que não fossem colleccionadas ainda, são apreciadas pelo Brasil inteiro; a sua gloria é uma das glorias da nossa litteratura; o seu nome pertence á posteridade!

PEDRO DE CALASANS.

(*Clarim Litterario.* — Volume 1.º—N. 8.—Recife—Junho—1856).

Casa em que nasceu Maciel Monteiro
No Poço da Panella

Galeria do Jornal do Recife

O Conselheiro Maciel Monteiro

STE nome para a provincia de Pernambuco significa uma gloria immarcescivel; para o imperio do Brazil um vulto grandioso na primeira linha de seus filhos illustres.

Os elementos de que dispomos na occasião para este esboço biographico, se sobram para Pernambuco onde os altos predicados do illustre conselheiro são demasiado conhecidos, fallecem para alguns pontos do imperio, onde tudo quanto diz-lhe respeito, seria recebido com a mais justa curiosidade, como o desenho acabado do homem, que se tem visto e admirado de longe.

Não embarga, porém, esta consideração o nosso proposito. Pesava-nos não ter tido ainda lugar na nossa galeria uma das primeiras glorias de Pernambuco. Pagamos uma divida aos nossos leitores d'aqui, aventurando ligeiros traços: faça o retrato perfeito, quem souber e puder.

Uma observação a proposito, hoje que se

duvida de tudo e de todos. O biographo do *Jornal do Recife* não recebe inspirações para este trabalho; se não tem o louco intuito de distribuir corôas, jamais consentiria, que outrem o fizesse com a sua mão: escreve, como sabe e póde, aprecia por si só, errará na apreciação, mas diz o que sente e pensa. Com o conselheiro M. Monteiro, como a respeito de alguns outros de que se tem occupado, não tem relações de amizade, nem deve-lhe o minimo favor: nem siquer teve muitas occasiões de trocar com elle um passageiro cumprimento.

Antonio Peregrino Maciel Monteiro nasceu a 30 de Abril de 1804. Seus pais—o Dr. Manoel Francisco Maciel Monteiro e D. Manuela Lins de Mello.

Em 1811 entrou na carreira das lettras, e a 23 de Maio de 1823 partiu para a França, d'onde voltou a 29 de Setembro de 1829 com o gráo de doutor em medicina pela universidade de Paris.

Casou-se a 7 de Fevereiro de 1832...

N'esta provincia occupou os lugares de camarista; provedor de saúde do porto; membro da junta medica; medico da guarda nacional, na presidencia do finado senador Manoel de Carvalho Paes de Andrade; em 1840 director da academia juridica de Olinda; em 1852 director geral da instrucção publica provincial; finalmente, membro da assembléa legislativa provincial desde 1836 até 1853.

Foi deputado por sua provincia á assembléa geral legislativa desde 1833 até 1853, com pequena interrupção, quando deixando a presi-

dencia da camara seguio para a missão diplomatica, que ora occupa em Portugal.

Fez parte do gabinete de 19 de Setembro de 1837, com 33 annos de idade. N'aquelle tempo não havia um certo monopolio, que hoje ha entre nós, dos cabellos brancos.

Em 1841 foi condecorado com o officialato do Cruzeiro; em 1854 com a grande dignitaria da Rosa, e a gran-cruz de Christo de Portugal; em 1855 com a gran-cruz de S. Gregorio Magno, dos Estados Pontificios; e ultimamente com a d'uma das ordens da Suecia.

Eis o caminho feito pelo conselheiro M. Monteiro; quanto a nós elle ainda póde e deve caminhar muito.

Ha no conselheiro M. Monteiro quatro glorias, cada uma d'ellas sufficiente a por si só satisfazer uma ambição: medico, orador, litterato, diplomata.

Medico. Os profissionaes d'esta cidade e os da côrte do Rio de Janeiro podem attestar a respeito. O conselheiro M. Monteiro não fazia de longos annos uso da profissão, mas não se furtava ás solicitações para os casos criticos. O sabio e venerando finado José Eustaquio Gomes muita vez nos disse, que M. Monteiro era um dos genios em medicina, que elle conhecia; o profundo Sr. Dr. Sarmento muita vez nos tem repetido a mesma cousa.

Muitos lamentam, e mesmo censuram ao illustre conselheiro ter voltado as costas á medicina, por mal seu e da humanidade.

Desculpemol-o; n'elle lutam diversas aptidões eminentes, aquelle espirito é vasto, tem querido abranger todas, saudemol-o.

Era em 1849; no leito da agonia o muito distincto veterano do exercito do Brazil, coronel Joaquim José Luiz de Souza; grande numero de medicos se havia chegado a esse leito, e todos declaravam proximo o termo d'aquella tão brilhante vida; chega M. Monteiro, diz que a mão da morte está alli, que o mais que se poderia fazer era retardar-lhe a extrema pressão por alguns mezes. Esposa e filhos vêm e ahi um fulgurante raio de esperança; M. Monteiro passa a accumular as funcções de medico e do mais perito e caridoso enfermeiro: a palavra foi cumprida; Joaquim José Luiz de Souza viveu o tempo prefixado pelo sabio medico.

Orador. Quem é que no imperio, dando-se ás lettras e á politica, nunca leu um discurso de M. Monteiro? Pois bem, leitor; o conselheiro M. Monteiro não é do grande numero dos parlamentares, que ganham em ser lidos; ao contrario, é do pequeno numero dos eleitos da oratoria, que perdem com a tachigraphia. Para apreciardes devidamente o orador, era mister que visseis na tribuna aquelle porte elegante, aquelle gesto nobre, aquella palavra facil e de suave colorido, manando a flux dos labios do orador; era mister que o visseis com os olhos incendiados nos bellos momentos de enthusiasmo, que fizeram a gloria de nossa assembléa provincial.

Quando estavamos no Rio de Janeiro era um orgulho para nós ouvir tanta gente: E' o melhor orador, que tem tido nos ultimos tempos a camara dos deputados.

Longo seria nosso trabalho, e fóra das proporções do programma, se quizessemos documentar cada asseveração. Rendemos por ora

uma homenagem, fazendo esboços, talvez um dia façamos quadros.

Litterato. Quem não tem noticias d'essas poesias que rivalisam com as melhores, que no seu genero se conhecem, de autores trans-atlanticos?

Diplomata. E' verdade, que na sua vida como tal ainda não houve caso, para que o conselheiro M. Monteiro puzesse em acção suas grandes habilitações; mas incontestadas estas, e sendo certo que para o diplomata se reclamam predicados exteriores de fino trato, uso perfeito do grande mundo, palavras e modos de cavalheiro, ninguem contestará, que o conselheiro M. Monteiro não tem superior entre os diplomatas do Brasil.

As urnas pernambucanas, que illustraram aquelle nome, e com elle illustraram-se, devem-lhe uma cadeira no senado; e o nosso augusto monarcha, como sempre, não frustrará uma manifestação decidida e justa.

O conselheiro M. Monteiro deve á sua patria mais zelo dos seus grandes feitos scientificos e litterarios, das suas grandes aptidões; é sua obrigação ir instruindo o proceso para o julgamento da posteridade. Esta causa não é sua, é da patria. Se por uma parte, ao passo que se vê tanta mediocridade *poser* para a posteridade, é bello ver este grande cidadão dando com seu descuido o irrefragavel attestado de sua superioridade, por outra é certo que já é tempo de começar a prestar contas aos vindouros. S. Exc. tem innumeros amigos, que ajudal-os-iam na agradavel tarefa de colleccionar as esparsas producções do seu genio. Feito

isto, da parte de S. Exc. resta estender e ornar até o fim as paginas douradas, em que viverá na historia patria.

E' o caminho que lhe resta fazer, e que de coração lhe desejamos, percorra felizmente, como tem acontecido com o que ficou feito.

O estimulo é forte! Os nossos netos, estudando a historia de hoje, encontrarão : na linha dos medicos, M. Monteiro; na dos oradores, M. Monteiro; na dos litteratos, dos jornalistas politicos, dos diplomatas, M. Monteiro! Sempre grande! de cada vez uma gloria para Pernambuco!

AGRIPPA.

—

Jornal do Recife, n. 30, de 23 de Julho de 1859. O artigo é da lavra do Dr. Aprigio Justiniano da Silva Guimarães.

Curso de Litteratura Brasileira

NONA CONFERENCIA

POETAS PERNAMBUCANOS

SENHORES. Se um profano da sciencia ousasse entrar n'um observatorio astronomico e ahi pretendesse uso fazer dos instrumentos opticos para approximar e estudar esses corpos que se acham suspensos, e como dependurados sobre nossas cabeças, de certo que esse tal curioso se veria embaraçado e seria acolhido com o desdem e os risos dos iniciados nas theorias scientificas.

Tal é a situação em que me acho ao encetar o estudo da constellação poetica do norte do imperio. Por mais de uma vez, e com a mão sobre a consciencia, vos tenho declarado, que não estava habilitado para dar um curso de litteratura, ainda mesmo familiar, como é este nosso. Faltam-me os respectivos materiaes, que ou são difficieis ou se acham esparsos: falta-me um circulo em que me inspire, e em cuja opinião ou assente ou modifique as minhas impressões: e, em summa, quasi me falta a

necessaria fé na redempção social, pela acção espiritual da intelligencia; o desanimo nos homens de sciencia é uma especie de herpes que lavra nos espiritos; e eu não posso assegurar se serei ou não isento da gangrena social.

Mas, senhores, tenho por caracter não buscar nem o perigo nem a luta; mas quando o perigo vem ao meu encontro, arqueio e luto com elle; e se não fico victorioso sempre, ainda não fiquei de todo esmagado; cahio na arena do combate, mas levanto-me, cobro forças e espero que o perigo venha outra vez envolver-me em nova luta; e aceito de novo a luta e combato,

Eis qual tem sido, qual é e provavelmente, qual será todo o meu destino litterario, e pois, se não estou em melhores condições do que as do profano da sciencia, que vos citei, resta-me a resignação de que não fui eu quem premeditadamente me criei esta situação, em que me acho: como sabeis, foi um não sei que providencial e occulto que me envolveu n'esta empreza de crear um systhema de philosophia litteraria e applical-o aos factos do movimento intellectual entre nós.

E' talvez uma empreza de Icaro a que me abalancei, não calculando com a critica serena que poderei encontrar; a minha queda, porem, não será estrondosa; nem cahirei n'um mar, a que dê o meu nome, como succedeu ao Titan da fabula. Na minha queda conto com os braços de uma mocidade generosa e esperançosa, que já me comprehende, e que avalia a expansão da minha alma, quando se trata do seu futuro, de minha ultima velhice.

Senhores, somos chegados ao estudo da constellação poetica do norte do imperio.

Se, no estudo da constellação do centro

encontramos tanta difficuldade em obter os indispensaveis materiaes, a distancia em que nos achamos das estrellas d'essa outra constellação, vem aggravar a difficuldade; mas o pouco é o principio do muito; e pois consenti que vos ministre o pouco, que podera alcançar em lugar do muito que ha e que um dia obtereis por outros recursos e talvez que pelos vossos proprios recursos.

A picada no matto virgem é apenas a tentativa da estrada: o nosso curso familiar é apenas a tentativa de um ulterior estudo sobre a litteratura brasileira, combinada com a portugueza, e confrontada com a litteratura universal.

Isto supposto, convido-vos a fixar vossas attenções na parte da nossa constellação do norte que está no zenith de Pernambuco: foi ahi que rutilou a estrella que primeiramente annunciou o nascimento de uma litteratura nacional entre nós. Os trilhos harmoniosos de Gonzaga, de Claudio, de Alvarenga e do Visconde da Pedra Branca quasi se haviam perdido nos sons roufenhos das odes e dos sonetos gongoricos; mas veio o tempo em que Maciel Monteiro afinou a sua lyra n'esse diapasão de magica harmonia, cujos écos condiziam com a acustica sentimental do nascente povo.

Em meu humilde entender foi o Snr. Maciel Monteiro o genuino fundador do lyrismo brasileiro, e não o Snr. Magalhães, como geralmente se acredita.

O illustre autor dos *Suspiros Poeticos* falseou a nota estridente e limpida, em que devia afinar-se a poesia brasileira. Influenciado pelas *Meditações e Harmonias* de Lamartine, o Snr. Magalhães foi antes o aclimatador do lyrismo

do famoso poeta de Mahon do que o creador ou fundador da poesia brasileira, como elle devia e podia ser.

O lyrismo de Maciel Monteiro tem muito perfume e muita uncção do lyrismo grego; e eu creio que o lyrismo grego é o que mais corresponde á esthetica physica do Brasil, e ao sentir e crer dos Brasileiros.

Houve já quem comparasse o erotismo ideal dos Gregos ao amor das borbolêtas; semelhantemente se pode comparar o erotismo dos Brasileiros ao amor dos beija—flores.

Como o solo da Grecia é povoado de genios, e o ar de écos harmoniosos, assim é o solo e o ar do Brasil. D'ahi vem essa serenidade do caracter brasileiro, aliás temperada de alegria e melancolia; d'ahi vem esse sensualismo delicado, recatado, transparente, mas nunca nú, e expansivo mas nunca louco, que caracterisa a paixão do amor entre nós.

Na pintura, no desenho deste amor delicado, recatado e apenas transparente, ainda ninguem excedeu a Maciel Monteiro.

Como estas estatuas gregas, que atravéz da simples roupagem deixam advinhar as formas, mas que não podem ver-se, assim são as poesias de Maciel Monteiro.

Uma unica poesia, e essa embora em forma classica, bastara para dar uma idéa da indole e do espirito lyrico de Maciel Monteiro; — é uma poesia á mulher ideal ou real da sua plastica, ou de sua imaginação.

> Eis-me outra vez da creação no templo,
> Adorando, Senhora, os seus primores!
> E no altar. que occupaes, augusto, explendido,
> Queimando incenso, derramando flôres.

Mas o lyrismo creado, alimentado ou ino—

culado por Maciel Monteiro na poesia nacional em embrião, não exerceu a influencia e predominio que deveria exercer por sua naturalidade com a esthetica e sentimento do nascente povo; e, em meu entender, eis as causas que para isso influiram.

Maciel Monteiro, alem de ser pouco numeroso em seus versos, nunca os reduzio a collecção; e as altas commissões politicas de que, então e sempre, o paiz e o governo o têm encarregado, não lhe permittiram que cultivasse o notavel talento poetico com que Deus o dotara.

Mas o espirito publico anciava por uma litteratura sua, como já tinha uma economia politica propria. O que tinha de seus litteratos, o que tinha da litteratura da metropole, o que tinha da litteratura racionalista da França, nem lhe agradava, nem lhe convinha.

N'esta synthese dos espiritos appareceu um livro com um titulo sympathico e com a circumstancia ainda mais sympathica de ser presente cordeal, mandado de longe á mãe patria por um filho que não a havia esquecido no meio das pompas, das grandezas e da magnificencia da culta Europa.

O livro que se intitula—*Suspiros Poeticos e Saudades*, antes de ser lido, já tem um titulo de recommendação no seu titulo; ao ler-se redobra a sympathia, porque, alem de uma metrificação facil e cadente, é ungido de muito sentimento e repassado d'essa melancolia religiosa do lar domestico, que é suave e querida em todos os tempos, em todos os lugares e em todos os povos.

Os espiritos que só esperavam occasião de manifestar-se na linguagem sublime da poesia,

afinaram n'esse diapasão e o livro do Snr. Magalhães chegou a fazer escola.

Por toda parte se imitava e se exagerava o lyrismo e o sentimento desse livro, precioso por muitas circumstancias, mas em verdade improprio para servir de modêlo, quanto mais para formar escola, como chegou a formar.

O que especialmente caracterisa ou determina uma escola, ou seja em politica, ou em litteratura, ou nas sciencias, é o espirito, que actua nessa escola e a forma, de que ella se reveste.

O espirito ou a esthetica do livro do Snr. Magalhães nada tem de commum com a esthetica physica do paiz, nem com o sentir e crer do povo. A musa, por assim dizer, que inspirou os *Os Suspiros Poeticos*, foi a nostalgia, ou saudade da patria, ao ponto de enfermidade; e no nosso viver patriarchal quasi se desconhece essa consumidora molestia.

O Snr. Magalhães celebrou em seus versos as ruinas historicas e os monumentos artisticos da Europa; e essas ruinas, e esses monumentos nada têm de commum nem com as as nossas virgens florestas nem com os nossos edificios, ou provisorios, ou arrendados, ou enfumaçados pelo tempo.

Em summa, o livro do Snr. Magalhães é, como já disse, um livro precioso a muitos respeitos, mas não estava no caso de fazer escola; e, pois, elle veio desnaturar o legitimo verbo do lyrismo brasileiro, apenas ensaiado pelo Snr. Maciel Monteiro; e, pois, em vez do erotismo delicado dos gregos, tivemos um sentimentalismo pezado, falso e carpidor quasi ao ridiculo.

Mas, se foi uma inconsciencia para o lyrismo brasileiro a influencia do lyrismo melanco-

lico de Lamartine, de Musset e Alfredo de Vigny, importado para entre nós pelo Snr. Magalhães, o romantismo desesperado, que nos veio de Portugal por esta occasião, foi com effeito uma calamidade que desnaturou e desvairou o lyrismo, que começava a ser local e nacional.

N'um curso familiar de litteratura, como é este nosso, cabe uma explicação pessoal; e, pois, permitti que vol-a dê, por desencargo de minha consciencia, que não soffre, que nunca soffreu a macula de ingratidão, ainda a mais venial.

A par da protecção ou paternidade litteraria, que recebi do meu saudoso mestre e amigo o Snr. Visconde de Almeida Garrett, que, sem o ser, me apresentava e recommendava como seu parente, devo tambem ao Snr. Conselheiro Antonio Feliciano de Castilho, a mais estremosa e estremecida protecção litteraria, como essa grande alma a soube dispensar, e ainda dispensa á geração intellectual, que hoje exerce tanto predominio nos destinos prosperos da minha querida terra natal.

Era eu ainda simples alumno do Real Collegio da Luz, e já era honrado com a privança litteraria d'esse homem que, com os Snrs. Garrett e Alexandre Herculano, formava o triumvirato director da litteratura da renascença. Quando academico em Coimbra, fui sempre honrado com a sua correspondencia; e depois de homem levou a sua longanimidade a tratar-me como de igual para igual; e com effeito entrei na intimidade da maior parte de sua illustre familia.

Mas se a um filho é permittido em objecto de consciencia, dissentir da opinião de seu pai, eu tomo a liberdade de fazer algumas observa-

ções a respeito de um livro de meu respeitavel mestre e amigo, o Snr. Castilho (Antonio) que exerceu na nascente litteratura do Brasil uma tal influencia, ao ponto de inconveniente e mesmo perniciosa. Este livro é o que elle intitulou—*Ciumes do Bardo*, grito desesperado e pungente, que perturbou as sonoras e cadentes harmonias do nascente lyrismo da nossa litteratura, já desnaturado pela inconveniente e exagerada imitação dos *Suspiros Poeticos*.

O frenesi, com que se decorou e imitou esse poemeto, que foi como uma erupção vulcanica da imaginação robusta e incendiada do Homero lusitano de nossos dias, foi como um d'esses rios caudaes e impetuosos, que, engrossado pelas aguas que descem das quebradas, vem lançar-se na corrente limpida e placida do ribeiro, que se deslisava por suas margens floridas.

Assim, pois, um sentimentalismo exagerado, e um colorido carregado pelas sombras da mais poderosa e alucinada paixão do coração humano, taes são os traços lineares que ficaram impressos no lyrismo brasileiro. Muitos dos nossos poetas têm chorado magoas, que nunca soffreram, ostentado melancolias que nunca sentiram, e soltado horripilantes imprecações contra amores ideaes, que nunca lhes fizeram mal algum.

O poemeto do Snr. Castilho, alem do seu incontestavel e subido merito litterario, quanto é subido e distincto quanto sahe d'aquella vigorosa e illustrada intelligencia, pode ter um merito local nessa litteratura do meio-dia, nas veias de cujos povos ha o sangue crusado dos arabes ; pode ainda tornar-se como uma tradição veridica dessa epocha notavel da edade me-

dia, que renasceu no Ivanhoé de Walter Scott; mas na natureza virgem da America, cujas tradições se prendem quasi immediatamente ao sublime facto da creação; mas no povo, que acabara de ser baptisado no Jordão da liberdade e que existia immaculado das tradições e das paixões feudaes, tanto o sentimentalismo de Lamartine, como a imprecação terrivel do bardo, que se extorce nas agonias desesperadas do ciume são de certo creações, que não podiam convir ao lyrismo mimoso, que apenas annunciava o Snr. Maciel Monteiro.

O que é o perfume para a flôr é a mulher para a poesia; vejamos, pois, a mulher ideal do Snr. Maciel Monteiro, e vejamos a mulher do Snr. Castilho.

Hoje que a impressão fulminante do fulminante romantismo do illustre poeta dos *Ciumes do Bardo*, já está atenuada, perguntarei eu; qual das duas mulheres ideaes quereis vós: essa do lyrico brasileiro, quando diz:

«Mulher celeste, ò anjo de primores,
Quem pode ver-te sem querer amar-te!
Quem pode amar-te sem morrer de amores!

ou a do bardo portuguez que diz:

Mulher pura e fiel não ha nem houve!.....
Em vão zeloso amante as fecharia
Do mar no fundo, ou no amago da terra,
Adultera là mesmo ardera amante,
Raça infame de viboras dolosas!......

....

Basta, meus Senhores: a poesia que cria estes monstros não pode servir para modelo.

O tempo apagou as grandes impressões e as grandes illusões: o tempo já tem demonstrado que o lyrismo brasileiro não pode ser

moldado nas velhas formas das litteraturas pagãs, nem aquecido pelo influxo dessas paixões das velhas sociedades, e das excepções imperceptiveis da regra geral. Felizmente, segundo tenho mostrado nas Conferencias anteriores, temos lyricos distinctos que têm escapado á influencia de litteraturas estranhas, e têm muito de local ou natural embora incompleto e de alguma sorte desvirtuado da côr e do sentir proprios: mas emfim temos alguma cousa, temos muito de local e proprio.

Dr. F. M. Raposo de Almeida.

(*Diario de Pernambuco*, 6 de Fevereiro de 1863).

Antonio Peregrino Maciel Monteiro

Barão de Itamaracá

NATURAL da provincia de Pernambuco, onde nasceu no seculo actual entre os annos de 1802 a 1804, Antonio Peregrino Maciel Monteiro estudou preparatorios na cidade de Olinda, e passando á Europa, seguio o curso de medicina na faculdade de Paris e tomou o grão de doutor pela Universidade,

Talento descommunal, intelligencia clara e feliz, imaginação brilhante e faceira, Maciel Monteiro cultivou as lettras e a poesia, e não foi um dos primeiros poetas da lingua portugueza no seu tempo, somente não porque quiz sel-o.

A provincia de Pernambuco o elegeu deputado á terceira legislatura, e Maciel Monteiro tomou logo na camara logar distincto entre os mais estimados oradores, pronunciando-se em opposição ao governo do regente Feijó.

Elle tinha voz sonora, mas não afeminada, palavra fluente e jamais interrompida pela mais leve hesitação, pureza de estylo, eloquencia ar-

rebatadora e gesto moderado e agradavel: nunca faltou a um seu discurso a belleza da fórma, e todos os seus discursos se afiguravam preparados com trabalhoso esmero.

Completa illusão!... Maciel Monteiro frequentava apaixonado os theatros, os bailes, as sociedades dos circulos mais elegantes, e elle proprio era o typo da mais exigente e caprichosa elegancia no trajar sempre rigorosamente a moda, e no falar sempre em mimos de delicadeza e de refinada cortezia em que sem pretenções nem demazia seu espirito subtil e sua imaginação de poefa radiavam suave e encantadoramente.

Após longas horas passadas em saráos, em companhias aristocratas, em sociedades de excellentes amigos ou nos theatros, Maciel Monteiro dormia a somno solto até as dez horas da manhã seguinte. Lembrava-se então ás vezes de que devia falar na camara, e pensava no seu discurso emquanto apurava cuidados no seu vestir esmerado.

Logo depois a camara ouvia eloquente discurso, lindissimo na fórma, com perfeito plano na ordem das idéas, pujante na argumentação e revelador da illustração de quem o proferia. O auditorio convencia-se do laborioso e longo estudo a que se déra o orador, que apenas acabava de improvisar!...

Talento maravilhoso, que teria feito e que teria sido no seu paiz Maciel Monteiro, se menos se deixasse arrebatar pelos jogos licitos e honestos, mas tão inebriantes como vãos da vida de festas, de fulgentes salões e de triumphos de elegancia, e de aristocraticos enlevos?...

Essa fraqueza, innocente defeito de Maciel

Monteiro, privou a patria de um grande estadista ou de um dos seus primeiros poetas.

Mas o merecimento de Maciel Monteiro era tal, que a 19 de Setembro de 1837, organisando-se o primeiro e o mais notavel gabinete do partido conservador, foi elle escolhido para ministro dos negocios estrangeiros.

Nesse ministerio occupou-se Maciel Monteiro principalmente da questão do Oyapock com a França. mostrando, como sempre. superior habilidade.

Depois da demissão do gabinete de 19 de Setembro em 1839, elle o defendeu nesse mesmo anno na camara, pronunciando um discurso, que bastaria para sua gloria parlamentar.

Reeleito deputado para a quarta legislatura, e outra vez para a de 1843 a 1845; foi a camara dissolvida em 1844, e Maciel Monteiro, fóra do parlamento durante a situação liberal, voltou a elle em 1850; mas não frequentou como d'antes a tribuna; porque digna e esclarecidamente occupou a cadeira de presidente da camara.

Logo depois dessa legislatura o governo imperial o nomeou Enviado Extraordinario e Ministro Plenipotenciario do Brazil para a côrte de Portugal, e nessa alta commissão diplomatica soube Maciel Monteiro estreitar os laços de amizade dos dous governos e dos dous povos irmãos, zelando sempre os interesses do imperio.

S. M. o Imperador agraciou o illustrado brazileiro Antonio Peregrino Maciel Monteiro com o titulo de barão de Itamaracá com honras de grandeza.

O barão de Itamaracá falleceu em Lisbôa a 5 de Janeiro de 1868: toda a tropa de guar-

nição daquella capital e tres baterias de artilharia prestaram as ultimas honras ao illustre finado.

O barão de Itamaracá nascêra com os mais superiores dotes para ser grande poeta e grande orador. Na tribuna parlamentar e em numerosas, mas fugitivas composições poeticas pela maior parte perdidas, algumas porém felizmente conservadas lampeja e fulgura o seu prodigioso talento. Mas elle poetava, como pronunciava discursos, improvisando sempre !...

E em seus discursos como em seus versos, embora uns e outros improvisados, aprecia-se em gráo distincto a elegancia e a belleza da fórma, cujo cuidado foi a outros respeitos a fraqueza desse homem rico de faculdades para ser gigante na republica das lettras !...

JOAQUIM MANOEL DE MACEDO.

ANNO BIOGRAPHICO BRAZILEIRO — Rio de Janeiro, 1876, *vol. 3.º, pp. 95—98.*

3 de Janeiro de 1868

Em Lisboa, onde exercia o cargo do ministro plenipotenciario do Brazil, morre o dr. Antonio Peregrino Maciel Monteiro, barão de Itamaracá, filho do bacharel em canones pela universidade de Coimbra Manoel Francisco Maciel Monteiro.

O dr. Maciel Monteiro nascera em Pernambuco a 30 de Abril de 1804. Concluidos os seus estudos preliminares, partira para a França em maio de 1823, e de lá voltára a 29 de setembro de 1829 doutor em medicina pela universidade de Paris.

E' um primoroso poeta lyrico; mas infelizmente para a litteratura nacional, não deixou colleccionadas as suas composições poeticas, das quaes conhecemos algumas que são sem exageração um primor no seu genero, como por exemplo, o seu celebrado soneto que começa: *Formosa qual pincel em tela fina* e as fidelissimas traducções d'O LAGO, da poesia dedicada a A' MLLE MICHATOWSKA, d'O RAMO DA AMENDOEIRA e da INVOCAÇÃO, que o benemerito colleccionador das LAMARTINIANAS (o sr,

dr. A. J. de Macedo Soares) poz na frente do bello volume que, com esse titulo, nos deu em 1869, e que é na verdade um valioso monumento erguido pelo talento brazileiro ao cantar melodioso das MEDITAÇÕES, ao poeta predilecto das almas sensiveis e puras.

Pela *Gazeta de Noticias*, de 10 de Janeiro de 1881, soubemos que o sr. João Walfredo de Medeiros, proprietario da *Livraria Industrial*, em Pernambuco, ia tomar a nobre incumbencia de editar as poesias esparsas de Maciel Monteiro, tendo já o sr. dr. João Baptista Regueira Costa escripto a respectiva biographia do poeta, para o volume.

E' uma idéa patriotica além de merecida glorificação do poeta, que não podemos deixar de applaudir.

J. A. TEIXEIRA DE MELLO.

EPHEMERIDES NACIONAES. *Rio de Janeiro*, 1881, Vol. I pags. 11—12.

Maciel Monteiro

MACIEL MONTEIRO! Estará já esquecido este nome illustre na memoria das gerações, que se vão extinguindo, ou será desconhecido ás gerações novas?

A mim me parece ainda vel-o na tribuna!...

Era um varão na plenitude da idade, quando o conheci, nimiamente cuidoso de supprimir os testemunhos accusadores dos assomos da velhice.

Tinha estatura regular, fronte altiva e espaçosa, onde se revelavam orgulho e talento.

Os traços da physionomia avultavam grosseiros e vulgares, mas se lhe irrompiam dos olhos as scintillações, que vem d'alma, da voz —as vibrações, que brotam das profundas emoções do coração.

O porte nobre indicava o homem elegante dos salões. O trajo esmerado denunciava o artista de gosto, que se compraz com a vaidade com o luxo e o bom tom.

O gesto—raro—animava-se gradualmente —quando o orador, habituado a abrir a gola da casaca, retirava a mão da cava do collete, ou da cadeia do relogio, com a qual soia brincar.

Á intonação sonora da voz. a exuberancia do pensamento, a phrase imaginosa, proferida com indizivel magestade, exhalavam-se em raios de viril eloquencia.

Maciel Monteiro não era só uma omnipotencia na tribuna, dominava nos salões.

Aureolado com todos os prestigios, que seduzem, este orador era um trovador, que, nos olhares e nos sorrisos das bellezas daquella época, bebia ondas de luz, inspirações de poesia e d'amor...

Era admiravel conversando num grupo de senhoras.

Elle sabia ensinuar-se a meia voz, com uma arte, com um delicioso abandono e um sei que de peregrino e familiar.

Umas scismavam escutar-lhe nas palavras o echo d'alguma voz querida.

Outras a musa, que narrava os segredos dos corações anhelentes, infelizes, ou ditosos.

Sempre desejado, sempre affagado, Maciel Monteiro vivia como Garret entre as bellas e como Demosthenes nos comicios nacionaes.

As moças o amavam, as velhas o adoravam... Destas elle aviventava o passado, daquellas illuminava o futuro.

Todas as almas, confundidas n'um raio d'aurora, ou na ligeira e tremula restia de luz cadente do crepusculo da tarde, volitavam em roda do poeta.

Um confidente, um irmão, um amigo, um amante, elle o era de todas estas almas, ebrias de paixão, confrangidas de saudades, devoradas de amor, sedentas de harmonia...

Sua conversação, como sua poesia, rescendentes de perfumes, se impregnavam nos espiritos, qual o aroma perenne dessa flor, que

o immortal cantor do *Jocelyn* vira nos jardins do kalifa no Oriente.

Elle fallava d'alma ás almas, que o entendiam.

Lançava o delirio e a vertigem nos corações, si conversava acerca das paixões.

Si discreteava a respeito das tristezas da vida, fazia cair involuntarias lagrimas.

Sabia dizer a todas a palavra, que calla; a idéa, que fica; o conceito que jamais se apaga da memoria.

Anacreonte—queria, com os cabellos e as barbas perfumadas, cantar hymnos na lyra.

Tinha a exquisita e fina faceirice, que as mulheres apuram e apreciam nos homens, que ellas amam.

Os bons ditos espirituosos, singelos, affluem-lhe aos labios, ligeiramente contraidos por um sorriso de ironia byronniana.

Uma vez, contestando delicadamente a uma bella matrona, que lhe observava que o amor é uma flor, que precisa do sol da mocidade e não póde desabrochar no gelo da idade—o poeta estadista replicara—que o amor é a essencia da vida e esta é de todas as idades; não exige certidão...

Defendia a propria causa e a da interlocutora resistente.

Com que gratidão as matronas não enthesouravam suas palavras—perolas preciosas?

Este tyranno era, por seu turno, tyrannisado.

Este desposta dos corações era, tambem, levado de rastos e jungido ao carro de beldades crueis...

Habituado, como Cesar, a rapidas conquistas, deixou muitas vezes, a corôa gloriosa tom-

bar a lindos e pequeninos pés, que a recalcavam inclementes...

Eu não quero profanar o santuario das adorações do poeta.

Não ouso pintar os momentos do ciume, de decepções e de mallogradas esperanças...

Facil e voluvel em suas affeições, bohemio no amor, beija-flor que oscula a rosa, ou a magnolia ; a violeta, ou jasmim—sentia a irresistivel attracção do bello onde quer que se manifestasse.

Si amasse deveras, dizia elle, sentiria as torturas e os desesperos de Othelo...

Os poetas amam diversamente dos outros homens.

Elles não podem amar uma só mulher, porque é impossivel que se resuma num só corpo o ideal do bello.

Cada mulher recebe da natureza um raio da belleza, um dom especial.

Ora o poeta, devendo amar o bello em sua plenitude, é um ente condemnado a amar a todas, porque em cada mulher sempre encontrará alguma cousa de divino,—*Chanter, aimer et prier, voila toute ma vie*!—exclamava Lamartine vergado á fatalidade do seu destino.

Tudo será perdoado a aquelle, que muito amou, Christo assim consagrou o amor como suprema virtude.

Maciel Monteiro amava com a religião de crente e de artista.

Esse homem, que, nos improvisos da tribuna, passava pelas grandiosas transfigurações que são privilegios dos oradores, que sentem o *Deus in nobis* ; este parlamentar, que difficilmente encontrará na tribuna brazileira emulos condignos de si—era o cantor elegante dos salões, o bardo dos amores perigosos, o amante

mimoso dos *boudoirs*, onde a luz do olhos divinos illumina as trevas, discretas e propicias á ventura...

Acaso já estará obliterada a lembrança do ruido, que fez uma poesia, achada creio que no salão do Marquez d'Abrantes, numa noite de baile?

Escripta a lapis precipitamente, dizia:

« Ella foi-se e com ella foi minha alma
« N'aza veloz da briza sussurrante,
« Que ufana do thesouro que levava,
« Ia, corria... como vai distante! etc, etc.

Já ouvi a diversas realezas da formusura, que foram os esplendores daquelles tempos, fallar de Maciel Monteiro com terna e verdadeira idolatria.

Feliz o poeta, que deixou a memoria de seu nome perpetuada n'alma dos que o admiraram, e o amaram!

E' provavel que as gerações novas desconheçam o homem de maneiras perfeitas, o orador e artista.

E' tão ephemera a gloria, nesta sociedade brazileira, que d'uma a outra geração apaga-se, como um leve clarão...

EUNAPIO DEIRÓ.

REVISTA BRASILEIRA, *Rio de Janeiro* 1881, Vol. 8.º pp. 411-415.

Antonio Peregrino Maciel Monteiro

(2.° BARÃO DE ITAMARACÁ)

NASCEU aos 30 de Abril de 1804; foram seus progenitores Manoel Francisco Maciel Monteiro, bacharel em canones pela Universidade de Coimbra, capitão commandante dos auxiliares desta capitania de Pernambuco, d'onde era natural e de D. Manoela Lins de Mello.

Dedicando-se Maciel Monteiro á carreira das lettras e das sciencias, fez o seu curso preparatorio em Olinda, e seguiu para a França; e matriculando-se na Universidade de Pariz, recebeu ainda bem joven o grão de bacharel em Lettras aos 16 de Novembro de 1824, e de bacharel em Sciencias, aos 8 de Abril de 1826, e o de Doutor em Medicina, aos 19 de Maio de 1829.

Apezar de joven, deu Maciel Monteiro na

Universidade ás mais sobejas provas do seu bello talento e dedicação pelos estudos,

Voltando á sua patria, laureado aos 23 annos com o titulo de Doutor em Medicina e mais as cartas de bacharel em Lettras e Sciencias, começou a exercer a profissão medica nesta cidade, onde bem cêdo o seu talento e proficiencia deram-lhe fama e numerosa clinica.

Em 1833, transpoz o limiar da politica, e por varias legislaturas quer geraes, quer provinciaes, mereceu o suffragio dos seus comprovincianos.

Na tribuna parlamentar, o seu verbo sempre inspirado, a sua palavra autorisada e arrebatadora eloquencia, conquistaram-lhe tantos applausos e um nome tão respeitavel como orador parlamentar, de que o Brazil guardará saudosa e grata memoria.

Geralmente conhecido e reputado e desempenhando sabia e satisfactoriamente todos os seus mandatos era tal o seu merecimento, que foi chamado em 1837 a fazer parte do gabinete de 19 de Setembro, o primeiro e o mais notavel gabinete do partido conservador, confiando-se-lhe a pasta dos negocios estrangeiros.

No ministerio occupou-se Maciel Monteiro especialmente da questão do Oyapock com a França, revelando tanta habilidade, reflexão e proficiencia nesta melindrosa questão internacional, que dir-se-hia um velho e profundo estadista,

Demittido em 1839 o gabinete 19 de Setembro, Maciel Monteiro, tomando assento no parlamento, defendeu-o e justificou-o em um tão bello e eloquente discurso, que só esse discurso bastaria para sua gloria parlamentar.

Na legislatura de 1850 não frequentou a

tribuna como dantes, porque digna e esclare-cidamente occupou a cadeira de presidente da camara.

Voltando do Rio de Janeiro depois da demissão do gabinete de que fizera parte, foi-lhe confiada a directoria do Curso Juridico de Olinda, por decreto Imperial de 18 de Julho de 1839, assignado pelo regente Pedro de Araujo Lima, depois Marquez de Olinda,

Dous annos depois, foram os serviços que havia prestado, remunerados com a conferencia do titulo de Conselho, por Carta Imperial de 17 de Setembro de 1841.

Estabelecendo-se por esse tempo nesta cidade a Sociedade de Medicina Pernambucana, foi o conselheiro Maciel Monteiro acclamado presidente, e no dia da sua installação, aos 4 de Abril de 1841, proferiu um discurso inaugural, que corre impresso na revista desta associação—*Annaes da Medicina Pernambucana.*

Poucos annos depois, deliberando seguir a carreira diplomatica, partiu em 1853 para Lisbôa, em cuja côrte foi acreditado como Enviado Extraordinario e Ministro Plenipotenciario do Brazil. Durante a sua vida diplomatica, sempre gosou das mais subidas e significativas honras, respeito e consideração.

Grandes foram os serviços prestados pelo conselheiro Maciel Monteiro á sua patria nessa difficil e melindrosa missão, especialisando-se os que prestou contra a numerosa quadrilha de moedeiros falsos, que de Lisbôa infestavam o Brazil, e por cujo serviço teve em remuneração o titulo de Barão de Itamaracá, com as honras de grandeza.

Maciel Monteiro não só era grande e eloquente orador, medico distincto, politico con-

summado e habilissimo diplomata, como tambem elegante, mavioso, e inspirado poeta.

Quem ha, porém, que não conheça os bellos, mimosos e maviosos versos de Maciel Monteiro?

Purismo e elegancia de phrases, pensamento arrojado, sublime inspiração, vôos altivos, tudo resplende nas suas bellissimas composições poeticas.

Pena é, que andem dispersas essas mimosas producções da sua lyra, e que bem difficil seja colleccional-as.

O commendador Antonio Joaquim de Mello, consagrou algumas paginas das suas *Biographias de alguns poetas e homens illustres da Provincia de Pernambuco*, a algumas das poesias de Maciel Monteiro.

Um nosso illustre comprovinciano, Antonio Pedro de Figueiredo, hoje fallecido, sob o pseudonymo de Abdalah-el-Kratif, publicou no *Diario de Pernambuco*, de 4 de Maio de 1858, um bello artigo sobre essa obra.

Seja-nos, pois, tambem permittido trasladar duas das suas mais lindas poesias, não menos bellas e cheias de inspiração e harmonia; uma, feita ao embarque e partida de uma senhora, e outra um soneto.

Além dos seus versos originaes, correm impressos n'*O Progresso*, revista que se publicou nesta cidade nos annos de 1846 a 1848, algumas poesias traduzidas do francez, de Lamartine.

Tal foi o inspirado vate, o melodioso poeta Antonio Peregrino Maciel Monteiro.

Estas producções da sua musa que acabamos de apresentar, bastam por si sós, para conferir-lhe um lugar distincto na galeria dos nossos poetas.

Depois de haver tão assignalados serviços prestado a sua patria, e tão digna e honradamente, morreu longe della, na cidade de Lisbôa aos 5 de Janeiro de 1868.

Embalsamado o seu cadaver, foi dado á sepultura aos 8 do mesmo mez, no cemiterio dos Prazeres, com toda a pompa e magnificencia devida a tão illustre personagem.

Eis como um jornal de Lisbôa descreveu o ceremonial do seu sahimento:

« O prestito funebre, que foi o mais pomposo possivel, como se devia a tão illustre representante, sahiu da igreja dos Martyres pela 1 hora da tarde, depois do *Libera-me*, por musica vocal e instrumental.

« Concorreram a esta ceremonia o corpo diplomatico, presidido pelo nuncio apostolico, ministros, pares, deputados, titulares, altos dignatarios. funccionarios publicos, muitos subditos brazileiros e os camaristas e officiaes ás ordens de suas magestades el-rei D. Luiz e D. Fernando.

« As carruagens particulares tiveram lugar na frente, precedendo o carro funerario o trem em que ia a corôa, coberta de preto e quatro coches de tres parelhas, conduzindo os ecclesiasticos; logo em seguida ia um coche da casa real conduzindo o parocho, de cruz alçada, levando o feretro outro coche igual, rodeado de creados do paço com brandões accesos e dous estribeiros, fechando o cortejo o regimento de lanceiros n. 2. Todas as tropas da guarnição da capital e tres baterias de artelharia formaram no cemiterio afim de prestar as ultimas honras ao finado diplomata, dando as descargas do estylo.

« Salvou tambem um navio de guerra.

« A falta do Snr. Barão de Itamaracá tem sido bastante sentida, porque era um cavalheiro muito apreciavel e gosava excellente reputação, não só pelas suas bôas qualidades, mas como orador illustre do parlamento brazileiro. »

Dous annos depois, foram os seus restos mortaes transportados para a cidade do Recife, á bordo do brigue portuguez « Bella Figueira » o qual aportou á mesma cidade aos 24 de Setembro de 1870.

Na manhã de dia 1.° de Outubro, foram elles trasladados de bórdo para a matriz da Bôa-Vista, com uma pompa e solemnidade edificantes; e assim, deram os pernambucanos mais uma prova do apreço e respeito devidos á memoria de um dos seus mais illlustres irmãos.

E a 6 de Dezembro de 1872, foram elles depositados em um bello monumento de marmore, no cemiterio publico, mandado erigir pela Camara Municipal do Recife, sobre o qual se lê a inscripção seguinte:

A' memoria
Do Conselheiro
Antonio Peregrino Maciel Monteiro
2.° Barão de Itamaracá
Mandou levantar este modesto
Monumento
A Camara Municipal do Recife
24 de Agosto de
1872.

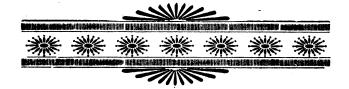
Assim tiveram os seus restos mortaes um monumento digno da sua gloria, do seu talento e illustração; e desta vez ao menos não foram os pernambucanos indifferentes á memoria de

um heróe, homem notabilissimo, de que tanto se devem orgulhar e ufanar!

Antonio Peregrino Maciel Monteiro, segundo Barão de Itamaracá, exerceu os cargos de vereador da Camara Municipal, provedor da Saúde do Porto, director do theatro publico, em 1850, presidente da commissão medica para estudar e apresentar as medidas tendentes a prevenir a febre amarella em 1851, membro da junta medica, medico da guarda nacional e director da Instrucção Publica (1852), além das diversas missões que deixamos consignadas.

Em 1841, foi agraciado com o officialato do Cruzeiro, em 1854 com a grande dignataria da Rosa e a grã-cruz de Christo de Portugal, em 1855 com a grã-cruz de S. Gregorio Magno de Roma e posteriormente com a de uma das ordens da Suecia. Para membro de varias sociedades litterarias e scientificas nacionaes e estrangeiras, e entre ellas a Arcadia de Roma.

F. A. PEREIRA DA COSTA.

DICCIONARIO BIOGRAPHICO DE PERNAMBUCANOS CELEBRES.—*Recife, 1882*, pgs. 156—165.

Antonio Peregrino Maciel Monteiro

2.º Barão de Itamaracá

Filho do bacharel Manoel Francisco Maciel Monteiro e de D. Manoela Lins de Mello, nasceu em Pernambuco a 30 de Abril de 1804 e falleceu em Lisboa a 5 de Janeiro de 1868.

Depois de estudar humanidades em Olinda, partiu para França e cursando a Universidade de Paris, elle recebeu o grau de bacharel em lettras em 1824, o de bacharel em sciencias em 1826, e o de doutor em medicina em 1829. De volta á patria exerceu a clinica medica; representou sua provincia em quatro legislaturas desde 1843, sendo na ultima presidente da camara; fez parte do gabinete organisado a 18 de Setembro de 1837, occupando a pasta dos negocios estrangeiros; deixando o ministerio em 1839, foi nomeado director da faculdade de Olinda, e exerceu

diversos cargos como o de vereador da camara municipal, director do theatro publico, provedor da saude do porto, membro da junta de hygiene, director da instrucção publica, e finalmente ministro plenipotenciario do Brasil em Portugal, em cujo cargo morreu.

Foi, alem de medico distincto e de orador eloquente, poeta lyrico maviosissimo, sendo ordinariamente improvisados, tanto seus discursos, como suas poesias.

Era do conselho de sua magestade o Imperador, grande dignatario da ordem da Rosa, official da do Cruzeiro, grã-cruz de diversas ordens da Italia, de Roma e de Portugal; membro da Arcadia de Roma e de outras associações litterarias, nacionaes e estrangeiras, e escreveu :

— *Dissertation* sur la nature, les symptomes de l'inflammation de l'arachinoide et son rapport avec l'encephalite.

Paris, 1829 — E' sua dissertação inaugural.

Discurso inaugural da installação da sociedade de medicina pernambucana, a 4 de Abril de 1841—Vem nos Annaes de medicina pernambucana e recitara o seu autor, sendo acclamado presidente da sociedade.

Nunca tendo elle feito collecção de seus versos, apenas darei noticia de algumas poesias como:

— *Aos annos de*.. ...em 25 de Março de 1849 : Ode—Vem no « *Diccionario de pernambucanos celebres* » por F. Augusto Pereira da Costa e nas «*Biografias de alguns pernambucanos illustres* » pelo commendador Antonio Joaquim de Mello, tomo I.

E' uma composição tremula de emoção e de

enthusiasmo pelo facto glorioso para a nossa historia, que este dia reccorda.

— *Aos annos de*....ode—Na segunda obra citada.

— *A uma joven*: Lyra--idem.

— *Um voto*: poesia em verso hendecasyllabo - idem.

— *Um sonho*. Ao embarque e partida de uma senhora—idem.

— *Inspiração*. A' madame Stolz em uma representação da *Favorita*—idem, tomo II.

— *A' excellentissima senhora Viscondessa da Boa Vista* no dia de seus annos, 4 de Novembro de 1850: poesia lyrica—idem.

— *Versões do Lago*, da poesia dedicada a mademoiselle Michatowska, do *Ramo da amendoeira* e da *Invocação*. O doutor A. J. de Macedo Soares publicou esta composição nas suas *Lamartinianas*. Outras poesias traduzidas do francez, de Lamartine, acham-se n'*O Progresso*, Pernambuco, de 1846 a 1848.

— *Um soneto*—finalmente, que tenho visto reproduzido em diversos escriptos, é o seguinte. (Segue-se o soneto que começa:

Formosa qual pincel em tela fina,)

Ha dous annos um livreiro em Pernambuco, João Walfredo de Medeiros, tratava de colleccionar as composições poeticas de Maciel Monteiro para publical-as: até hoje, porem, não têm ellas apparecido.

Consta-me até que a biographia do autor já está escripta pelo doutor João Baptista Regueira Costa para servir de introducção ao livro. Na imprensa politica do paiz tambem teve o Barão de Itamaracá um logar bem distincto, já

escrevendo artigos em collaboração para diversos jornaes, já redigindo :

— *O Lidador* (orgão do partido conservador). Recife. 1845 a 1848 — Foram seus companheiros de redacção J. F. Nabuco de Araujo e J. J. Ferreira de Aguiar.

— *A União* (folha do partido conservador). Recife, 1848 a 1851. Foram seus companheiros os mesmos já mencionados, Floriano Corréa de Britto e outros.

A. V. SACRAMENTO BLAKE.

DICCIONARIO BIBLIOGRAPHICO BRAZILEIRO. — *Rio de Janeiro, 1893*, (Vol. 1, pgs. 278, 280.

Maciel Monteiro

1804 — 1868

Si a historia da litteratura brazileira fôsse um simples amontoado de noticias biographicas e a citação de alguns trechos poeticos, ella estaria feita no *Parnaso* de Cunha Barbosa ou no *Florilegio* de Varnhagen.

Mas si a propria historia politica vai já attendendo mais ao caracter psychologico dos povos do que aos factos meramente exteriores, e por assim dizer, materiaes, ainda mais a historia litteraria deve ter por missão penetrar no ideal das nações para sorpreender-lhes a vida subjectiva.

Si, em quatro seculos de convivencia com a civilisação occidental, o povo brazileiro, na esphera da arte e das creações intellectuaes, não tivesse feito mais do que plagiar, copiar sem criterio os modelos europeus, si um cara-

cter novo, si uma nova feição nacional não viesse siquer despontando, o povo brazileiro seria um producto artificial, cêdo condemnado á morte, e não valeria a pena escrever-lhe a historia.

A quem percorre, é certo, uma d'essas anthologias de nossos poetas, um d'esses parnasos ahi publicados, se depara a pobreza de nossas producções.

Considerada, porém, a vida do paiz em sua totalidade, na sua lida de quatrocentos annos, quando se percorre o estadio ja trilhado, e apreciam-se os resultados obtidos, uma idéa mais auspiciosa acode-nos ao espirito.

Um immenso paiz descoberto e colonisado: duas raças barbaras senhoreadas por uma raça superior; populações novas formadas; invasões estrangeiras repellidas; commercio, industria, autonomia politica, certos impulsos originaes irradiando; tudo isto repercutiu no espirito do povo e habilitou-nos a ter tambem um caracter proprio. As canções populares e as notas mais vividas de nosso lyrismo fornecem-nos a prova.

A primeira epoca de nossa litteratura (1500--1750), a que chamei periodo de formação, apresenta em esboço os mais apreciados themas da esthesia patria:--a natureza e o espectaculo das raças selvagens.

A segunda épocha, o grande periodo de nosso desenvolvimento autonomico (1750--1820), é a da elaboração da independencia politica e da actividade litteraria e scientifica.

Tivemos tambem então o nosso proto-romantismo nas producções dos poetas mineiros.

Nos primeiros quarenta annos d'este seculo os acontecimentos politicos precipitaram-se.

Estada de João VI no Brazil, independencia, reinado do 1.º imperador, abdicação, revoluções da regencia, tudo executou-se em trinta e dous annos (1808—1840).

Os homens do tempo de D. João foram os mesmos que trabalharam com Pedro I e em grande parte figuraram na regencia.

E si os tempos do filho de D. Maria I e os tempos do 1.º imperador executaram a dissolução do regimen colonial, como tem-se por habito dizer, o periodo regencial executou, na esphera litteraria, a dissolução do regimen classico.

A rotina critica entre nós estabeleceu que o romantismo surgio no Brazil em 1836 com a publicação dos *Suspiros Poeticos* de Magalhães.

A verdade é que já antes tiveramos o proto-romantismo dos poetas mineiros, e já tinhamos sido visitados pelo romantismo politico de que a Constituição é um excellente specimen.

A verdade é que antes de Magalhães diversos poetas haviam abraçado os principios da nova escola, especialmente entre os estudantes de Olinda e S. Paulo desde 1829.

Maciel Monteiro, Candido de Araujo Vianna Odorico Mendes, Moniz Barreto, Barros Falcão, Augusto de Queiroga, seu irmão Salomé, Bernardino Ribeiro, Firmino Silva, Alvaro de Macedo e José Maria do Amaral são algum tanto anteriores a Magalhães.

São estes os poetas que chamarei de transicção. A elles pódem ligar-se Antonio Felix Martins, José Martins, José Maria Velho da Silva, João Capistrano Bandeira de Mello,

D. Delphina da Cunha e o portuguez José Soares de Azevedo. (1)

Apreciaremos em globo os principaes d'estes poetas e escriptores.

Alguns d'elles ainda existem, outros morreram ha pouco em avançada idade. Bernardino Ribeiro é o unico fallecido ha muito e no verdor dos annos.

Todos elles escreveram pouco, e alguns não deixaram livros publicados. E' o caso, entre outros, do mais illustre de todos—Maciel Monteiro.

Principiemos por este.

Antonio Peregrino Maciel Monteiro (1804—1868)—era pernambucano.

Politico, orador, diplomata, foi antes e acima de tudo, uma organisação artistica, um poeta.

Infelizmente não são muitos os documentos por onde possamos aprecial-o. (1)

E' muito difficil esteriotypar a physionomia litteraria de um homem de quem lemos apenas meia duzia de producções ligeiras.

Tanto quanto é possivel fazel-o, Maciel Monteiro parece-nos ter sido um epicurista, um homem dos salões, um enamorado, um *causeur* de talento.

Não tinha a gauchérie propria dos homens do norte do Brazil; era alegre, espirituoso, delicado, de maneiras galantes, um con-

---

[1] Não fallo de Paula Brito, por demasiado mediocre como poeta.

(1) Não faço biographia propriamente dita; esto trabalho deixo-o aos escriptores do genero. Veja-se ne *Anno Biographico* de J. Manoel de Macedo no *Diccionario Biblographico Brazileiro* de A. V. A. Sacramento Blake e no *Diccionario Biographico de Pernambucanos Celebres*---de F. A. Pereira da Costa---a biographia do poeta.

quistador. Tal a fama que deixou. Não tenho documentos para estudal-o por esta face; consta que achou-se no Recife, no Rio e Lisbôa envolvido em muitas e interessantes intrigas amorosas.

Não tenho documentos; e quando os tivesse, não os utilisaria; porque neste asssumpto só têm valor aquelles factos que se prendem ao desenvolvimento e á vida litteraria.

O estudo dos salões europeos, cujos comparsas eram homens de talento ou de genio e e damas de alta cultura, o estudo de taes salões, que foram verdadeiros focos de vida politica e litteraria, tem um alto alcance para a historia intellectual.

No Brazil, onde as letttras são uma superfetação em grande parte, e onde salões podem brilhar pelo doce fulgor dos olhos das bellas, mas não brilham de certo pela originalidade das ideias, um tal estudo é escusado e ridiculo.

Oh! os salões dos tempos de Pedro I e e da regencia!

Deveriam, como os de hoje, singularisar-se quando muito, por algum namoro lubrico e burguez...

Por este lado podemos deixar em paz o o nosso barão de Itamaracá.

Foi essa tendencia pelo salonismo e pelas aventuras amorosas o defeito e a vantagem do seu talento.

O defeito, porque foi isso que o impedio de ser um trabalhador activo, um espirito serio e profundo, um factor em nosso desenvolvimento.

A vantagem, porque foi essa inclinação que

o conservou sempre em excitação sentimental e em eretismo lyrico.

Todos, ou quasi todos os seus versos foram feitos á suas namoradas, á suas amantes.

D'elles reçuma a sensualidade, a sêde do goso.

Não são paixões profundas, innocentes e sinceras, são anhelos, solicitações de um galanteador

Falla mais a imaginação de que ao sentimento.

São versos de um orador e de um diplomata, são versos de um D. Juan de talento.

Eil-o a solicitar:

(Segue-se o soneto que começa:

« *Formosa qual pincel em tela fina*)

E' bello e é sincero. d'essa sinceridade do namorado consistente em ardores e protestos, e o orgasmo crepitante do meridional.

Ali era a ancia de possuir a mulher amada. agora é o sentimento de deixal-a, de perdel-a.

Não saciado, ao poeta punge a recordação do deleite esvanecido:

(Segue-se a poesia que começa:

«*Ella foi-se! E com ella foi minh'alma.*»)

Vê-se que estamos em pleno lyrismo romantico.

Maciel Monteiro assistiu em Paris, de 1822 a 1829, quando ali cursava a Escola de Medicina, as luctas das novas doutrinas litterarias.

E' provavel que desde então escrevesse versos.

Em 1830 já se achava de volta no Brazil, e tomou logo depois parte nas agitações politicas do periodo regencial.

Foi deputado e ministro n'essa epoca. Um

homem d'esses, testemunha das mutações litterarias operadas em França no terceiro decennio d'este seculo, não esperava, para ter a nova intuição, que Magalhães, espirito muito mais tardio, classico emperrado ainda em 1832, nas *Poesias Avulsas* fosse á Europa e enviasse-nos d'ali os *Suspiros Poeticos* em 1836.

E' certo que grande copia dos escriptos de Maciel Monteiro, e de outros poetas que incluio n'este capitulo, é posterior a esse anno.

Mas importa não perdermos de vista que n'esse tempo as linhas dirigentes do pensar de todos elles já estavam assentadas.

Os cyclos litterarios são como circumferencias que se tocam.

Os operarios de uma época alcançam os obreiros da epoca seguinte e collaboram com elles. As datas aqui não têm o significado rigoroso que podem ter em outros assumptos.

E' possivel que todos os versos que possuimos do poeta pernambucano sejam recentes, sejam ulteriores aos *Suspiros*.

E, todavia, tudo leva-nos a induzir que o lyrista do norte nada deveu ao visconde de Araguaya. Sua antecedencia no velho mundo, e, acima de tudo. a indole de seu estylo, e a natureza de seu talento são a prova.

Ouçamol-a ainda no ardor de namorado: (Segue-se a poesia qne começa:

«*Si eu fôra a flor querida, a flor mais bella!*»)

Dos escriptos d'este poeta exhala-se o calor, a vida, o enthusiasmo de uma natureza robusta e sadia.

Era um homem de festas, um homem de prazeres, um espirito pagão, para quem a poesia era riso e flores, um instrumento de notas alegres e vividas.

Nada de melancolia, nada de prantos, nada da molestia commum aos romanticos—da tristeza.

A poesia, como a praticava Maciel Monteiro, a poesia, como effusão momentanea, como producto de occasião, não raro transforma-se n'um artefacto de encommenda, um manjarzinho de banquete.

Mandam-se buscar versos para a festa, como amendoas e doces para a meza. Não ha duvida, isto acontece especialmente com certa classe de espiritos mediocres, dotados de habilidade mechanica de versejar, e dotados de bastante desfaçatez para polluir a arte em modulações por atacado.

Tivemos muitos d'estes menestreis de patuscadas e jantares.

Não é d'esta especie de poesia que fallamos. Referimos-nos áquella que é uma festa do espirito, uma exuberancia d'alma, um trasbordamento de certas naturezas ricamente dotadas. O barão de Itamaracá era d'este numero.

Tinha o exagero dos lyristas por indole:
(Segue-se a poesia que começa:

«*Gènio! Genio!... inda mais! Supremo esforço...*»)

Poeta de talento objectivista, era para esperar que Maciel Monteiro se deixasse captivar pelo mundo exterior e decantasse-nos, como tantos outros, a natureza do Brazil.

Não foi assim.

No mundo exterior o que o encantava era a sociedade e especialmente a sociedade das mulheres.

Sua musa eram as fórmas correctas, os contornos abundantes, as curvas graciosas dos corpos femininos.

Uma sarão, um baile davam-lhe febre e eram a sua fonte de Aganipe.

Perfumado e correcto, atirava-se aos salões á cata de suas deidades; chamavam-no *o doutor cheiroso*.

Para dar largas ás suas tendencias, jogou-se na carreira diplomatica, fertilissima *Ilhas dos Amores*, onde não aprôam Gamas, porém ancoram de vez certos poetas madraços e certos politicos sensualistas.

Uma cousa é para notar-se.

Sendo Maciel Monteiro um poeta erotico, seus canticos não descem nunca à licenciosidade ou grosseria de linguagem de que usam muitos de seus pares.

Ao contrario gostava de involver de imagens ethereas as suas amantes. Requinta de delicadezas e arrasta-as n'uma especie de volupia sobre-natural e supra-sensivel. E' a mystica do amor e do galanteio.

Eis aqui:

(Segue-se a poesia que começa:

«*Ao nacerdes, senhora, um astro novo.*»)

De tudo que levamos citado é facil concluir que o poeta pernambuco foi entre nós um dos predecessores do lyrismo hugoano, que mais tarde inspirou uma escola inteira de poetas.

Certa limpidez de phrase, certo arrojo de metaphora insinuam-se por seus versos doce e suavemente.

E insistimos em notar as bellezas do lyrismo d'este poeta provinciano; porque sempre tem sido elle posto á margem pelos myrmidões que no Rio de Janeiro se hão occupado com a vida litteraria do paiz. Excepção feita da litteragem cortezan e de alguns felizes da velha escola maranhense, todos os espiritos de valor

nas provincias, maximé do norte, são cuidadosamente deixados no esquecimento.

A' nossa miseravel centralisação em tudo devemos mais este anomalo e extravagantissimo desacerto.

Pessimo systema de fomentar a união das provincias. que veem preteridos das honrarias da fama tantos dos seus mais illustres filhos...

Voltemos ao nosso poeta. Elle tinha tambem seus dias de passageira magoa. Escreveu isto : (1)

(Segue-se a poesia que começa :

« *Mas uma vez o astro soberano.* »)

Nem todos os amores lhe correram suaves; teve tambem suas luctas, suas tragedias intimas. Ha d'elle poesias que o denunciam claramente. Ardentissimas fagulhas d'um lyrismo brilhante, esses versos trazem-nos a vista o coração magoado do grande sonhador.

Tal foi o poeta. Deixemol-o de parte.

Maciel Monteiro era conservador em politica e foi deputado durante muitos annos. Sua fama de orador ainda hoje perdura. Encaremol-o rapidamente por esta face.

Antes de tudo citemol-o, e seja um pedaço do celebre discurso pronunciado na camara dos deputados a 10 de Junho de 1851. O orador tratou do trafico de africanos, da amnistia aos revolucionarios de 1848 em Pernambuco e das relações do imperio com a Republica Argentina. Ouçamol-o sobre o trafico. Preparava-se a lei de Euzebio e Maciel Monteiro disse isto :

---

[1] As poesias que citamos d'este escriptor vêm colligidas pela mór parte, nas *Biografias de alguns poetas e homens Illustres da provincia de Pernambuco*, de A, J, de Mello, de pags 56 a 64 do 1,· vol,

(*Segue-se um longo trecho do respectivo discurso adiante reproduzido.*)

E' este o estylo do orador.

Dizem que o parlamentar pernambucano tinha bella presença, voz sonora, gesto animado, fluencia de dicção na tribuna. Eu o creio bem.

Faço apenas uma restricção: faltava-lhe a força.

O espirito humano é tão rico em suas manifestações, quer individual, quer collectivamente, que torna-se impossivel definir um povo ou individuo em uma simples formula de critica. Esta verdade geralmente enunciada, e sempre esquecida na pratica, tem toda applicação, fallando-se de oradores.

Existem quinhentas maneiras de exercer a oratoria com vantagem e talento. Ha os discursadores que improvisam e os que o não podem fazer; ha os logicos e ha os tumultuarios; os imaginosos e os sobrios; os vehementes e os placidos; os insinuantes e os arrebatadores; os que têm a habilidade e os que possuem a energia... que sei eu? ha lugar para todos os estylos.

E entre elles, qual foi o exercido por Maciel Monteiro?

Nós que o não ouvimos temos para julgal-o apenas o texto mais ou menos desfigurado dos seus discursos.

Parece ter sido o illustre pernambucano um orador facil, delicado, maneiroso.

Não revela jamais paixão, fervorosos impetos d'alma, nem grandes recursos de sciencia e poderosos auxilios de analyse.

Nunca se elevou á grande eloquencia, como nunca attingio á grande arte, á immorredoura poesia.

Era um gracioso individualista, um dilettante da tribuna, um virtuoso da politica.

Era conservador por arte, por equilibrio de temperamento.

Nada queria, nem se atirava a cousa alguma que lhe alterasse a placidez da vida e o perturbasse na marcha dos seus amores. Era um improvisador amavel e amado por todos.

Durante vinte annos (1833 –1853) com pequenos intervallos, desde os tempos proximos á abdicação do primeiro imperador até a guerra de Rosas, esteve no parlamento.

Foi perante a muitas das mais tempestuosas sessões da camara e foi collega dos nossos mais distinctos oradores e homens d'Estado.

E' licito dizer que a eloquencia de Maciel Monteiro, si não era facilmente derrotada pelos seus adversarios, não alcançou, por sua vez, grandes victorias.

Novas idéas, novos planos de governo, novos horisontes politicos e sociaes não foram abertos ao povo brazileiro aos golpes de eloquencia do nosso deputado.

E' este o signal inconcusso dos grandes oradores, o signal irrecusavel de sua força. Não o distingo em Maciel Monteiro, e creio não errar preferindo o poeta ao parlamentar. Não lhe conheço um só discurso que seja verdadeiramente superior, e algumas das suas poesias eroticas são das melhores da lingua portugueza. Natureza artistica alliada a uma voluptuosidade intensissima, era verdadeiramente um poeta.

SYLVIO ROMERO.

HISTORIA DA LITTERATURA BRAZILEIRA, *Rio de Janeiro*, *1888*, pp. 435—455.

Antonio Peregrino Maciel Monteiro

Barão de Itamaracá

SEMPRE julguei que a biographia de um pernambucano, como Maciel Monteiro, só poderia ser traçada por um outro pernambucano da mesma envergadura.

Para felicidade do *Almanach de Pernambuco* deparei com a noticia da fundação da Academia Brasileira de Lettras, composta de quarenta membros, que adoptaram diversos nomes em homenagem a escriptores brasileiros, cuja biographia se encarregavam de fazer.

Nessa lista, suprema felicidade! figurava o illustrado Sr. Dr. Joaquim Nabuco que escolhera o nome de Maciel Monteiro.

Pressurosamente, apadrinhado pelo distincto professor e medico Dr. Barros Sobrinho, dirigi-me áquelle homem de lettras, rogando-lhe a remessa dessa biographia para honrar as primeiras folhas do meu Almanach.

Por minha infelicidade e ainda maior infelicidade dos leitores, a resposta ás nossas cartas não foi satisfactoria.

Ao Sr. Dr. Barros Sobrinho escreveu o illustre Sr. Dr. Joaquim Nabuco;

Meu caro amigo

Eu realmente devo escrever alguma couza sobre Maciel Monteiro, mas não virá senão depois da Vida de meu Pae, e depois que eu tiver colligido documentos, que não tenho nenhum.

Escrevi ha tempos ao Dr. Regueira Costa a respeito e não tive resposta.

Talvez a minha carta esteja ainda no correio.

A nossa provincia ou Estado devia realmente fazer colligir todas as obras esparsas de M. M., o que elle deve ter escripto em Portugal, discursos na Assembléa Provincial e na Camara dos Deputados, retratos, factos etc.

Só depois da publicação de tal livro eu poderia fazer alguma cousa.

. . . .

Queira dizer isto mesmo ao Dr. Pires Ferreira.

Saudades etc.

Do seu sempre dedicado

Joaquim Nabuco.

Ao humilde e obscuro escriptor d'estas notas dirigio as seguintes linhas:

Illm. Sr. Dr. Julio Pires Ferreira,

O nosso amigo Dr. Barros Sobrinho lhe mostrará a carta que acabo de escrever e dando

os motivos porque não satisfaço o seu obsequioso convite.

Tenho desejo, agora que me disse a sua intenção, de vêr o seu trabalho nas primeiras folhas de seu *Almanach*.

Uma collecção completa, ou antes mais rica do que as outras, das poesias de Maciel Monteiro seria o meio mais certo de recommendar e popularisar a sua nova empreza litteraria.

Aceite os meus sinceros agradecimentos, com as minhas desculpas de o não poder ajudar: eu não devia, porem, substituil-o, o mais que eu posso fazer é aproveitar-me dos seus trabalhos.

De V. S.

Comprovinciano Att.° e Obr. criado

Joaquim Nabuco.

Nestas condições arrojo-me a traçar algumas notas biographicas sobre o Dr. Antonio Peregrino Maciel Monteiro, concorrendo com a pequenina parcella de meu esforço para uma futura e completa biographia escripta por mão de mestre competente.

Para esse fim transcreverei todas as poesias que conhecer, de Maciel Monteiro.

Ella foi-se e com ella foi minh'alma.

E estes dois versos finaes de um Soneto:

Quem pode ver-te sem querer amar-te ?
Quem pode amar-te sem morrer de amores ?

Haverá pelo menos em Pernambuco, al-

guèm que desconheça tão delicados e mimosos versos?

Por certo que não.

E não será este um dos maiores elogios que se possa fazer de um poeta?

Não ha negal-o.

Maciel Monteiro foi antes de tudo e sobretudo um poeta, mas um poeta por temperamento, que versejava sem esforço, sem difficuldade, em qualquer parte, senão, de improviso mas, quasi sempre, sem forçar a imaginação.

Rebello da Silva disse: «A faculdade que melhor caracterisa Mendes Leal é a creação lyrica.

Antes de tudo fel-o Deus poeta! A sua lingua é o verso.»

Egual conceito formularei a respeito de M. Monteiro.

A musa sempre se achava a seu lado, prompta a seu menor gesto, a um simples olhar.

Para mim, é este um dos maiores meritos de M. Monteiro: Os seus versos sahiam-lhe naturalmente.

E assim, si sua amada ausentava-se, elle escrevia:

[Segue-se a poesia que começa:]

Ella foi-se e com ella foi minh'alma! ..

A sua Lilia duvidava da sinceridade de seu affecto, queria saber como elle a amava, e M. Monteiro traçava um soneto:

(Segue-se a poesia que começa:
Amar, amar um anjo de candura,)

Lyrico sentimental, seus versos não tinham paixões arrebatadoras, eram antes meigos e dôces.

Conquistador, tal é pelo menos a fama que adquirira na Capital do Imperio, seus versos rastejavam aos pés da diva de seus amores, insinuavam-se-lhe alegres, solicitos, galantemente.

Era um verdadeiro diplomata na poesia: sabia muito bem contemporisar hoje para alcançar amanhã.

O soneto, que na phrase de Gonçalves Crespo, é esse precioso vaso antigo, onde cahiam as lagrimas dos poetas, que souberam amar e padecer -- Petrarcha, Shakspeare e Camões, merecia todo o esmero de M. Monteiro; tornava-se por isso impeccavel, correcto e musical nesse genero.

Para prova, examinem meticulosamente o seguinte, tam conhecido nos salões pernambucanos:

(Segue-se a poesia que começa:

Formosa, qual pincel em téla fina)

Não ha duvida são versos de um «D. Juan de talento.» Poeta sensual, amando em extremo as mulheres, espirito naturalmente alegre, figura obrigada em quasi todos os salões de seu tempo, por mais de uma travessura amorosa, por mais de uma conquista enveredou corajosamente.

Bastava surgir num espectaculo de caridade, num salão, dizer um dos seus sonetos com aquella propriedade com que recitava, com aquella voz cheia de uncção e encanto, para os applausos mais calorosos irromperem inconsciente e unanimemente da assembléa que ficava presa de seus labios.

Foi por esse meio que elle fisgou mais de um coração.

Tambem, que coração feminino não se deixaria enlevar pela magia do seguinte soneto?

(Segue-se a poesia que começa:

Era já posto o sol. A natureza)

Maciel Monteiro tinha «o sentimento das palavras.»

Vejam que não ha uma só ideia que não esteja cercada de comparações proprias, bem engastada de perolas valiosas e symetricamente collocadas.

E o que mais admira, era que tudo isso lhe vinha expontaneamente. Elle não detinha a corrente das ideias a procura de um termo; o que sentia, exprimia-o sem ter necessidade de polir e repolir o verso, a rima, pois que elle brotava-lhe correcto e perfeito.

Entretanto, que impeccabilidade de forma!

E' que elle apreciava sobretudo a belleza e a elegancia da forma, da divina forma, como dizia Goethe.

Leiam e meditem, meus estimaveis leitores, nos versos que se seguem, e vejam se não tenho razão:

(Segue-se a poesia que começa:

Nasce a rosa no jardim)

A ideia dos versos não é nova, mas o poeta soube dar-lhe uma forma especial, apresentou-a revestida com tanto brilho, que ninguem a verá que não a admire, e não julgue que é outra, que é original.

O mesmo se poderá dizer da seguinte composição que é um primor de estylo, de correcção, de graça:

(Segue-se a poesia que começa:

Eu gosto de ver)

O ardor de namorado explodia em qualquer momento:

Era uma virgem que fazia annos a 25 de Março e Maciel Monteiro dizia-lhe, aproveitando-se da data do anniversario do juramento da Constituição do Imperio:

(Segue-se a poesia que começa:
Trôa o canhão terrivel, que apregôa)

Era uma mulher que elle divinisava, encontrara-a n'um baile: a sua musa sempre alegre e florida escrevia:

(Segue-se a poesia que começa:
Si eu fôra a flor querida, a flor mais bella)

Não precisava grande cousa para que vibrasse a corda poetica de Maciel Monteiro.

Em tudo elle achava thema prra divinisar sua amada.

Do objecto mais simples ou da mais commum esphera, sabia tirar assumpto para seus versos, e nelles, com graça e perfeição, enquadrava a deusa de seus amores.

Assim leu o Poema «Camões» de Garrett e ei-lo a versejar, architectando tres producções cada qual mais bella.

(Segue-se a poesia que começa:
Si o cantor de Camões, em estro ardendo.)

« A poesia, como praticava Maciel Monteiro, a poesia, como effusão momentanea, como producto de occasião, não rara transforma-se num artefacto de encommenda, um manjarsinho de banquete.

....

Não é d'esta especie de poesia que fallamos. Referimos-nos áquella que é uma festa de espirito, uma exhuberancia d'alma, um transbordamento de certas naturezas ricamente

dotadas. O Barão de Itamaracá era deste numero.

Tinha o exagero dos lyristas por indole.»

....

Uma outra qualidade muito notavel do nosso poeta era o modo velado, rendilhado de imagens subtis com que sabia cobrir os seus versos cheios de amores lubricos, sensuaes.

E' necessario penetrar no âmago de suas ideias para descobrir a voluptuosidade de que elle sabia embeber suas composições poeticas.

O seu ideial era a mulher, na sociedade feminina achava-se elle bem, e d'ahi tirava todas as suas inspirações.

Era, pois, natural o seu lyrismo que se coadunava com a sua especial organisação artistica, de poeta.

Para mais uma prova da delicadeza do estro de Maciel Monteiro transcrevo uma poesia em que elle «envolve a sua amante de imagens ethereas :»

(Segue-se a poesia que começa :

Ao nascerdes, Senhora, um astro novo)

Maciel Monteiro não fazia versos, como o commum dos poetas : os versos nasciam-lhe, brotavam-lhe do coração, como um fio d'agua limpida, naturalmente, desde que se sentisse tocado pela mão delicada e macia de uma mulher.

Essa expontaneidade de seu estro fazia-o ás vezes, rarissimas vezes, levado pela inspiração, cahir um pouco, não na rima ou na metrificação, mas empregando palavras que juntas produzem sons desagradaveis para um ouvido exigente e bem educado.

São manchas que se encontram até no sol.

Como belleza de forma apresento as seguintes quadras em que a comparação com a natureza, uma vez feita, é conservada com grande habilidade e mestria até o ultimo verso e as quaes um poeta moderno não se dedignaria de assignar.

(Segue-se a poesia que começa :

Eis-me outra vez da Creação no Templo)

Além das poesias originaes, M. Monteiro traduziu tambem algumas outras de Lamartine.

Estas traducções, muito pouco conhecidas, foram-me fornecidas pelo operoso cultor das lettras patrias o Dr. João Baptista Regueira Costa.

A elle tambem deve-se o conhecimento da poesia sob o titulo *Mãe e Filho* que foi publicada pela primeira vez na sua «Nova Selecta» da qual a trasladei e transcrevo mais adiante.

No estylo, é uma das mais bellas poesias que conheço, de poetas antigos e modernos.

E' um conjuncto de bellezas : mimo de imagens, melodia de phrase e delicadeza de sentimento.

Dentre todas as poesias de M. Monteiro destaco essa, como uma perfeição na contextura e imagens, que não tem o cunho especial do lyrismo amoroso.

Nessas quadras não reçuma a sensualidade, a sêde do gozo.

Ao contrario da maioria de suas composições poeticas que falam mais á imaginação que ao sentimento, essas deixam a luz uma outra face de caracter poetico do nosso distinctissimo coestadano.

Ei-las !

(Segue-se a poesia que começa :

Respira tudo fragancia)

Haverá nada mais delicado e perfeito, que toque mais ao coração, que melhor descreva esses anhelos dôces de uã mãe perante o berço de seu filho a adivinhar-lhe os sorrisos, a beber-lhe as lagrimas, a colher-lhe o primeiro balbuciar da primeira syllaba qu'elle solta em sua inconsciencia ?

Como nos toca ao coração toda essa descripção da primeira infancia, como nos trazem saudosas recordações dos tempos de menino !

Não será verdadeiro poeta quem sabe tirar do rochedo do homem, empedernido pela sciencia moderna e pelo scepticismo dominante, a fonte de lagrimas que nos consolam em nossas descrenças, que nos trazem suaves, embora dolorosas lembranças de um tempo que não volta mais ?

Quem duvidará ?

Eu te bemdigo, sublime artista do verso.

O notavel critico Dr. Sylvio Romero com muita razão julga que M. Monteiro foi entre nós um dos predecessores do lyrismo hugoano, que mais tarde inspirou uma escola inteira de poetas.

Põe-se, d'esse modo, de encontro á opinião dos que concedem esse titulo ao poeta dos *Suspiros*.

E' certo, diz o autor da *Historia da Litteratura Brazileira*, que grande copia dos escriptos de Maciel Monteiro é posterior a 1832. Mas importa não perdermos de vista que nesse tempo as linhas dirigentes do pensar de todos

elles (de Monteiro, Odorico Mendes, João Capistrano e outros) já estavam assentadas.

Os operarios de uma epocha alcançam os obreiros da epocha seguinte e collaboram com elles.

E' possivel que todos os versos que possuimos do poeta pernambucano sejam recentes, sejam ulteriores aos *Suspiros*.

E, todavia, tudo leva-nos a induzir que o lyrista do Norte, nada deve ao Visconde de Araguaya.

Sua antecedencia no velho mundo (M. Monteiro voltára da Europa em 1830 e Magalhães —V. de Araguaya para lá fôra em 1832) e, acima de tudo, a indole de seu estylo e a natureza de seu talento são a prova. »

Não se limitou Maciel Monteiro ao convivio amoroso das musas.

Na tribuna parlamentar, nas côrtes estrangeiras, na politica, na diplomacia, brilhou o seu talento de primeira agua.

Nascido no Recife, aos 30 de Abril de 1804 de Manoel Monteiro e D. Manoela Lins de Mello, recebeu em Pariz aos 20 annos o grau de Bacharel em Lettras, dous annos mais tarde, (1826) o de bacharel em sciencias e finalmente em Maio de 1829 o de Doutor em Medicina.

Dedicando-se no principio de sua vida publica á carreira medica, pode-se dizer que em breve se entregou de corpo e alma á sereia encantadora e perfida da politica que « consome tanta actividade intellectual e desbota as mais viçosas e poeticas imaginações. »

Elle sabia, porèm, guardar algumas horas

para sua amante, a poesia, e sua inspiração nunca esmoreceu.

Acariciado pela politica, que o acalentára por tanto tempo em seus braços, Maciel Monteiro conseguio ser eleito em diversas legislaturas, e mais de uma vez na Camara dos Deputados reboou a sua voz sonora, apoiada numa dicção correctissima e fluente, auxiliada por um gesto severo e seguro: emmaranhava desse modo o seu adversario nas malhas de uma logica de ferro.

Na verdade não se via em sua palavra um certo *entrain* de paixão, de arrebatamento, de fogo ou de enthusiasmo, antes uma dialectica cerrada, indestructivel: era o «illustre pernambucano um orador facil, delicado, maneiroso.»

Como o affirma Dr. Joaquim de Macedo, elle tinha voz sonora mas não effeminada, palavra fluente e jamais interrompida pela mais leve hesitação, nobreza de estylo, elequencia arrebatadora e gesto moderado e agradavel: nunca faltou a um seu discurso a belleza da fórma e todos os seus discursos se afiguravam preparados com trabalhoso esmero.

Completa illusão!

Após longas horas passadas em saráos, em companhias aristocraticas, em sociedades de excellentes amigos ou nos theatros, Maciel Monteiro dormia a somno solto até as 10 horas da manhã seguinte: lembrava-se, então, ás vezes, de que devia fallar na Camara, e pensava no seu discurso emquanto apurava cuidados no seu vestir esmerado.»

O partido conservador, a que se filiou, honrou-o com os cargos mais elevados e de maior consideração como o de ministro dos negocios

estrangeiros, no gabinete de 19 de Setembro de 1837.

Sua vida politica que durou 20 annos, de 1833 a 1853, desde a abdicação do 1.° Imperador, até a guerra de Rosas, si não teve o brilho de um meteoro, conservou sempre o clarão perenne e constante de uma estrella de maior grandeza.

Em 1853, lembraram-se de seu nome para uma missão importante, foi exigida a sua cooperação no estrangeiro para ahi representar sua patria.

E eil-o a embarcar para Lisbôa como Enviado Extraordinario e Ministro Plenipotenciario do Brazil.

Taes foram os serviços prestados que o Governo houve por bem, attendendo aos seus serviços diplomaticos, conceder-lhe o titulo de Barão de Itamaracá.

Aos 5 de Janeiro de 1868 morreu em Lisbôa o 2.° Barão de Itamaracá.

Transportados os seus restos mortaes para o Brazil, «chegados, emfim ao cemiterio os veneraveis restos de Antonio Peregrino Maciel Monteiro, o poeta admirado, o orador celebrado, o diplomata distincto, o medico, o conselheiro, o grã-cruz, o Barão de Itamaracá, uma das ultimas reliquias dos pernambucanos illustres da geração que vae quasi finda, diz um jornal da epocha, desceram silenciosamente á morada derradeira. Não se proferio uma palavra. A mesma illustrissima Camara Municipal, que teve mãos para erguer o monumento, não teve voz para dizer o que elle significava.»

Lá está a pedra marmorea indicando que desde 24 de Agosto de 1872 alli jaz um genio.

Está cumprido o meu dever de pernambucano.

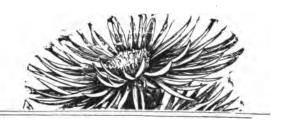
Os criticos, ao menos, concordem que estas notas biographicas teem o merito de tornar conhecidas algumas poesias até hoje ineditas, e de reviver a memoria de um notavel homem politico, de distinctissimo poeta pernambucano.

Recife, Abril de 1898.

JULIO PIRES FERREIRA.

ALMANACH DE PERNAMBUCO PARA 1899.— *Recife, 1898, pg. V—XXXVII.*

Maciel Monteiro

De um retrato *á crayon,* anonymo

Poesias Originaes

I

Hymno ao 7 de Setembro

Quão risonho no horisonte
Surge o Deus da claridade!
Exultai, ó Brasileiros,
Triumphou a Liberdade.

Do Brazil nas lindas plagas
Sorri d'ouro a nova idade;
Liberdade o Norte grita,
Responde o Sul: Liberdade!

Ao som dos nossos queixumes
Despertou a Divindade;
Abrazou-se a tyrannia
No fôgo da Liberdade.

Do Brazil nas lindas plagas.

Contra nós bramiu debalde
Da traição a tempestade;
Ella feriu o traidor,
Respeitou a Liberdade.

Do Brazil nas lindas plagas.

Já no céo americano
Luz alma serenidade;
Enfeita já nosso solo
A planta da Liberdade!

Do Brazil nas lindas plagas.

Nossas vestes não... não tinge
O sangue da Humanidade;
Da Virtude e não de alfanges
Nasce a nossa liberdade!

Do Brazil nas lindas plagas.

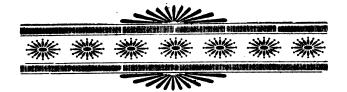
Avessa ao pranto, ao gemido,
Aos grilhões, á crueldade,
Só co'a gloria symbolisa
Nossa dôce Liberdade!

Do Brazil nas lindas plagas.

O' Brazil, caminha ovante
A' tua prosperidade;
O céo vela em teus destinos,
Vela em tua Liberdade!

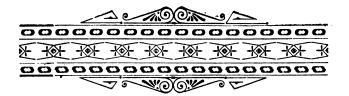
Do Brazil nas lindas plagas.
Sorri d'ouro a nova idade!
Liberdade o Norte grita,
Responde o Sul: Liberdade!

Recife, 1831.

II

Posturas Municipaes

EPIGRAMMA

Si ha posturas de gallinhas,
Tambem ha municipaes;
Aquellas produzem óvos,
Estas somno e nada mais!

Recife, 1836.

III

A's Pernmbucanas Baronistas

CANÇONETA

Lindas jovens baronistas !
Sois imagens da ternura,
Sois os typos da candura,
Sois da patria o mimo, a flôr.

Um celeste enthusiasmo
Brote em vossos corações :
Patrioticas canções
Exultai cheias de ardor.

Para vós prodigamente,
O fugaz Capibaribe,
E o limoso Beberibe,
Mil conchinhas hão de dar.

Ah! voai ás brancas margens,
Recolhei as conchas bellas,
Lindas jovens, e com ellas
Vossas tranças vinde ornar.

Não busqueis mais outro esmalte!
Ornamento da belleza
E' a simples natureza,
Que singela conheceis.

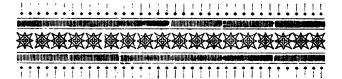
A innocencia é formosura:
O que é simples faz o bello;
Não fujais deste modelo,
E nem d'outro careceis.

Da ridente, e dôce Olinda
Sois a mais terna porção;
Vós prendeis um coração,
Que a virtude sempre quiz.

Lindas jovens baronistas!
Sois da patria almo luzeiro,
E do solo Brazileiro,
Sois a graça e sois matiz.

Recife, 1846.

IV

UM VOTO

Enfin, pauvre feuille envolée,
Je viendrais, au gré des mes voeux,
Me poser sur son front, mêlée
Aux boucles de ses noirs cheveux.

VICTOR HUGO.—*Orientales.*

Si eu fôra a flôr querida, a flôr mais bella
De quantas brilham no matiz, na gala ;
Si o meu perfume fôra mais suave
Que esse que a rosa no Oriente exhala :

Si em volta a mim os zephiros traidores
Sussurrando viessem bafejar-me,
E com molles blandicias, brandos mimos
Tentassem da minh'haste arrebatar-me ;

Si o vario beija-flor tão feiticeiro,
Despresando uma a uma as demais flôres,
Em meu virgineo, delicado seio
Depuzesse seus beijos, seus amores;

Num vaso de esmeralda eu não quizéra
Os aposentos decorar brilhantes
Do soberbo nababo de Golconda,
Que pisa em per'las, topa nos diamantes.

Tão pouco eu cubiçára ornar o seio
D'essa joven britannica princeza,
Em quem o brilho do diadema augusto
Luz menos que os encantos da belleza.

Pousar, Senhora, fôra o meu desejo
Em vossa fronte tão serena e bella,
E fazer que em seu vôo o tempo rapido
A aza impura não ouse roçar nella.

Como um raio da vossa formosura
Reflectiria em mim seu fogo santo!
Como a fragancia dos cabellos vossos
Déra á minha fragancia novo encanto!

Ahi como vaidosa eu ostentára
Todo o meu esplendor! E qual rainha
Num throno d'ouro ousára disputar-me
Minh'alta condição e a gloria minha?

Mas já que a flôr não sou appetecida,
(Que o não consentem fados meus adversos)
Não recuseis, Senhora, a flôr silvestre
Que o bardo vos off'rece nestes versos.

Recife, 1846.

V

Aos annos de...

Cellini sourirait à votre grace pure,
Et, dans un vase grec sculptant votre figure,
Il vovs ferait sortir d'un beau calice d'or,
D'un lys qui devient femme en restant fleur encore,
Ou d'un de ces lotus, qui lui doivent la vie,
Etranges fleurs de l'art que la nature envie!

VICTOR HUGO—*Voix interieures.*

ODE

Ao nascerdes, Senhora, um astro novo
Vos inundou de luz, que inda hoje ensina,
No fogo d'esses vossos olhos bellos
Vossa origem divina.

O ar que respirastes sobre a terra,
Foi um sopro de Deus embalsamado
Entre as flores gentis que vos ornavam
O berço abençoado.

Ao ver-vos sua igual, no empyreo os anjos
Hymnos de amor cantaram nesse dia;
E o que se escuta, si fallais é o echo
Da angelica harmonia.

Gerada para o céo, que o céo somente
Da Creação a pompa e o brilho encerra,
Das mãos do Creador vos escapastes
Cahistes cá na terra.

Um anjo vos seguiu para guardar-vos;
E, quaes gemeos, um no outro retratado,
Quem póde distinguir o anjo que guarda
Do anjo que é guardado?

Só um raio do céo arde perenne
Sem que o tempo lhe apague o fulgor santo!
Por isso os vossos dons são sempre os mesmos,
O mesmo o vosso encanto.

Em vós é tudo eterno. E, si na fronte
(Tam bella sempre em tempos tam diversos)
Uma c'rôa murchar-vos, é de certo
A c'rôa de meus versos.

Dos meus versos! Ah! Não! Que inextinguivel
E' o incenso queimado á Divindade:
E ao canto que inspirais, vós dais, Senhora,
Vossa immortalidade.

Recife, 1846.

VI

Amor ideal

Non: je ne rougis plus du feu qui me consume.
L'amour est innocent, quand la vertu l'allume.

LAMARTINE.

Amar, amar um anjo de candura,
De toda a Creação a obra prima,
Render-lhe o culto, que está inda acima
Do culto, que a Deos rende a creatura...

Dar-lhe quanto ha no peito de ternura,
Que a paixão ennobrece e legitima:
D'alma que ao céo se eleva e se sublima
O perfume votar-lhe em ára pura:

Desejos mil queimar em casta chamma ;
E a c'rôa do martyrio, em premio tardo,
Na fronte receber qu'ella orna e enrama ;

Eis a religião do pio Bardo,
Eis como, minha Lilia, elle arde, elle ama!
Eis como, minha Lilia, eu amo, eu ardo.

VII

A uma joven

Enfant ! si j'etais roi, je donnerais l'empire,
Et mon char, et mon sceptre, et mon peuple a genoux,
Et ma couronne d'or, et mes bains de porphyre,
Et mes flottes, á qui la mer ne peut suffire,
Par un regard de vous !

VICTOR HUGO.

Eu gosto de ver
Uns olhos gentis ;
Mas, quando os teus vejo,
Seu dôce lampejo
Me faz tão feliz !
Meu Deus, como uns olhos,
Uns olhos sómente,
Tal fogo derramam
No peito, na mente !

Eu gosto de ver
Um meigo sorriso ;
Mas, si em ti floresce,
Então me parece

Ver o paraiso.
Ah ! Como é possivel
Que um riso entre tantos
Aos olhos debuxe
Um eden de encantos ? !

Eu gosto de ver
Feiticeiro andar ;
Mas si o teu contemplo,
Cuido vêr num templo
Um anjo a voar.
Quem verá jamais
Prodigios assim,
Andar uma virgem
Como um seraphim ? !

Eu gosto de ouvir
Uma voz macia ;
Mas si és tu que fallas
No ouvido me inhalas
Celeste harmonia.
E' isso magia.
Ou do Céo favor,
Fallando cantares
Um hymno de amor ? !

Eia, Fada, ou Anjo,
Verdade ou Chimera !
Anda, falla, ri,
Que o mundo sem ti
Graça não tivera ;
Mas guarda, acautela
Teus dons, teus primores ;
Que as brisas das selvas
Arrancam taes flôres.

VIII

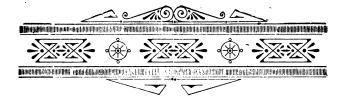
FORMOSA...

Formosa, qual pincel em téla fina
Debuxar jamais poude ou nunca ousára;
Formosa, qual jamais desabrochára
Na primavera a rosa purpurina:

Formosa, qual si a propria mão divina
Lhe alinhára o contôrno e a fórma rara;
Formosa, qual jamais no céo brilhára
Astro gentil, estrella peregrina;

Formosa, qual si a natureza e a arte
Dando as mãos em seus dons, em seus lavôres,
Jamais soube imitar no todo ou parte;

Mulher celeste, oh! anjo de primores!
Quem póde ver-te, sem querer amar-te?
Quem póde amar-te, sem morrer de amores?!

IX

NO CENOTAPHIO

DE

D. Luiza de França Archanjo Ferreira

1

FACE DIREITA DO CENOTAPHIO

De grêda formada,
A carne perece,
Mas a alma no céo
Eterna esplendece.

Por isso da Virgem
Só o pó nos resta,
E o Pai interroga
Minha filha é esta ?

E Deus lhe responde
Com brando sorriso :
Isto é pó, — Luiza
Stá no Paraiso.

Eia pois, ó Anjo!
Hymnos mil a Deus
Entôa, e tambem
Ora pelos teus.

2

FACE ESQUERDA DO CENOTAPHIO

Qual flôr matinal,
Que morre ao nascer,
Tu nasceste, ó Virgem,
P'ra logo morrer.

O orvalho da aurora
Abrio-te o botão;
A briza da tarde
Lançou-te no chão.

Dormiste na terra,
No Céo acordaste;
Foi a vida um sonho
Qu'entre nós passaste.

Não chores, ó Pai,
Por magoas tamanhas:
Si uma flor tu perdes,
Um Anjo tu ganhas.

Recife,—1847.

X

A LILIA

(INEDITA)

Vi, ó Lilia, astro sympathico
De amaciado fulgor :
Cuidei ver um teu olhar,
Mas olhar cheio d'amor.

O concerto ouvi das aves,
Da aurora saudando o alvor :
Pareceu-me ouvir-te a voz,
Quando tu fallas d'amor.

Delicioso perfume
Aspirei em linda flôr:
Era qual esse que exhalas,
Quando te inflammas d'amor.

Tudo quanto a natureza
Tem de graça e de primor
Tu resumes, minha Lilia,
Si te namoras d'amor.

XI

SONETO

(INEDITO)

Sonhei que, nos teus braços reclinado,
Teu rosto encantador, oh! Deusa, eu via,
Que mil avidos beijos eu fruia
No niveo collo teu, aos mais sagrado.

Sonhei que era feliz, por ser ousado;
Que a força, a voz, a côr e a luz perdia,
Em extasi suave, em que bebia
O nectar, nem por Jove inda libado...

E no mais dôce e no melhor momento,
Exhalando um suspiro de ternura,
Acórdo, acho-te só no pensamento!

Oh! destino cruel, oh! sorte dura,
Nem me perdura um vão contentamento,
Nem me perdura em sonhos a ventura!

XII

Aos annos de...

Oh! vous faites rêver le Poète le soir!
Souvent il songe à vous lorsque le ciel est noir,
Quand minuit deroule ses voiles;
Car l'âme du Poète, âme d'ombre et d'amour,
Est une fleur des nuits, qui s'ouvre après le jour
Et s'epanouit aux étoiles.

VICTOR HUGO.—*Feuilles d'automne.*

Eis-me outra vez da Creação no templo,
Adorando, Senhora, os seus primores,
E no altar que occupais, augusto, esplendido,
Queimando incenso, derramando flôres.

D 'harpa d'ouro, em que outr'ora o rei psalmista
Desprendia torrentes de doçura.
Nos dedos do poeta as cordas vibram,
Se canta, do que existe, a formosura.

A terra tinha flôres, o céo astros,
O ether era puro, azul o oceano,
Tudo estava creado, mas faltava
O archetypo do bello soberano.

De Eva no molde o Creador pensando,
Novas graças juntou-lhe com destreza...
Vós nascestes, Senhora, e a voz de um anjo
Taes palavras cantou : Eis a belleza !

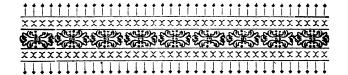
Ether, mar, astro, flôr, tudo eclipsou-se
Em presença da nova creatura ;
Prendeu-se a terra ao céo, e completou-se
Do Universo a sublime architectura.

Da especie humana a esphera comprimida
Se expandio 'té a empyrea summidade ;
E na cadeia hierarchica dos seres
Sois o annel que nos prende á Divindade.

Qual o orvalho da aurora anima a rosa,
E o frescor e o perfume lhe accrescenta,
A luz dos seraphins, que em vós reflecte,
Vossa aureola de encantos aviventa.

Se olhais, raios do céo a terra aclaram.
Se rides, anjos mil espargem flôres ;
Ao contemplar, Senhora, taes prodigios,
Dir-se-ia que por vós Deus sente amores.

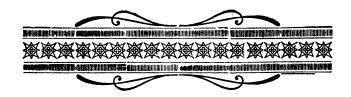
Favorita do céo! Que importa o tempo
Ao sexo vosso mova crúa guerra ?
O sol é sempre no zenith o mesmo ;
A mesma vós sereis sempre na terra.

Recife, 1847.

XIII

MOTE

(INEDITA)

No collo de Annalia bella
Só Jóve deve deitar-se.

Com mysterio e com cautela
Quiz Amor, mudo e sósinho,
Procurar mimoso ninho
No collo de Annalia bella
Mas, Jove que se desvela
De em todos sitios achar-se,
Com elle vae encontrar-se
E diz, detendo-lhe os passos
De Annalia bella nos braços
Só Jóve deve deitar-se.

XIV

Aos annos de M.elle...

A 20 de Novembro de 1847

Elle! tout dans un mot, c'est dans ma froide brume
Une fleur de beauté que la bonté parfume!
D'une double nature hymen mysterieux!
La fleur est de la terre et le parfum des cieux.

VICTOR HUGO.

Nasce a rosa no jardim
Que esmaltam mimosas flôres:
Ninguem lhe sente o perfume,
Ninguem lhe vê os primores.

Pouco a pouco almo bafejo
De fecunda creação
Lhe alinha a fórma e lhe imprime
A delicada feição.

O calix já se desdobra
Com viço, com louçania;
Prende-se a uma outra petala
Com ordem, com symetria.

O dôce aroma que entorna
Por entre a verde folhagem,
As auras vêm procura-lo
Como signal de homenagem.

Eis a flôr em todo o brilho,
Eil-a tudo namorando,
Eil-a desejos sem conta
Casta e innocente excitando.

Mas o fado que escarnece
Da ventura dos mortaes,
Dá a aragem nova força,
Dá ao sol ardor de mais.

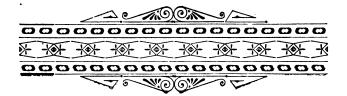
Da gloria, pois, no apogeu
E' a infeliz desfolhada;
Pelo sopro de asp'ra brisa
Ou pelo sol é crestada.

Como a rosa do jardim
Tu nasceste, oh! virgem linda!
Como ella cresceu nos dotes,
Tu cresceste e mais ainda.

Mas praza ao Céo que o seu fado
Não, não seja o fado teu !
E que tu não emmurcheças
Como a rosa emmurcheceu !

Nem que na taça da vida
Sorvas a negra amargura,
Que é tantas vezes no mundo
O premio da formosura.

Recife, 1847.

Maciel Monteiro
De uma lithographia de Boulanger, 1851

XV

SONETO

Era já posto o sol. A natureza
Em ondas de perfume se banhava;
Aqui pendia a rosa, além brilhava
Alguma flôr de virginal pureza.

Nuvem subtil de pallida tristeza
Pelo candido rosto lhe vagava;
Nas negras tranças do cabello estava
Murcha e mais triste uma saudade presa.

Oh! pintor que a pintasse! Era mais bella
Que a lua deslumbrante de fulgores
Surgindo d'entre as sombras da procella!

Ao vêl-a, ao vêr seus olhos matadores,
Voou meu coração aos labios d'ella,
Minh'alma ardente se banhou de amores.

XVI

R. S. A.

(INEDITA)

Tambem no bosque,
Na selva escura,
Existem typos
De formosura.

Talvez ahi,
Ahi sómente,
D'alta belleza
Nasce a semente.

Ah ! foi teu berço,
Mulher divina,
A' flôr do campo,
Alva bonina.

Mas quão depressa
Ellas murcharão
E as tuas graças
Desabrocharão !

Ah ! praza aos céos
Qu'ellas, activas,
Vivão, perdurem
Quaes semprevivas.

XVII

N'um Album

A Mlle....

(INEDITA)

Ainsi qu'on choisit une rose
Dans les guirlandes de Sarons,
Choisissez une vierge élose
Parmi les lis de vos vallons.

LAMARTINE.

Em nossa alma existe ás vezes
Emoção tão singular,
Que descrever não se pode
Na escassa lingua vulgar :
Para amizade é mui viva,
Para amor é muito muito fria ;
Estima não é ; porque este
Não nasce da sympathia.

Eis, ó Virge', o sentimento
Que por ti me abala e inflamma;
Eu sei bem exp'rimental-o,
Mas não sei como se chama.
Qualquer porem que elle seja,
Tão vago e mysterioso,
Crê, ó Virge', elle é mui puro,
E' mui nobre, é generoso.

Nem quer que o fogo de Vesta
Arda na pyra d'amor;
Que o dever n'um peito grande
E' sabio regulador.
Antes faz votos ardentes
P'ra que no altar de Hymeneu
Aches, sim, um peito livre,
Mas sensivel, como o meu.

Recife, 1847.

XVIII

N'um Album

(INEDITA)

O tempo com suas azas
Tudo roça e tudo estraga,
E as graças da formosura
São as primeiras que esmaga;
Em ti, porem, bella dama,
O tempo não póde tanto:
Ao volver de cada hora
Surge em ti um novo encanto

XIX

Aos annos de...

A 25 DE MARÇO DE 1849

Lyre longtemps oisive, eveillez vous encore!
Il se leve, et nos chants le saluront toujours,
Ce jour que son doux nom décore,
Ce jour sacré parmi les jours!

VICTOR HUGO.—*Ode.*

Trôa o canhão terribil, que apregôa
Os patrios fóros em marcial linguagem,
Eis o dia, Senhora, de pagar-vos
O annuo feudo de minha vassalagem.

Mais uma vez o astro soberano
Seus dominios correu no firmamento;
Hoje assente em seu throno, eil-o que espalha
Graças de luz ao vosso nascimento.

Balançando-se 'n'haste voluptuosas
Quão linda gala trajam hoje as flôres !
Dir-se-ia, para gloria de enfeitar-vos,
Qu'orvalhou-as na aurora a mão d'Amores.

As aves, que na selva a alva saúdam
Com seos molles cantares á porfia,
O perfume nas rosas aspirando
Os ares embalsamam de harmonia.

O sol tem mais fulgor, a flôr mais mimos,
A ave mais doçura em seu trinado ;
Ah ! como a Creação dobrou seu fausto
Neste dia, Senhora, abençoado !

Tudo, tudo obedece á voz do Eterno
Rendendo cultos a belleza tanta !
Só o bardo na lyra, envolta em crepe,
Si emprehende cantar, geme, não canta !

Muda a lyra, na qual sagrei outr'ora
Tantos hymnos de amor á formosura,
Si do prazer dedilho as cordas d'ouro,
Vibrar a corda sinto da amargura.

Mas já que em vosso gyneceu risonho
Não póde o canto meu ser hoje ouvido ;
Dai, Senhora, que aos echos da alegria
Ao menos se misture um meu gemido.

Ah ! si em pomposo altar a Divindade
Incenso, flôres, canticos acceita,
O orar do infeliz tambem acolhe
E as lagrimas do afflicto não rejeita.

A mesma urna que no Tabernaculo
Recebe o ouro farto da opulencia,
Tambem, modesta aos votos da humildade,
A oblação recolhe da indigencia.

Pequeno é meu tributo: eil-o qual posso,
Qual me é dado pagar-vos reverente:
Não é o dom opimo do opulento,
E' sim a escassa offrenda do indigente.

Recife, 1849.

XX

Mote

Deixa beijar-te, meu bem!

GLOSA

Suspende, Annalia divina,
Do teu recato o pudor;
Não beija o zephyro a flôr?
Não beija a aurora a bonina?
Quando o sol meigo se inclina,
Não beija as ondas tambem?
Si ao terno pombo convém
Beijar a rôla innocente,
Si a natureza o consente,
Deixa beijar-te, meu bem!

XXI

Aos annos de uma donzella

Madrigal

(INEDITO)

Qu'importa, Filde adorada,
Que a mão do tempo iracundo
Mude, gaste, altere, estrague
Tudo que é bello no mundo?

Qu'importa que o prado ameno,
Cheio de viço e frescura,
Em breve sinta crestar-se
Sua pomposa verdura?

Qu'importa, que a flôr mimosa
Que os jardins enfeita e adorna,
E, entre a folhagem virente,
Gratos aromas entorna,

Veja em pouco sua gala
Desmaiar, empallecer,
E as auras no calix d'outra
Nova fragrancia beber?

Qu'importa, Filde, si as graças
Do teu rosto encantador,
A ternura é que as anima,
Quem lhes dá realce amor?

Deixa pois correr sem susto
Do tempo o carro fugaz,
Que os teus encantos triumpham
Da sua lima voraz.

XXII

No Album

da Exma. Sra. Viscondessa de Bôa-Vista, no dia de seus annos, a 4 de Novembro de 1850

E', Senhora, o vosso *Album*
Um vaso de ouro fulgente,
Que recebe o dom do rico
E o dom tambem do indigente.

A pompa da harpa sublime
Nelle brilha, enleva, encanta;
Nelle o som da frauta humilde
Tambem, Senhora, vos canta.

Mas quanta vez na Harpa excelsa,
Em que o Bardo altivo harpeja,
Falta o fogo da verdade,
Que na ecloga lampeja?

E' meo canto igual da frauta
Ao som silvestre e singelo;
Porém nelle ha um mysterio,
Que o torna mais alto e bello.

Esse mysterio é a uncção
Da alma ingenua do cantor,
Ou cante aqui da amizade,
Ou além cante do amor.

Um raio, que se desprende
D'este fóco de affeição,
Não deslumbra os olhos pasmos,
Mas adoça o coração.

Não recuseis, pois, Senhora,
Meu canto e sua humildade,
Que um tributo é sempre digno,
Si o sagra a mão da amizade.

Recife, 1850.

XXIII

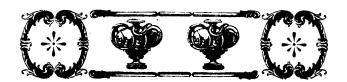
Soneto

A' Candiani.

Em que fonte de canto e de doçura
Bebeste, ó Candiani, a voz divina,
Que arrebata a quem sente e meiga ensina
A sentir té amar a penha dura?

Qual anjo da sagrada, empyrea altura
N'harpa d'ouro os teus sons concerta e afina?
Qual doce aura do céo adeja... trina
Nos teus labios co'as graças de mistura?

De ferro armada, armada de verbena,
Quem de Norma infeliz o canto exprime,
Como tu a paixão, a magua, a pena?

Si delinques de amor, ama-se o crime!
Si te ameigas a amor, quanto és amena!
Si te immolas a amor, quanto és sublime!

XXIV

Amanhã!

Extremoso mancebo adorava
Gentil moça, feitiço de amor ;
Era dama que em graças primava,
E primava tambem no rigor ;
Que esperanças constante accendia,
Mas que nunca um favor concedia.

Dia e noite o mancebo gastava
Em provar terno amor pela bella,
Dia e noite o mancebo chorava
Por deleites gozar ao pé della !
Mas, tão féra, quão linda e louçã,
Ella sempre dizia : Amanhã !

Àh ! senhora, exclamava o amante,
Até quando quereis vêr-me assim ?
Nem sequer o favor dum instante,
Nunca, nunca tereis dó de mim ?
Quando, pois, pagareis tanto afan ?
E a cruel respondia : Amanhã !

Amanhã ! esta phrase do inferno,
Jâ mil vezes de vós tenho ouvido,
Jâ mil vezes amor louco e terno
Abrazado vos tenho pedido,
Mas, tão féra, quão linda e louçã,
Vós dizeis rindo sempre : Amanhã !

Do horisonte limite afastado,
Que debalde se quer conhecer,
De uma flôr o botão desbotado,
Que jamais flôr aberta ha de ser,
Ironia, illusão, phrase vã,
Eis o que é esse vosso : Amanhã !

Basta emfim de zombar. Eu vos amo,
Como ama o favonio uma flôr ;
Por gozar-vos ardente me inflammo,
Junto a vós morrer quero de amor !
Quando, pois, pagareis tanto afan ?
E a cruel respondia : Amanhã !

E o mancebo esperava, esperava
Que chegasse essa hora de amor ;
Cada dia mais terno voltava
A pedir da ternura o penhor ;
Mas, tão féra, quão linda e louçã,
Ella sempre dizia : Amanhã !

Chega um dia (era noite formosa),
Tudo em dôce socego jazia,
'Stava a lua no céo radiosa,
Bella dama entre flôres dormia.
No jardim foi do somno apanhada,
Pelas auras da noite embalada.

Junto della ninguem 'stá velando,
Mas, por entre os arbustos viçosos,
Os raminhos co'as mãos afastando,
Vem o amante com passos cuidosos.
Eil-a alli a dormir descuidada!
Eil-o alli com su'alma abrazada!

O que mais se passou ninguem viu,
Sabe-o a lua que estava no céo;
Só do amante um suspiro se ouviu...
E um ai terno que a moça gemeu...
E depois que algum tempo passou
Todo em fogo o mancebo exclamou:

Ah! é pouco... Não basta um favor
Para a chamma que ardendo em mim vês!
Dizei quando, p'ra gloria de amor,
Dormireis no jardim outra vez!
E vermelha, qual flôr de romã,
Ella disse outra vez: Amanhã!

Rio de Janeiro, 1851.

Maciel Monteiro
De uma photographia

XXV

Um Sonho

Ao embarque e partida de uma Senhora

Ella foi-se ! E com ella foi minh'alma
N'aza veloz da brisa sussurrante,
Que ufana do thesouro que levava,
Ia... corria... e como vae distante !

Voava a brisa e no atrevido rapto
Frisava do Oceano a face lisa :
Eu que a brisa acalmar tentava insano,
Com meus suspiros alentava a brisa !

No horisonte esconder-se annuviado
Eu a vi ; e dous pontos luminosos
Apenas onde ella ia me mostravam :
Eram elles seus olhos lacrimosos !

Pouco e pouco empanou-se a luz confusa,
Que me sorria lá dos olhos seus ;
E d'além ondulando uma aura amiga
Aos meus ouvidos repetiu —adeus!

Nada mais via eu, nem mesmo um raio
Fulgir a furto de esperança bella ;
Mas meus olhos illusos descobriam
Numa amavel visão a imagem d'ella.

Esvaiu-se a visão, qual nuvem aurea
Ao bafejar da vespertina aragem :
Si aos olhos eu perdia a imagem sua,
No meu peito eu achava a sua imagem.

Ella foi-se !... E com ella foi minh'alma
N'aza veloz da brisa sussurrante,
Que ufana do thesouro que levava,
Ia... corria... e como vae distante !

Rio de Janeiro, 1851.

XXVI

Inspiração subita

Tão só,
Tão bella,
Tão triste,
'Stá ella,
Que ao vêl-a
Assim,
Dir-se-hia
Alfim
Que a luz
Do céo
Empana
Um véo,
Ou que
Tambem
Os Anjos
Já teem
Amores
E dores.

Recife, 1852.

XXVII

A ***......

Como a brisa aqui sussurra
Entre a folhage' orvalhada!
Dir-se-ia que são suspiros
De alguma alma apaixonada.

Como a luz no céo dos astros
Brilha com molle fulgor!
Parece olhares de alguem
Çujo peito arde de amor!

Como o perfume das flôres
Suave aqui se derrama !...
Assim a loura madeixa
Sôlta ao ar tudo embalsama !

A brisa, o astro, o perfume,
Fallam, Lilia, ao coração,
Da natureza a linguagem
E' linguagem de paixão !

Recife, 1852.

XXVIII

INSPIRAÇÃO SUBITA

A ROSINA STOLTZ EM UMA REPRESENTAÇÃO
DA « FAVORITA »

Genio ! Genio !... inda mais ! Supremo esforço
Da mão de Deus no ardor do enthusiasmo !
E's anjo ou és mulher, tu que nos roubas
Do culto o amor, o extase do pasmo !

Na pujança do vôo a aguia soberba
Tenta o céo devassar, exhausta pára :
Nas azas do lyrismo, tu de Jehóva
Ao templo chegas e te prostras n'ara.

Ahi, c'roada de fulgente aureola,
No concerto dos anjos te misturas;
E, si cantas na terra, são teus hymnos
Harmonias que ouviste nas alturas;

Ahi aspiras o lustral perfume,
Que das urnas sagradas se evapora:
Eis porque tua voz parece ungida
Dos olores da flôr, que orvalha a aurora.

Ahi do coração na harpa animada,
As cordas descobriste de ouro estreme,
Que, si vibram de amor, ateiam n'alma
Paixão que gosa e soffre e canta e geme.

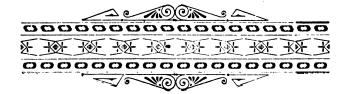
Ahi o idioma typico aprendeste,
Que entendem todos e que tudo exprime:
E' assim teu olhar o verbo vivo,
E' teu gesto a linguagem mais sublime.

Mysterio augusto, que do Eterno ao *fiat*
Surgiste, qual visão que attráe, fascina;
Si da mulher teu corpo veste a fórma,
Arde no genio teu chamma divina.

Mulher ou anjo! Cumpre a missão tua!
Seja a crença deleite, a fé doçura;
Toda a terra ame ao céo nos seus prodigios,
Adore o Creador na creatura.

Rio de Janeiro, 1852.

XXIX

SONETO

Não se minera só ouro fulgente,
Que a vista offusca, faz a paz e a guerra ;
Nem só as minas da fecunda terra
Sagaz *mineiro* lavra diligente.

Voluptuoso olhar concupiscente
Crava na *urna* que um thesouro encerra ;
Nella corveja, nella as garras ferra,
Para a veia caudal achar fluente.

Processo metalurgico applicando
Ao labor *burocratico*, sem asco
Ouro em pó do escrutinio vae tirando.

Coragem ! Dobra o cabo, ousado Vasco,
Que si fôres a pique miserando,
Oh ! meu Deus, que apupada, oh ! que fiasco !

Recife, 29 de Novembro de 1852.

XXX

E eu fico !...

AO MEU VELHO E BOM AMIGO A. J. DE M. FALCÃO

Oh saudade !
Magico nume que transportas a alma
Do amigo ausente ao solitario amigo.

GARRETT.

Ir por estes longos mares
Após de terras estranhas
Deixando da patria os lares,
Custa magoas e pezares,
Custa saudades tamanhas....

Que só quem ao dôce ninho
Inda não disse um adeus
Por esses mares sosinho,
Não conhece o que é o espinho
D'uma saudade dos seus.

Mas não deixas, caro amigo,
A tua terra natal;
Procuras o patrio abrigo,
Queres do berço o jazigo
Lá nas terras de Cabral.

Não é um golpe ferino,
Oh não maldigas a sorte,
Que eu tambem sou peregrino
Companheiro de destino...
Aqui nas terras do Norte.

Tambem já por longos mares
Após de terras estranhas
Eu deixei da Patria os lares,
Cheio de magoa e pezares
E de saudades tamanhas...

Tambem ao meu doce ninho
Eu já disse um triste adeus;
Não sulquei mares sosinho,
Mas já sei o que é o espinho
D'uma saudade dos meus.

Nem estas terras do Norte
São nossa patria querida;
Que não lhes tocou em sorte
Senão o frio da morte
Sem as delicias da vida.

Aquelle clima mimoso,
Aquelle céo tão azul,
Tão sereno e tão formoso,
Onde surge radioso
Nosso Cruzeiro do Sul.

Breve tornarás a ver!
Tens do exilio o perdão:
Mas eu, que o não hei de ter,
Sinto no peito gemer
O meu triste coração.

Que aquellas terras amenas,
Com seu bello céo de anil,
Cheio de estrellas serenas
Como de prata assucenas,
Só nas terras do Brazil.

De novo acharás alli
Dôce prazer d'amizade,
Que nunca se encontra aqui
Num povo, que só de si
Cuida e da sua vaidade.

O facil trato da vida
Lá o tornarás a ter
Na nossa lingua querida,
Que esta raça presumida
Não quer nem pode entender.

Os amigos abraçando
Sentirás terna emoção;
E eu! Não sei até quando
Aqui ficarei penando
Sem essa consolação!

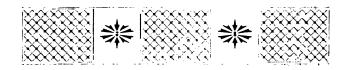
Sem ver as terras amenas
Com seu bello céo d'anil,
Cheio de estrellas serenas
Como de prata assucenas,
Nossas terras do Brazil.

Muito me custa deixar-te:
Mas quanto te invejo a dita!
Aquelles que hão de abraçar-te
Hão de as magoas adoçar-te
Naquella terra bemdita.

Não é um golpe ferino,
Oh! não maldigas a sorte,
Que eu tambem sou peregrino,
Companheiro de destino
E fico em terras do Norte.

Nem tu vais por esses mares
Após de terras estranhas,
Vais buscar da patria os lares,
Vais findar magoa e pezares,
Matar saudades tamanhas!...

E eu não posso ver o ninho
A que já disse um adeus,
Fico agora aqui sosinho,
Tranzido do acerbo espinho
De uma saudade dos meus.

New-York, 7 de Setembro de 1853.

XXXI

O poema "Camões" de Garrett

INVOCAÇÃO

Se o cantor de Camões, em estro ardendo,
A saudade pintou com mão tão fina,
Que ora as suas doçuras vai bebendo,
Ora sorve o amargor que ella propina,
O que faria se, de amor gemendo,
Vivera só por ti, mulher divina?
Ah! só então pintára com verdade
O que eu sinto por ti, o que é saudade.

CINTRA

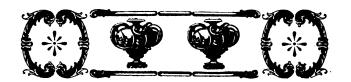
Quanto é feliz o coração amante,
Que de Cintra ás montanhas transportado,
Das auras ao bafejo sussurrante
Os acintes esquece de impio fado!
Ah! misero de mim que um só instante
De ti me não esqueço, ó bem amado;
E antes vejo nos prados, fontes, flores,
Memorias do meu bem, dos meus amores!

GRUTA DE MACAU

Qual nas margens do Ganges caudaloso
Suspirava de amor o bardo ausente,
Enamoradas queixas cauteloso
A's grutas confiando docemente ;
Quantas vezes, meu bem, terno e queixoso,
Do patrio rio á placida corrente,
Minhas magoas contei, meus dissabores,
E, em ti pensando, suspirei de amores !

O TEMPO E A BELLEZA

Rugada a fronte, carrancudo o aspecto,
Na dextra sustentando a lima aguda,
O voraz tempo procurava inquieto
A belleza de horror gelada e muda ;
Eis que movido de profundo affecto
Te olhou... e disse em voz, mas não sanhuda :
Em ti poder não tenho, que és divina,
E teus dotes guardar amor me ensina.

XXXII

A Rosina Laborda

A 'strella d'alva lá no céo desponta
E logo a aurora nos sorri gentil ;
Succede o dia, cuja luz derrama
Por sobre os campos seus encantos mil.

O teu talento, divinal Laborda,
No céo de artista se apresenta agora ;
Tal como o dia seguirá seu brilho,
Colhendo as rosas que teu genio inflora.

E quando o astro, que do mundo é rei,
Ao seu zenith lá chegar mais tarde,
A luz brilhante surgirá então,
Seguindo o fogo, que em teu peito arde.

Formosa pagina te destina a arte
No livro de ouro que lhe encerra a historia;
Prosegue e estuda, p'ra que um dia voltes
A aurea folha da luzente gloria.

Lisboa.

Traducções Poeticas

XXXIII

O Lago

LAMARTINE

Errando, sem cessar, de plaga em plaga,
Da noite eterna o golphão demandando,
Não poderemos nós no mar dos evos
Ancorar um só dia?

O' lago, um anno é findo! e em tuas margens
Tão queridas, que inda Ella vêr quizéra,
Repara: eis-me hoje só sobre esta penha
Em que a viste sentada!

Assim fremias tu nas cavas rochas ;
Assim no embate o seio lhes rompias ;
Assim tambem de espumas salpicavas
Os seus pés adorados.

Uma noite em silencio nós vogavamos ;
O rumor só se ouvia, não te lembras ?
Dos remos, que cadentes te talhavam
As harmonicas vagas.

Eis subito das ribas encantadas
Ignoto accento vibra e os echos fere :
A vaga emmudeceu : da vóz amavel
Cahiram taes palavras :

« Pára, ó tempo, o teu vôo, horas propicias,
« Suspendei vosso curso,
« Gostar deixai-nos as delicias gratas
« Dos nossos bellos dias.

« Não poucos desgraçados vos imploram ;
« Correi, correi p'ra elles.
« Levai os dias seus, as suas magoas,
« Esquecei os felizes.

« Mas debalde inda peço alguns instantes :
« O tempo escapa e foge ;
« Digo á noite : sê mais pausada ; e á aurora :
« Vem dissipar a noute.

Amemos, pois, amemos! Fugaz tempo,
Eia, aproveitemol-o !
O homem não tem posto á idade termo,
Elle corre e passamos.

Pois é crivel que instantes tão suaves,
Em que amor de delicias nos inunda,
Fujam velozes, tempo ingrato, como
Os dias da desgraça?

Pois que! nem seus vestigios permanecem?
Que! passados já são! já são perdidos!
Nem o tempo que os deu, que os arrebata
Nol-os dará de novo!

Nada, passado, eternidade, abysmos!
Os dias que tragais, que é feito d'elles?
Acaso pagareis sublimes extases
Que nos roubais, dizei-nos?

Oh! lago! Oh! selva! Oh! grutas! Oh! rochedos
Vós que o tempo respeita ou que remoça
D'esta noute guardai, guardai vós todos
Ao menos a lembrança!

Viva ella em teu repouso, em teus marulhos,
Bello lago, e nos teus vergeis risonhos;
Nesses rudes penedos, negros troncos,
Que p'ra ti se debruçam!

Viva nas auras que murmuram, fogem,
No crebro estrepitar de tuas ondas,
Nesse astro que prateia as tuas aguas
Com seus molles fulgores!

E a aragem que suspira, a haste que geme,
Do teu ar perfumado o alado aroma,
Tudo emfim que se vê, ouve ou respira
Repita: elles amaram!

1846.

Tumulo de Maciel Monteiro

No Cemiterio de Santo Amaro

XXXIV

A' Mademoiselle Michatowska

LAMARTINE

Vê o cysne no lago a sua imagem ;
Na propria luz debuxa-se o relampago ;
No oceano o Céo se vê, Deus no universo,
E no porvir o homem.

No porvir ? desmaiado e frio interprete !
Espelho baço qual do Norte a lympha,
E seu prisma e fulgor qu'importa ao vate,
Si a Morte é sem reflexo ?

Mas num peito sensivel contemplar-se,
Nuns castos olhos, que a affeição accende,
A furto descobrir o olhar amante,
Como a noite uma estrella !

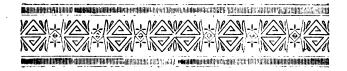
Dizer : no meio das humanas lides
Ha um ponto de luz no immenso espaço,
Onde contra a calumnia, a inveja, a sanha
Tem meu nome um abrigo !

Minha lyra num peito vibra ao menos,
Que os meus ais como o céo mudos entende,
Onde a minha voz sôa e a alma se expande...
Ah ! do bardo eis o premio !

Embora o canto meu no olvido expire,
Tu és o asylo meu, a gloria minha !
Viver mesmo ignorado nos teus sonhos,
Ter um echo em tua alma...

Discreta testemunha do teu pranto.
Sentir-te os ais no peito encarcerados ;
Nas tuas emoções fiel ter parte,
Ser chamado em teus labios...

De dia na soidão seguir-te os passos,
De noite vigiar-te á luz da lampada ;
Ser quem amas e a sombra com que sonhas...
Eis minha eternidade !

1846.

XXXV

INVOCAÇÃO

LAMARTINE

Oh! tu que eu vi surgir neste deserto,
Habitante do céo aqui 'strangeira!
Oh! tu que aos olhos meus brilhar fizeste
De amor um raio nesta noite inteira,
Eia, mostra-te toda, oh! maravilha,
Dize teu nome, patria e teu destino:
        E's d'aqui da terra filha?
        Ou és um sopro divino?

Pretendes tu volver ao firmamento?
Ou no lucto, na dôr e na miseria
Entre nós proseguir teu curso lento?
Seja qual fôr teu nome, patria ou fado,
Ente na terra ou lá no céo gerado,
Quanto eu viver concede-me o indulto
De te dar meu amor, dar-te meu culto.

Si entre os mortaes findar tua carreira,
Sê meu amparo e em todos os lugares
Soffre que eu beije a terra, que pisares;
Mas, si aos astros voando sobranceira,
Dos anjos na mansão, anjo, pousares,
Na terra ama-me, emquanto nella fores,
No céo troca em lembrança os teus amores.

1847.

XXXVI

O ramo de amendoeira

LAMARTINE

Tu és, ó haste florida,
O emblema da formosura;
Como tu, a flôr da vida
Floresce e cai prematura.

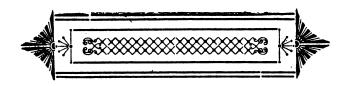
Quer colhida em nossa fronte,
Ou nas mãos de amor, quer fóra,
Ella escapa folha a folha,
Como o prazer d'hora em hora.

Gozai seus dons transitorios,
Que as auras tentam roubar;
Esgotai no calix ledo
O aroma que vai findar.

A belleza fugitiva
E' qual flôr d'alva, que alfim
Em a fronte do conviva
Se esfolha antes do festim.

Um dia cai, outro se ergue,
A primavera já cessa;
Cada flôr, que o vento leva,
Nos diz : gozai-a depressa.

E já que as rosas tambem
Soffrem da morte o rigor,
Ao menos não emmurcheçam
Senão nos labios do amor.

1847.

NOTAS

Notas

Em volta de todas as personalidades de pronunciado destaque sôe formar-se, rapido e persistente, um halos fulgurante que, dilatando legendaria e falsamente o ambito da sua actividade ou ampliando a uberdade do seu engenho, lhes empresta feitos e obras que jamais commetteram ou realisaram.

A imaginação popular, simples e synthetica, precisa sempre dum nome prestigioso para caracterisar a physionomia duma epoca, encarnar um periodo de angustias, concretisar a acção duma tendencia, ou representar a essencia duma aspiração.

Assim, entre nós, ainda hoje, Mauricio de Nassau caracterisa o dominio hollandez, Luiz do Rego encarna a tyrannia colonial, Frei Caneca concretisa o martyrologio republicano, e Nunes Machado representa o liberalismo intransigente.

E' uma lei historica que, no pensar de Melchior de Vogüé, parece tomada de empres-

timo ás leis sideraes, esta attração singular de alguns grandes nomes que, além do crescente augmento do conjuncto das proprias acções, incessantemente avolumado, ainda absorvem, no decorrer das eras, o resultado do esforço anonymo duma ou mais gerações, feito de mil esforços obscuros.

A' fatalidade desta lei não escapam tambem os grandes poetas, e é este um dos seus maiores titulos de gloria.

Teve-o igualmente Maciel Monteiro.

Ao estro originalissimo do celso vate pernambucano não faltaram imitadores e.... falsificadores, que procurassem valorisar á sombra do seu nome augusto os fructos pêcos da sua lamentavel mediocridade.

D'ahi resultou lhe serem attribuidas numerosas composições poeticas de alheia procedencia e manifesta inferioridade, conforme nos tem demonstrado longo, ingrato e penoso inquerito.

São innumeros aqui em Pernambuco e alhures os fanaticos idolatras de Maciel Monteiro que na sua orthodoxia de certo se insurgirão ao pretendermos arrancar dentre os louros que lhe exornam a fronte illuminada uns pallidos lichens ou algumas desaromadas úsneas.

Mas, com isto não minguou a sua gloria; força nos éra apresentar á alçada dos posteros a obra do elegante e vario trovador expurgada de additamentos espurios, e nos esmerar para que a presente publicação só contivesse poesias de averiguada authenticidade.

Não avulta o seu numero, e isto é explicavel.

O poeta jamais alimentou aspirações litterarias; era uma especie de Catullo voluptuoso e ardente, transplantado para o seio augusto duma sociedade illetratada, senão quasi analphabeta, depois de haver brilhado no meio mais culto do seu tempo.

Vivera em Paris, sob Luiz XVIII e Carlos X, em companhia do futuro Conde da Bôa Vista e de outros rapazes de opulentas familias pernambucanas então educados na capital franceza.

Ali, dinheiroso e fidalgo, fruiu sem conta aventuras estonteantes, leu Lamartine e Hugo e talvez as primicias de Garrett.

Prazente, maneiroso e elegante, de volta á provincia natal, conquistou facilmente os nossos soporiferos salões de 1830, proseguindo na senda triumphal de amante afortunado.

Temperamento abrazado de mestiço, vibrando de impetuosidade erotica, rendeu apaixonado culto á belleza feminina; mas, soube, com rara delicadeza, evitar as explosões de furiosa concupiscencia trahidas em tantas das producções dos seus congeneres, e sempre fez deslisar a sua inspiração na mansa corrente de múrmuros regatos, bordados d'alvas nymphéas e sombreados d'arvores venerandas.

Foi um trovador de salão, correcto e gracioso, a quem a poesia era apenas uma arma de combate no assalto aos corações das suas bellas patricias; com a mesma facilidade com que improvisava os seus versos admiraveis os esquecia e desdenhava.

Haja vista o que reza a tradição sobre os intitulados *Um Sonho*.

Jamais curou em conserval-os ou collecio-

nal-os e, apezar de assaz fecundo, poucas são as suas producções poeticas authenticas hoje conhecidas.

Para isto concorreu tambem outra deploravel circumstancia: ao fallecer Maciel Monteiro, em Lisbôa, onde exercia as funcções de Ministro do Brasil, ao 1.º Secretario da respectiva legação, Dr. Costa Motta foram confiados todos os manuscriptos do grande pernambucano, afim de que os remettesse á sua familia; assim, porem, não succedeu e, morrendo mais tarde na Italia este diplomata, se perderam todos os seus papeis.

Já em vida do poeta admiradores do seu estro procuraram dar á luz reunidas algumas de suas poesias; mas o fizéram sempre em numero muito reduzido.

Antonio Pedro de Figueiredo, na excellente revista social scientifica e literaria *O Progresso* que publicou nesta cidade de 1846—48, inseriu seis; na *Grinalda de Flôres Poeticas* editada no Rio de Janeiro em 1854, se encontram cinco; nas *Biografias de Alguns Poetas e Homens Illustres da Provincia de Pernambuco*, do Commendador Antonio Joaquim de Mello, impressas no Recife, de 1856—59, foram incluidas nove, e posteriormente ainda outras foram apparecendo em anthologias, selectas, almanachs, folhinhas, revistas e jornaes, sendo que a collecção mais copiosa é a contida no *Almanach de Pernambuco* para 1899, do Dr. Julio Pires Ferreira; sóbem ali a dezenove.

Concorreram muito para avolumal-a os fartos subsidios fornecidos pelo nosso confrade Dr. João Baptista Regueira Costa que, desde 1881, vem laboriosamente colligindo as producções

esparsas do seu illustre patrono na *Academia Pernambucana de Letras*, tendo conseguido reunir quasi todas as comprehendidas no presente volume.

São ao todo trinta e seis, das quaes trinta e duas originaes e dentre estas sete ineditas.

Evitando desfeiar a composição e distrahir e fatigar a attenção do leitor por meio de extensas annotações marginaes, preferimos reunil-as buscando enfeixar todas as informações obtidas no decurso da rigorosa investigação a que, com o mais extremado escrupulo, quanto á procedencia, submettemos cada uma das poesias do 2.° Barão de Itamaracá.

I

Hymno ao 7 de Setembro

E' incontestavelmente a mais antiga composição poetica de Maciel Monteiro chegada aos nossos dias.

No *Diario de Pernambuco*, n. 196, de 14 de Setembro de 1831, se lê, num editorial intitulado — *Dia 6 e 7 de Setembro* —, que na noute do ultimo houve um espectaculo de gala no Theatro do Recife, sendo levada á scena a tragedia — *Catão em Utica* — representada por amadores « que desempenharam, sem serem comicos, a representação duma maneira digna de todo o louvor, tanto pela bôa exposição, como pela riqueza dos vestuarios. »

« Antes da tragedia representou-se um drama analogo ao objecto, composição do Sr. Dr. João José de Moura Magalhães e no fim do drama cantou-se o hymno seguinte feito pelo Illm. Sr. Dr. Antonio Peregrino Maciel Mon-

teiro, e a musica composta pelo Sr. José de Lima.»

Segue-se a letra do cantico patriotico reproduzida por F. A. Pereira da Costa no *Hymnario Pernambucano* publicado no *Jornal do Recife*.

Foi assim traduzido para o francez pelo Dr. João Baptista Regueira Costa.

HYMNE

A l'horison brillant de gloire
Monte le dieu de la clarté :
Réjouissez-vous : la victoire
A couronné la Liberté.

Sur le Brésil, sur notre âme
Un âge d'or est levé.
Liberté le nord proclame,
Le sud repond : Liberté.

Aux sons plaintifs de la patrie
Dieu bienveillant s'est éveillé,
En embrasant la tyrannie
Dans le feu de la Liberté.

Sur le Brésil, sur notre âme.

La trahison, que l'on vit naître,
Contre nous en vain a grondé ;
Elle a blessé l'infame traître,
En respectant la Liberté.

Sur le Brésil, sur notre âme.

Dans notre ciel déjà riante
Luit la calme sérénité ;
Dans notre sol, comme une plante,
Fleurit déjà la Liberté.

Sur le Brésil, sur notre âme.

La paix seulement fait nos charmes,
Et non le sang humain versé:
De la vertu, non pas des armes
C'est d'où nous vient la Liberté.

Sur le Brésil, sur notre âme.

Contraire aux fers de l'esclavage,
Dont elle hait la cruauté,
De la gloire c'est une image
Notre si douce Liberté.

Sur le Brésil, sur notre âme.

O Brésil, triomphant progresse
Et marche à ta prospérité;
Le ciel sur toi veille sans cesse,
Il veille sur ta Liberté!

Sur le Brésil, sur notre âme.

II

POSTURAS MUNICIPAES

A proposito do improviso desta chistosa quadra escreveu Francisco Pacifico do Amaral no seu interessante livro—EXCAVAÇÕES—*Factos da historia de Pernambuco* (Recife, 1884, in 16.°, pp. 219 e 221):

« Não fallamos para aquelles que já uma vez foram deputados provinciaes e que fizeram parte da commissão de exame de contas e posturas municipaes—principalmente nos primitivos dias desta instituição, porque neste caso nada adiantariamos se dissessemos que elles muito se massavam em cortar, corrigir e emendar os projectos de posturas que ás assembléas

provinciaes são remettidas pelas camaras municipaes, por intermedio dos presidentes de provincia, afim de serem approvadas.

Para estes adiantariamos, repetimos, nada de novo.

Eram taes os contrasensos e despropositos que muitas vezes continham os referidos projectos, que provocavam o riso da paciente commissão que os tinha de examinar, quando não infundiam o tedio.

Felizmente somos obrigado a confessar que hoje raramente se encontra desses specimens, outr'ora tão abundantes; mas assim mesmo é a elaboração mais incorrecta e viciosa que alli apparece pelo que sempre ha muito que cortar.

Para uma dessas commissões, logo em principio da sua carreira politica, quando deputado provincial de Pernambuco, foi eleito o illustrado e talentoso poeta Dr. Antonio Pere-Maciel Monteiro, depois segundo Barão de Itamaracá.

Dotado de bastante espirito não foram poucas as vezes em que Maciel Monteiro, rindo fazia rir os collegas de commissão, analysando os disparates que encontrava em alguns desses projectos os quaes commentava com muito chiste.

Um dia em que se reuniu a commissão, segundo era uso n'aquelles tempos, para tratar do exame de um delles, em que havia não sabemos o que de interessante, emquanto dous dos seus membros o corrigiam convenientemente o Dr. Maciel Monteiro, recostado em sua cadeira, de olhos fechados, limitando-se a ouvir sem dar palavras as apreciações dos collegas, acabou por adormecer.

Nessa occasião havendo divergencia entre os dous membros, appellou um delles para Maciel Monteiro, e vendo-o a dormir tratou de espertal-o, chamando a sua attenção para o ponto em questão.

O Dr. Maciel Monteiro, apenas o dispertaram, vendo que ainda se tratava de posturas municipaes, espreguiçando se e abrindo a bocca como que para sacudir a modôrra vai arrastadamente articulando esta espirituosa quadrinha que muito fez rir aos seus collegas ouvintes e aos demais a cujo conhecimento foi mais tarde chegando.»

Vem no *Almanach de Pernambuço para 1899* pag. 37 e não é a unica amostra do poeta no genero satyrico: além do soneto n. XXVI, no n. 43, de 15 de Novembro de 1845, d'*A Carranca*, periodico politico-moral-satyrico-comico que então se publicava nesta cidade sob a redacção de João Baptista de Sá, Manuel Coelho de Cintra e Dr. José Nicolau Regueira Costa, e no qual Maciel Monteiro collaborou assiduamente, se encontra um epigramma da sua lavra intitulado *Chichorrada*, dirigido contra o Dr. Manoel Mendes da Cunha Azevedo (por alcunha *Batoque*) que, devido á crueza dos epithetos, deixamos de transcrever aqui.

III

As Pernambucanas Baronistas

Esta cançoneta foi publicada n'*A Carranca* n. 56 de 7 de Janeiro de 1846; no exemplar da collecção deste periodico, conservado na Bibliotheca Publica do Estado (n. 9196) e que pertenceu a Caetano Pinto de Veras, se encontra

escripta á margem por seu punho e muito desbotada pelo tempo a seguinte declaração—*He de M. Monteiro.* Denominavam naquelle tempo, em Pernambuco, de *baronista* ao partido conservador do qual era chefe o Barão da Boa-Vista.

IV

Um Voto

Foi primeiramente publicado n'*O Progresso* (Março de 1847) Vol. II, pp. 106-107, com as iniciaes *M. M.* e reproduzido na *Grinalda de Flores Poeticas* (1854), pp. 5-6, com o titulo *O Voto* e as seguintes variantes:

Se eu fora a flôr querida, a flôr mais *linda*

....

Se em *roda* a mim os zephiros traidores

....

Se o vario *colibri* tão feiticeiro

....

Mas, já que a flôr não sou, *que o não consente*
Ferreo rigor dos fados meus adversos,
Não recuseis, senhora, *o ramalhete*
Que o Bardo vos off'rece nestes versos.

Encontra-se ainda nas *Biografias* de A. J. de Mello, Vol. II (1856), pp. 59-60; na *Historia da Litteratura Brazileira*, de Sylvio Romero, pag. 442.

V

Aos Annos de...

Teve primeira edição n'*O Progresso* (Vol. II, pp. 107-188); o *Jornal do Recife*, de 30 de

de 1904, publicou a seguinte traducçâo franceza do Dr. J. B. Regueira Costa:

ODE

(Maciel Monteiro)

Lors de votre naissance un astre lumineux
A répandu sur vous un éclat, qui fascine,
En enseignant encor, au feu de vos beaux yeux,
Votre source divine.

Ce fut un air nouveau l'air par vous respiré,
Un doux souffle de Dieu, que les fleurs embaumèrent,
Les fleurs, qui vous ornant le berceau bien-aimé,
De parfums l'inondèrent.

En vous voyant leur soeur, tous les anges d'en haut
Chantèrent à ce jour des hymnes de louanges;
Et, lorsque vous parlez, votre voix c'est l'écho
De ces accords des anges.

Pour le ciel engendrée, où toute la splendeur
De la Creation se réunit, se serre,
Vous tombâtes alors des mains du Createur
Sur le sein de la terre.

Un ange vous suivit: vous ressemblant si bien,
Ainsi que des jumeaux, ah! si l'on vous regarde,
Qui saurait distinguer le bel ange gardien
De cet ange, qu'il garde !

Brille sur vous du ciel un des plus beaux rayons,
Que le temps rigoureux n'eteint jamais, n'efface:
C'est pourquoi, pour toujours, les mêmes sont vos dons
La même votre grâce.

Tout vous est éternel, puisqu'en vous tout vivra,
Et, si dans votre front, où la beauté rayonne,
Une couronne un jour se flétrit, ce sera
De mes vers la couronne.

De mes vers ! Non jamais ! ah ! d'en bas s'envolant,
L'encens, qu'on brule à Dieu, le temps ne peut détruire!
Votre immortalité vous donnerez au chant,
Que votre amour m'inspire !

J. B. Regueira Costa.

VII

A uma joven

Appareceu primeiramente nas *Biografias de Alguns Poetas* (Vol. I, pp. 58-59) ; é do Dr. J. B. Regueira Costa a seguinte traducção franceza, publicada no *Diario de Pernambuco*, de 30 de Abril de 1904 :

A UNE JEUNE FILLE

(MACIEL MONTEIRO)

J'aime à voir, ô jeune fille,
Un regard de gentis yeux ;
Mais, si pour moi le tien brille,
Je me sens assez heureux !
Comment un regard, mon ange,
Sur le cœur et sur l'esprit
Repand-il l'éclat étrange
D'un feu, qui les éblouit !

J'aime un caressant sourire,
Mais, lorsque je vois le tien,
Il semble qu'à me séduire
Je voie un riant éden !
Se peut-il, ô demoiselle,
Que, sur ta lèvre á fleurir,
Un sourire aux yeux décèle
Un bel éden à s'ouvrir ?

J'aime une charmante allure;
Mais, quand je te vois marcher,
Un ange je te figure
Dans un temple à s'envoler!
D'oú vient qu'une vierge marche,
Et, par un secret destin,
Révèle, dans sa démarche,
L'allure d'un séraphin?

J'aime une voix aussi tendre,
Aussi douce que le miel:
Mais ta voix me fait entendre
Un suave accord du ciel!
N'est-ce pas une merveille,
Un don du divin séjour,
Que, si tu parles, l'oreille
Croie entendre un chant d'amour?

Femme, fée, ange, chimère,
Marche ou vole, parle ou ris:
Que sans toi jamais la terre
Ne serait un paradis:
Mais, pour tes graces exquises,
Garde-toi des mots flatteurs...
Puisque—des forêts les brises—
Ravissent ces belles fleurs!

J. B. REGUEIRA COSTA.

VIII

Formosa qual pincel em téla fina

Este soneto, bellissimo embora eivado de grave erro de concordancia no primeiro terceto, é, sem duvida, a poesia mais popular de Maciel Monteiro.

Das innumeras edições, que tem tido em jornaes e revistas é impossivel fazer completa resenha; crêmos que appareceu primeiro na

imprensa periodica, de onde foi passado para a *Grinalda de Flores Poeticas* (pag. 2), com a variante que só ali se encontra:

Jamais *pôde* imitar no todo ou parte.

Nas *Biografias de Alguns Poetas* (Vol. II, pp. 273-74) e tambem no *Diccionario Bibliographico Brazileiro*, de Sacramento Blake (Vol. I, pp. 279) apresenta a particularidade de trazer assim erradamente escripto o segundo verso do ultimo tercêto:

Quem póde ver-te sem *deixar* de amar-te

Na *Folhinha de Variedades* para 1869, de H. C. de Paula Monteiro (pag. 53), no *Diccionario Biographico de Pernambucanos Celebres*, de Pereira da Costa [pag. 163), na *Historia da Litteratura Brazileira*, de Sylvio Romero (pag. 439) e no *Almanach de Pernambuco* (pag. XVI) vem correcta.

Attendendo á sua grande popularidade, procuramos conseguir fôsse traduzida em algumas linguas estrangeiras.

A nosso pedido, transmittido por intermedio do illustre belletrista mineiro Dr. Nelson de Senna, foi vertido para o hespanhol pelo eminente poeta chileno D. Clemente Barahona Vega. Eis a traducção inedita:

Hermosa

Version al castellano del magnifico soneto del ilustre Baron de Itamaracá, ofrecida, em señal de cariñosa simpatia, a los distinguidos cofrades de Recife.

Hermosa, de uma gracia peregrina
para un sueño de mármol de Carrara;
Hermosa, cual jamas desabrochara
en primavera rosa purpurina.

Hermosa, cual pulidos por divina
mano el suave contorno i forma rara ;
Hermosa, tal que el cielo te ostentara
astro jentil, estrella matutina.

Hermosa, la natura como el arte
agotaron en ti sus esplendores,
con lo mas delicado de su parte.

Oh mujer celestial ! por tus primores,
¿quién puede verte, sin querer amarte ?
¿quién puede amarte, sin morir de amores?

CLEMENTE BARAHONA VEGA.

N'*A Semana*, periodico de sciencias artes e letras que se publicava nesta cidade. appareceu, assignada por F. Marotti, a seguinte versão italiana :

Formosa

(MACIEL MONTEIRO)

Formosa qual pennello in tela fina
Giammai dipinse, e mai sbozzar non osa ;
Formosa qual giammai la rubra rosa
Olezzante sbocció e porporina.

Formosa qual se l'alta man Divina
Tracciato avesse forma si vezzosa :
Formosa qual giammai brillô formosa.
In cielo, eguale stella pellegrina.

Formosa qual giammai Natura ed Arte,
Avvinte, in lor perenne lavorio,
Non seppero imitar nemmeno in parte.

Donna divina ! arcangelo diletto !
Chi puó vederti, e non sentir desio ?
Chi puó adoratti, e non morrir di affetto ?

F. MAROTTI.

175

E' do nosso presado confrade Dr. J. B. Regueira Costa esta traducção em francez, inedita :

SONNET

Belle, comme jamais sur une toile fine
Un peintre n'a tracée ou n'a jamais osé ;
Belle, comme jamais la rose purpurine
N'est éclose au printemps, que les fleurs ont orné.

Belle, comme si Dieu, d'après son origine,
La forme, le contour en avait aligné ;
Belle, comme jamais l'étoile pèlerine,
L'astre le plus gentil dans le ciel n'a brillé.

Belle comme si l'art, ainsi que la nature,
En imitant les dons de cette créature
N'ont jamais reussi de leur puissant concours :

Femme toute céleste, ô chef-d'œuvre des anges !
Qui vous voit sans aimer tous vos appas étranges ?...
Qui saurait les aimer sans se mourir d'amours ?

J. B. REGUEIRA COSTA.

Ainda a solicitações nossas dignou-se de trasladal-a para o sueco o illustre poeta scandinavo Dr. Göran Björkman :

Skôn

Skôn, mera skôn ân någon âlsklingsdröm,
som man en konstnâr på sin duk sett måla :
skôn, mera skôn. ân hâckens rosor pråla,
då fôrst dem når en vårflâkts ljumma strôm ;

Skôn, som om Skaparn ajälf lagt fadersom
sin hand vid drag, som hvarje tâflan tal-a ;
skôn, mera skön, ân himlens stjârnor strala,
då sjâlen till dem lânkar tankens tôm ;

Skön, så fullkomligt skön, att ej naturen,
om ock med konstens genius sammansvuren,
ett sådant underverk förmått att dana—

Angel, från himlen länd till jordens ö,
att se dig är att kärlekslycka ana,
att älska dig är att af kärlek dö.

GÖRAN BJORKMAN.

IX

No cenotaphio de D. Luiza Ferreira

Estas quadras se encontram, com a assignatura de *A. P. Maciel Monteiro*, no opusculo intitulado—*Poesia e discursos que tiveram lugar na cerimonia da trasladação dos restos mortaes de D. Luiza de França Archanjo Ferreira, filha de Joaquim Ferreira e de sua mulher D. Anna Joaquina Ferreira*, publicado em Pernambuco, na typographia de *Santos e Companhia*, em 1847.

X

Vi, ó Lilia, astro sympathico

O autographo deste inedito nos foi gentilmente offerecido pelo Exm. Sr. Dr. João Coimbra.

XI

Sonhei que nos teus braços reclinado

Este soneto inedito foi fornecido ao Dr. Regueira Costa pelo conhecido chronista e antiquario pernambucano Francisco Pacifico do Amaral, que affirmava ser o mesmo da lavra de Maciel Monteiro.

XII

Eis-me outra vez da Creação no templo

Esta ode foi pela primeira vez publicada na *Grinalda de Flores Poeticas* [pp. 7-9], e reproduzida nas *Biografias de Alguns poetas* (Vol. II, pp. 274-275), e no *Almanach de Pernambuco* para 1899.

E' do Dr. J. B. Regueira Costa a seguinte traducção franceza inedita:

A l'anniversaire d'une naissance

(MACIEL MONTEIRO)

J'entre encor dans le temple éclatant de splendeurs
De la Création, où son faste j'adore:
Sur votre riche autel, que la pompe décore,
Je brûle de l'encens et je répands des fleurs.

De la harpe, où jadis la main du roi psalmiste
Des torrents de douceur tirait suavement,
Vibrent les cordes d'or, si le poète amant
Chante aussi la beauté de tout ce qu'il existe.

Le ciel était brillant, la terre fleurissait,
Et l'éther était pur et la mer azurée ;
Toute chose ici-bas était dejà creeé,
Mais du beau souverain l'archetype y manquait.

D'Eve alors Dieu rêvant au merveilleurx modèle
De nouveaux dons ajoute aux grâces qu'elle unit;
Vous nâquites, d'en haut la voix d'un ange a dit :
La beauté, . la voilà, son chef-d'oeuvre c'est elle !

L'éther, l'astre, fleur et l'azur de mers...
Le tout fut éclipsé par cette créature :
La terre est prise au ciel et du vaste univers
L'Eternel acheva la belle architecture.

La sphère des humains se dilata dans peu
Jusque de l'Empyrée au sommet magnifique ;
Et de tous les vivants dans la chaine hierarchique
Vous êtes le chainon qui nous rattache à Dieu.

Ainsi que la rosèe anime la corolle
Et l'odeur de la rose, au plus beau des matins,
La clarté, qui sur vous descend des séraphins,
De vos charmes divins anime l'auréole.

Vous regardez, le ciel tout éclaire alentour ;
Vous riez et des fleurs verse la main des anges ;
Ici-bas en voyant ces prodiges étranges,
On dirait que pour vous Dieu s'attendrit d'amour.

Favorite du ciel ! Ah ! qu'importe la guerre
Qu'a votre sexe aimé fait le temps rigoureux ?
Le soleil c'est le même au zénith glorieux:
La même vous serez pour toujours sur la terre !

J. B. REGUEIRA COSTA.

XIII

No collo de Annalia bella

Foi fornecido ao Dr. Regueira Costa pelo Dr. Henrique Capitulino Pereira de Mello.

XIV

Nasce a rosa no jardim

Do autographo em seu poder permittiu o Illm. Sr. Dr. Domingos Gonçalves de Souza Leão que o Dr. Regueira Costa extrahisse uma copia.

XV

Era já posto o sol. A natureza

Este soneto de Maciel Monteiro foi fornecido ao Dr. Regueira Costa pelo já citado Francisco Pacifico do Amaral ; foi assim traduzido para o francez pelo Dr. Regueira Costa.

SONNET

Le soleil se couchait, et toute enchanteresse
Dans de molles odeurs la nature ondoyaít ;
La rose se penchait et pure au loin brillait
Quelqu' une de ces fleurs, que le zéphyr caresse.

Un nuage subtil d'une pâle tristesse
Sur sa face innocente à l'aventure errait ;
Une scabieuse alors, plus triste, se mêlait
De ses cheveux d'ébène à la charmante tresse.

Si l'on pouvait la peindre ! Ah ! son front rayonnant
Etait plus bel encor que la lune sortant
Des ombres de l'orage et dans l'azur levée.

Contre ses yeux brillants je ne me sens pas fort :
A ses lèvres mon cœur s'envole en doux transport
Et d'un ardent amour mon âme est inondée.

J. B. REGUEIRA COSTA.

XVI

Tambem no bosque

Do autographo, em poder da Exm.ª Sr.ª D. Adelaide Coelho da Silva, obteve para nós uma copia o estimado confrade Dr. Arthur Muniz.

XVII

Em nossa alma existe ás vezes

Do autographo em seu poder permittiu o Illm. Sr. Dr. Domingos Gonçalves de Souza Leão que o Dr. Regueira Costa extrahisse uma copia.

XVIII

O tempo com suas azas

Foi fornecida ao Dr. Regueira Costa pelo distincto confrade Dr. Henrique Capitulino Pereira de Mello.

XIX

Trôa o canhão terribil, que aprega

Primeiramente publicada nas *Biografias de Alguns Poetas* (Vol. I, pp. 56-58), foi transcripta no *Diario de Pernambuco*, de 3 de Maio de 1858, e reeditada nas citadas *Biografias* (Vol. III, pp. 8-9), no *Diccionario Biographico*, de Pereira da Costa (pag. 160) e no *Almanach de Pernambuco* para 1899 (pag.   ). Pelo Dr. Regueira Costa foi assim traduzida para o francez:

Le martial airain, que l'on entend gronder,
A la patrie en fête annonce son hommage ;
Voici, voici le jour, où je dois vous payer
Le tribut annuel de mon saint vasselage.

De nouveau le soleil a dans le firmament
Parcouru son empire en sa vaste carrière ;
Il s'assied aujourd hui sur son trône puissant,
En répandant pour vous des graces de lumière.

Sur leurs tiges les fleurs étalent mille atours ;
En les voyant ainsi l'on dirait qu'à l'aurore
Les arrosa la main de innocentes amours,
Pour orner votre front, que la beauté décore.

Les oiseaux, en salut à la faible lueur,
Qui si douce descend de cette aube cherie,
Des roses aspirant la très suave odeur
La region des airs embaument d'harmonie.

Le soleil plus d'éclat a dans chaque rayon,
La fleur a plus de grace, en sa vive nuance,
L'oiseau plus de douceur ! Que la Création
La pompe en double au jour de si belle naissancc !

Tout à la voix divine est contraint d'obéir,
Et des cultes vous rend la nature animée...
Moi seul, je chante em vain, je ne fais que gemir...
J'ai ma lyre aujourd 'hui de long crêpe voilée.

Dans ma lyre, où jadis je tirai tant de fois
De purs hymnes d'amour, si les sons j'en accorde,
Em posant du plaisir sur la corde mes doigts,
De l'amertume alors je sens vibrer la corde.

Mais. si mon chant d'amour ne peut être entendu
Dans votre gynécée, éclatant tout de fête,
Qu'a ces échos joyeux puisse être confondu
Un sourd gemissement de l'âme du poéte.

Dieu, qui l'encens, les fleurs et les dons précieux
Reçoit dans son autel, plein de pompe et de charmes,
Ecoute en même temps la voix du malheureux
Et ne refuse pas de l'affligé les larmes.

L'urne du Tabernacle, où l'on voit déposé
L'or du riche, que Lui si bienveillant accueille,
Modeste aux vœux ardents, que fait l'humilité,
De l'indigent aussi l'oblation recueille.

Agréez le tribut, que je vous rend soumis;
De mon culte ponr vous la valeur n'est pas grande:
Oui, ce n'est pas le don à l'opulent permis,
Mais c'est de l'indigent la très modeste offrande.

J. B. Regueira Costa.

XX

Deixa beijar-te, meu bem!

Com o titulo—*Apologia do beijo*, appareceu pela primeira vez esta decima no periodico paulista *O Sorocabano*, publicado na cidade de Sorocaba, de 1870-72, sob a brilhante redacção do pranteado philologo e romancista Julio Ribeiro Acompanhava-na a seguinte anecdota:

« O nosso poeta Maciel Monteiro, a quem alcunharam de barão de Itamaracá, igualou e por vezes excedeu a Bocage nos sonetos e improvisos. Em sua velhice, provocado a contar alguma aventura de poeta, dizia: «Meu alaúde está hoje votado ao Senhor. Já tive aventuras de poeta enamorado. Uma vez subia uma es-

cada e encontro a deusa de meus pensamentos. Peço-lhe em verso expontaneo:

Deixa beijar-te, meu bem!

ao que ella respondeu: «Glose!» Fitei-a um instante e disse: (*Segue-se a glosa*).

« E beijei-a, dizia o velho diplomata».

Foi reproduzida n'A MADRESILVA, folha litteraria, especialmente dedicada ás senhoras, publicada, no Recife, de 1869-70, sob os auspicios do Dr. Aprigio Guimarães e a direcção de José Vicente Meira de Vasconcellos; encontra-se ainda impressa como da lavra de Maciel Monteiro na edição para 1901 do ALMANACH DE PERNAMBUCO do Dr. Julio Pires Ferreira a quem foi fornecida pelo mencionado Dr. José Vicente.

XXI

Aos annos de uma donzella

Este madrigal foi fornecido ao Dr. Regueira Costa pelo Sr. João Walfredo de Medeiros.

XXII

E', Senhora, o vosso Album

O autographo se encontra no *Album* que pertenceu á Exma. Sra. Condessa da Bôa Vista; foi primeiramente publicado nas *Biografias de Alguns Poetas* (Vol. II, pp. 275-276).

XXIII

Em que fonte de canto e de doçura

Este soneto, offerecido á cantora italiana Candiani por occasião de uma recita em seu

beneficio no Theatro do Recife, em 1850, foi então impresso em avulso.

XXIV

Amanhã

Estes versos viram pela primeira vez, anonymamente, a luz da imprensa no *Correio Mercantil*, do Rio de Janeiro, em 1851, e foram logo transcriptos aqui no Recife, n'*O Echo Pernambucano*, n. 78, de 20 de Junho do mesmo anno, tambem sem assignatura.

Como Maciel Monteiro se achasse então na Côrte, deputado á 8.ª legislatura, e considerada a feição delicadamente erotica da poesia, não faltou quem propalasse ser da sua lavra. Era possivel assim fôsse. Mais tarde um parente do poeta, o Bacharel Ernesto Odilon Maciel Monteiro, garantiu frequentemente a varias pessôas fidedignas a legitimidade de semelhante suspeita; comtudo alguns invejosos apontavam-lhe outro autor e designavam até o volume em que fôra impressa. Era do pernambucano Manoel de Carvalho Paes de Andrade, diziam, e se encontrava no seu volume de versos, *Flores Singelas*, publicado nesta cidade em 1861. De facto, nas paginas 45-47 do citado livro, se lê o seguinte

ROMANCE

Era um fido mancebo que amava
Linda virgem dos annos na flôr ;
A donzella era um anjo—encantava ;
Era um vate o mancebo amador,
Um poeta que amores sonhava,
Qu'em segredo gemia de dôr.

Nunca a virgem do vate soubéra
A paixão que no peito lhe ardia;
Mas um riso que meiga lhe déra,
—Tão do céo recendendo ambrosia,—
Fez do vate a paixão mais severa,
Augmentou-lhe esse amor que sentia.

Eis que o vate de amor combatido
Vence ao pejo que a voz lhe embargava;
E fallando, inda mal decidido,
Pôde á virgem dizer que adorava,
Que o amor qu'ella tinha incendido
Como a luz de seus olhos brilhava.

—Oh! que linda que estava a donzella
Quando o vate a paixão lhe dizia—
Como a face formosa e singela
De carmin, de pudor se tingia!
Ah! meu Deus, como a virgem tão bella
Uma estrella nos céos não se via!

Mas a virgem formosa e engraçada,
Tão gentil, e tão meiga e sem par,
Desprendendo um sorriso enleiada
Não quiz mais ao poeta escutar...
E fugindo qual rola assustada,
Foi bem longe, bem longe pousar.

E o mancebo que amava extremoso
A donzella dos annos na flor,
Hoje triste, coitado é choroso
Passa os dias gemendo de dôr,
E se a lyra inda empunha ancioso,
Só murmura da bella o rigor!...

1860.

Basta, porem, cotejal-o com a poesia impressa ás paginas 125-127 do presente volume, para verificar que, salvo ligeiras semelhanças nos primeiros versos, nada de commum existe entre ambas.

XXV

Ella foi-se e com ella foi minh'alma

Reza a tradição que estes versos tiveram a origem seguinte. Mantinha o poeta, então no Rio de Janeiro, intriga amorosa com certa senhora de peregrina formosura, esposa de um seu collega de parlamento, deputado por uma provincia nortista, limitrophe da Bahia.

Haviam os dous amantes combinado se encontrarem, uma noute de baile, no palacio do Marquez de Abrantes. Compareceu á festa Maciel Monteiro, radiante de alacres esperanças, quando foi informado de que o marido enganado, sciente da intriga, naquelle mesmo dia regressâra, em companhia da infiel consorte, á provincia natal.

Profundamente consternado, o poeta recolheu-se ao vão de uma janella e ali improvisou estes versos, que no dia seguinte foram encontrados, a um canto do salão, escriptos a lapis em meia-folha de papel de carta.

Foi esta mesma senhora, de belleza e vollubilidade legendarias, quem inspirou ao bardo sergipano Pedro Calasans o poemeto *Ophenisia*, cujo titulo é caprichoso anagramma do seu nome.

A poesia, alem de numerosas edições, mereceu do nosso confrade Dr. Carlos Porto Carreiro a seguinte traducção franceza, publicada n'*A Provincia*, de 30 de Abril de 1904 :

UN RÊVE

(MACIEL MONTEIRO)

[Versão livre da poesia
«Ella foi-se, e com ella foi minh'alma...»]

Homenagem á memoria do poeta no primeiro centenario do seu nascimento, em 30 de Abril de 1904

Elle est partie, hélas ! Et mon âme la suit
Sur l'aile murmurante et folle de la brise
Qui, fière d'enlever ce beau trésor, s'enfuit
Et s'envole et se perd dans la brume indécise.

La brise qui l'emporte -en son élan cruel
Fait rider la mer calme, uniforme, sereine :
Je tiens à retenir l'âpre souffle du ciel...
En vain : de mes soupirs il emprunte l'haleine.

Dans le brouillard lointain, deux seuls points lumineux
Me montrent le couchant de cette double étoile :
C'est le divin éclat de ses humides yeux
Que je recherche encor dans l'azur qui se voile.

Lentement ce regard je le vois se ternir
Dérobant à mes yeux de riantes merveilles ;
Seul, du bout de la mer, un suave zéphir
Vient glisser un adieu plaintif à mes oreilles.

A' l'entour, je ne vois pas même le rayon
D'un bel espoir briller un moment sur la plage ;
Mais mon œil qui poursuit sa douce vision
Fait mon esprit songeur rêver de son image.

L'ombre s'évanouit, comme un nuage d'or
Dont la brise du soir détruit la faible trame...
Si de mes yeux mortels je l'ai perdue, encor
Je la saurai trouver avec les yeux de l'âme.

Elle est partie, hélas ! Et mon âme la suit
Sur l'aile murmurante et folle de la brise,
Qui, fière d'enlever ce cher trésor, s'enfuit
Et s'envole et se perd dans la brume indécise.

Abril--1904.

CARLOS PORTO CARREIRO.

VI

Amor ideal

Foi primeiramente publicado na *Grinalda de Flores Poeticas* (pag. 1), com a seguinte variante no terceiro verso do segundo quartèto:

D'alma qüe ao céo se *exalça* e se sublima.

XXVI

Inspiração subita

Em uma nota fornecida ao nosso confrade Dr. Henrique Capitulino, por occasião de enviar-lhe esta poesia, assevera o Dr. Joaquim Pires Machado Portella ter sido improvisada por Maciel Monteiro, na cadeira que occupava no recinto da Assembléa Provincial de Pernambuco, em 1852.

XXVII

Como a brisa aqui sussurra

Da nota precedentemente citada consta tambem que este improviso foi feito por Maciel Monteiro, na secretaria da Assembléa, no mesmo dia e poucos minutos depois do primeiro.

XXVIII

Genio ! Genio !... inda mais ! Supremo esforço

Esta poesia foi recitada por Maciel Monteiro, no Theatro Provisorio, do Rio de Janeiro, em 12 de Junho de 1852, por occasião de uma

recita da *Favorita*, em que a cantora Rosina Stoltz representava o papel de *Leonor de Gusman*. O poeta foi extraordinariamente applaudido; entretanto, consta que o Imperador se mostrára desgostoso de semelhante exhibição, a seu ver incompativel com a dignidade de representante da nação.

XXIX

Não se minera só ouro fulgente

Este soneto satyrico appareceu no *Diario de Pernambuco*, de 29 de Novembro de 1852, quando se pleiteava a eleição de deputados geraes á 9ª legistatura, e era dirigido contra o candidato Honorato Pereira de Azeredo Coutinho, secretario da Presidencia da provincia e natural de Minas-Geraes. Eleito supplente coube-lhe — notavel coincidencia — substituir Maciel Monteiro nas sessões de 1854, 1855 e 1856 até 16 de Junho. Foi indicada esta poesia ao Dr. Regueira Costa pelo fallecido Major Luiz Porto Carreiro.

XXX

E eu fico !...

O Dr. Regueira Costa obteve, de Franklin Tavora, uma copia destes versos, datados de *New-York, 7 de Setembro de 1853* e assignados *Maciel Monteiro*.

Remettendo-a, do Rio de Janeiro, em 16 de Dezembro de 1880 accrescentou-lhe o eminente literato cearense esta nota: «Tenho o original desta poesia, a qual me foi dada pelo Conse-

lheiro Saldanha Marinho que a encontrára entre os papeis do fallecido Antonio José de Miranda Falcão, ex-consul do Brazil nos Estados Unidos, e muito da casa do mesmo Conselheiro».

XXXI

O poema «Camões» de Garrett

Estes versos foram fornecidos ao Dr. Regueira Costa pelo Dr. Ernesto de Aquino Fonseca, que os copiára de um jornal portuguez. onde traziam a assignatura de Maciel Monteiro.

XXXII

A 'strella d'alva lá no céo desponta

Têm a mesma procedencia e estava nas mesmas condições dos anteriores.

XXXIII

O Lago

Foi primeiramente publicada n'*O Progresso* [V. I, pp, 222-224] e tem tido numerosas reedições.

XXIVX

A Mlle. Michatowska

Tambem appareceu primeiro n'*O Progresso* [V. I, pp. 225-226]; reeditada na *Grinalda de Flores Poeticas* [pp. 3-4], como sendo original e com o titulo—*A uma senhora polaca*—, apresenta as seguintes variantes, algumas das quaes são evidentemente erros typographicos :

....

No porvir? *Desmaiado*, frio interprete!...
Espelho baço, qual do Norte *os gelos!*
Mas seu prisma e seu fulgor qu'importa ao vate
Se a morte é *seu* reflexo?

Mas num peito sensivel contemplar-se
N'uns castos olhos, que a *ternura inflamma*
A furto descobrir o olhar amante
Como á noute uma estrella!...

Dizem: no meio das humanas lides
Ha um ponto de luz no immenso espaço,
Onde contra a *calmaria*, a inveja, a sanha,
Tem meu nome um abrigo.

Minha lyra num peito vibre ao menos,
Que os meus ais como o céo mudos entende,
Onde minha voz soa, e alma *s'esparge*...
Ah! do Bardo eis o premio.

Embora *os versos* meus no olvido *expirem*,
Minha gloria e repouso em ti só vejo;
Viver mesmo ignorado nos teus sonhos,
Ter um echo em tua alma!

Discreta testemunha do teu pranto,
Sentir os ais no peito encarcerados,
Nas suas emoções, fiel, ter parte,
Ser chamado em teus labios!

De dia na *solidão* seguir-te os passos;
De noute vigiar-te á luz da alampada;
Sei que amas e a sombra com quem sonhas,
Eis minha eternidade.

XXXV

Invocação

Sahio primeiramente n'*O Progresso* (V. II, pag. 30).

XXXVI

O ramo da amendoeira

Tambem teve a primeira edição n'*O Progresso* (V. II, pag. 43).

ALFREDO DE CARVALHO.

DISCURSO

Maciel Monteiro (1)

Illustre auditorio.

Apezar da distancia que nos separa de Maciel Monteiro, a serenidade da Justiça e o carinho do Amor têm o poder de erguel-o do seio algido do tumulo para o seio abrasado da Gloria, do silencio da terra dos mortos para os braços dos que não foram do seu tempo, mas, almejam elle seja dos tempos destes para honra e lustre.

Buscamol-o quando ha muito descança para, sem descanço, trabalhar subjectivamente pela

---

(1) Antonio Peregrino Maciel Monteiro nasceu a 30 de Abril de 1804 do consorcio do dr. Manoel Francisco Maciel Monteiro e d. Manoela Lins de Mello. Em 1811 entrou na carreira das lettras, estudando humanidades em Olinda, donde partiu em 23 de Maio de 1823 para a França. D'ahi regressou em 29 de Setembro de 1829 com os seguintes titulos conquistados na Universidade de Paris: Bacharel em Lettras—(16 de Novembro de 1824); Bacharel em Sciencias—(8 de Abril de 1826); e Doutor em Medicina—(19 de Maio de 1829). Occupou em Pernambuco, sua terra natal, os seguintes cargos: Vereador da Camara Municipal, Director do Theatro Publico, Provedor da Saúde do Porto, Membro da Junta Medica, Medico da Guarda Nacional, Director da Academia de Olinda (1840), Director Geral da Instrucção Publica Provincial (1852).

Representou sua provincia na Assembléa Geral de

patria nossa—erma nos dias presentes de trabalhadores de feitos assignalados.

Os mortos vão depressa... quando as suas obras não ficarem celebradas na memoria da Historia, e não fôr possivel, por haverem se desgastado os seus traços, reconstruir a physionomia moral de cada um, dar-lhes o sopro de vida na taciturnidade do *nada* onde desappareceram, fazel-os em summa viver na epocha em que vivemos—afim de nos ensinar a polir o crystal do caracter, a acepilhar o diamante da intelligencia, a encher de perfumes a ambula do coração.

Os mortos vão depressa. . para os que não

1852 a 1853, com uma pequena interrupção, quando, deixando a presidencia da referida Assembléa, investiram-n'o do cargo de enviado extraordinario e plenipotenciario junto á Côrte de Portugal. Fez parte do celebre gabinete conservador de 19 de Setembro de 1837 com 33 annos de edade, no qual occupou a pasta dos negocios estrangeiros. Em 1841 foi condecorado com o officialato do Cruzeiro, em 1854 com a grande dignataria da Rosa e Grã-Cruz de Christo de Portugal; em 1855 com a Grã-Cruz de S. Gregorio Magno dos Estados Pontificios e tambem com uma das Ordens da Suecia; e por fim agraciado pelo inesquecido Sr. D. Pedro II, com o titulo de Barão de Itamaracá com honras de grandeza.

Redigiu o *Lidador*—orgão do partido conservador (1845--48) ao lado de J. T. Nabuco de Araujo e J. J. Pereira de Aguiar, e tambem a *União*--orgão do mesmo partido (1848--51) com os companheiros citados e mais Floriano Correia de Britto.

Falleceu em Lisbôa a 5 de Janeiro de 1868, onde foi sepultado; dois annos depois, os seus restos foram trazidos para o Recife, chegando aqui a 24 de Setembro de 1875 a bordo d'um brigue portuguez denominado—*Bella Figueira*. A 6 de Dezembro de 1872, depois de estarem dois annos tão preciosas cinzas depositadas na Matriz da Bôa-Vista, foram encerradas num monumento de marmore que a Camara Municipal do Recife mandou erigir no Cemiterio de Santo Amaro.

São estes os traços biographicos que existem do Pernambucano distincto, cujo nome brilhou em todas as aggremiações litterarias do seu tempo, dentro e fóra de sua Patria, destacando-se entre ellas a *Arcadia de Roma* que o alistou entre os seus membros illustres.

cultuam o passado e não sabem ser os nossos pensamentos, os nossos sentimentos, as nossas phrases... os mesmos pensamentos, os mesmos sentimentos, as mesmas phrases daquelles, dos quaes somos, para *testemunho do genio da nossa raça, incarnações successivas que provam a inalterabilidade da unidade sob a apparente variedade de aspectos.*

Os mortos vão depressa... para os que só conhecem os atilhos da vida objectiva que nos prendem uns aos outros; e desconhecem os elos da vida subjectiva que nos acorrentam aos antepassados, elos inquebrantaveis e eternos, maximé, quando fundidos nos moldes dos grandes sentimentos.

Chegou até nós, amparado pelo regaço de todas as civilisações e resistindo ao camartello da critica de indole destruidora, o ritual do culto dos povos aos seus avoengos, aos ancestraes de nobreza moral e de brazões de glorias, conquistados pelo aço da penna e pelo ferro das armas.

Procurou-se sempre, entre os aureolados pela cultura, erigir monumentos, levantar pantheons, em graça áquelles que se destacaram no mundo das lettras ou venceram nos campos da guerra.

Essas demonstrações de subida gratidão collectiva, attestam como outr'ora se sabia sentir e perpetuar o sentimento no marmore e no bronze, por todos aquelles que, em vida, foram martyres da sciencia, heroes do trabalho, e hoje são astros que derramam sobre as nossas cabeças poeira de luz.

A memoração de actos celebres e a celebração dos nomes dos vultos maximos, têm grande fim civico, moral e esthetico para os povos,

pois estimula, aformosea, aperfeiçoa-lhes as aptidões psychicas e prepara-lhes logar primacial na tela polychroma das nações adiantadas.

Temos a certeza plena, colhida na experiencia e abeberada nos acontecimentos, de ser a *imitação* uma lei de grande força social; e sabemos, de ha muito, não passar tudo no universo de uma repetição e caracterizar o homem a *virtus imitativa*.

Se é uma verdade inatacavel o affirmado, se precisamos de etymos para as nossas acções durante a peregrinação planetaria, se os *mortos governam os vivos*, festas como as de hoje visam immenso objectivo e têm repercussão immensa.

Os mortos governam os vivos... é uma brilhante verdade, e para o Brasil deve ser um dogma.

No periodo historico actual, excepções existem, raro encontramos vultos como os de outras eras, que mereçam arregaçadas de nossas ovações, vultos como o Imperio talhava nos seus moldes de ouro — capazes de se baterem pelos grandes ideaes, de amarem as lettras até o extremo, de fazerem da vida holocausto a uma idéa alimentada pelos fulgores da mocidade e que, ás vezes, só se realisava ao desabar da velhice...

Basta um regresso de memoria ao passado ainda perto, basta deixarmos a Verdade erguer-se sobre o pedestal onde está erecta a Vaidade nossa, para termos a certeza, de completo, de que no Imperio se cultivou melhor a intelligencia e se cuidou mais do sentimento patrio.

Externamo-nos, assim, em obediencia á severidade regia da Historia e ao programma que

nos traçamos; e nosso amor á Republica procura dizer estas verdades em fórma de acróama, sem acravar o estylete da critica nas chagas profundas do organismo nacional, sem pretender desverdecer as vossas esperanças e desflorir as vossas illusões—esperanças e illusões que vicejam, de longe em longe, em nosso intimo tambem.

Naquelles dias—ahi está a tradição oral e escripta—os homens tinham a idéa fixa de valerem pela direitura moral, de pregarem a ethocracia, ou pelo menos, simularem respeitar a opinião dos patricios; hoje, vós que estudaes ethogenia, procurae as causas occasionaes do descredito do nosso caracter, das nossas paixões, dos nossos costumes, e as encontrareis desoladoras, entristecedoras até ás lagrimas.

A Verdade carece ser dita a bem da Republica sob a lucilação dos astros, *sidera lucida*, sem o escopo de fazer parenése;—a Verdade deve ser sempre a idolatria sem pallôr do Instituto Historico e da Academia de Letras de Pernambuco para garantia da sinceridade do espirito que preside aos seus destinos literosociaes.

Este nosso modo de enfrentar a psychologia brasileira é a *reprise* de nosso trabalho sobre os *Martyres de 17*, feito ha muito do alto desta tribuna, do qual desgalhamos alguns trechos para documento, provando, assim, não julgarmos os homens e os factos atravez do estado d'alma de momento, e sim por justeza de criterio e exacção de analyse.

« Vivemos da vida subjectiva dos nossos Heróes, albergamos no seio as sementes dos seus exemplos, sentimos os seus sentimentos contra os que se amatilham para o descredito

patrio e deixamos por sobre elles defluir o nosso Odio.

Viveram para nós! E porque não havemos de lembrar sempre os seus nomes e bravuras, quando, se temos valor na epocha corrente, é porque nos escudamos no valor delles e vivemos, exclusivamente, da herança das suas glorias?!

O que valemos? O que valeram elles?

Temos unicamente uma qualidade moral recommendavel--estragar tudo quanto fizeram de bom pelo Caracter e pelas Instituições, calcar aos pés a Verdade e a Justiça.

Observae os homens, estudae os factos, submettei estes e aquelles aos reagentes da analyse e vereis como divergem, em globo, dos primitivos formadores do caracter nacional.

Os exemplos deixados, infelizmente, não têm servido de *fogo do céo*, de viatico, ao nosso ser interior.. motivo pelo qual apodrecemos moralmente, antes de apodrecermos materialmente.

Profundas tristuras sinto em dizer assim; mas, quem contestará este dizer?»

Vêdes que não houve e não ha, em o nosso sitio de observação, mais do que a idéa empolgante, poderosa, de dizer sem estrias de pessimismo, sem nuances de má fé, a Verdade salvadora!

Esboçariamos o estado social de hontem e o de hoje da Patria adorada; compárariamos a intelligencia e o civismo dos cerebraes de outr'ora com os actuaes, si a tanto nos permittissem força e tempo, para deste esboço e desta comparação tirarmos a individualidade de Maciel Monteiro—um immortal do Imperio—que bem merece, como Petrarcha no Capitolio o

mereceu, ser cingida a sua obra com triplice corôa—*tergemines honoribus*:—a corôa de hera, como poeta; a de loiro, como triumphador; a de murta, como amante.

***

A exaltação da *Obra* de Maciel Monteiro —não corporizada ainda em volume—que ficou quasi toda no registro das recordações dos que com elle viveram, os quaes a passaram depois, em fragmentos, á nossa geração, é impraticavel na estreiteza dum trabalho singelo.

Nascido em Pernambuco ao alvorecer do seculo dezenove, nelle fez o curso de humanidades, partindo em seguida para a Europa onde conquistou os diplomas de bacharel em letras, bacharel em sciencias, e de doutor em medicina.

Ali, *extra-muros*, sob a impressão de outras paisagens, de outros costumes, de outro céo, revelou-se um espirito superior, na altura de ser o que foi mais tarde na sua Patria—orador, poeta, diplomata e estadista notavel.

Chegado ao Brasil, Maciel Monteiro entrou para o dédalo da politica e, quer na Assembléa Provincial, quer no Parlamento Brasileiro de então, visitou sempre a tribuna na hora dos debates das grandes questões, e deixou em ambos a fama do seu oratorio facil, recamado por um estylo de facetas varias e argumentação multiface. Faz-nos lembrar Lamartine, o seu vate predilecto e do qual traduziu algumas poesias, quando, como deputado de Macon, illuminava a Camara com os seus bellos discursos, apezar da guerra de Barrot aliado com Thiers

que o chamava de poeta em tom desdenhoso!...

Os seus discursos espontavam de improviso, sem as torturas da gestação intellectual demorada, pois eram proferidos sempre depois da sahida dos salões dos bailes e dos theatros donde a sua alma voava entontecida de amor e enfeitiçada de encantos femininos para penetrar no recinto augusto do parlamento, espaçando apenas esta transição de scenario... o tempo para refazer o vestuario de *rafiné* da elegancia...

Parece, e quem contestará? que a sua natureza psychica precisava, para florejar, da scintillação dos brilhantes em cardume, do zumbido roçagante das saias de sêdas familiarizadas com os seus dedos, do perfume evolado de collos de cysne—bellos de alvura e estuosos de amor—mais do que de libações de Naxos e Chios, de favos de Hybla e do Hymetto, de perfumes das flôres de Amathunta eternizadas por Sapho como rainhas de todas as flôres, de incenso de mirra e nardos queimado em caçoulas custosas, de vinhos aromaticos e velhos dos gregos bebidos em amphoras sem par!...

As naturezas de eleição reclamam alguma cousa, de que as vulgares não carecem, para servir-lhes de *luz*, que as inflammem até a «*forte fiévre hallucinatoire.*» no dizer de Goncourt.

Conta-se que para produzirem:—Schiller collocava os pés sobre gelo, Gautier queimava no gabinete pastilhas orientaes, Loti rodeiava-se de frascos cheios de perfume para aspirar, Darwin tocava violino antes, Bossuet envolvia a cabeça com pannos quentes, e tantos outros! que não começavam os seus trabalhos

sem procurar a inspiração occulta, para elles, em pequenos *nadas !*

Para a palavra de Maciel Monteiro e o seu verso terem o brilho que reconhecemos, não ha duvida ter sido a mulher o seu psalterio de cordas de ouro, o seu factor principal—ou tivesse esta os encantos das filhas das vagas do marmore de Paros ou os deslumbramentos das filhas das ondas do mar Egeu !

As suas victorias parlamentares seriam ainda maiores—assim pensam Sylvio Romero e Macedo— se elle ao assumir a tribuna tivesse o espirito amadurecido por lucubrações sérias, viesse, em logar dos bailes e dos theatros, da austeridade do gabinete com peças acabadas e inteiriças!

Na poesia e na oratoria,—notamos isto em todas as literaturas—os trabalhos pensados, lapidados com paciencia, são sempre de rigidez marmorea, não têm a scentelha da inspiração que não vem no *momento* procurado e que não obedece á algebra fria do frio raciocinio.

Maciel Monteiro se tivesse confrangido o seu temperamento literario, se procurasse com *parti-pris* produzir effeito decorativo no verso ou na oratoria, talvez hoje nada mais restasse de seu espirito.

A expontaneidade de todas as suas producções, a certeza de haverem sido a resultante nitida da floração natural de sua intelligencia tem dado a nós outros—a evidencia de que elle seria maior si maior o quizesse ser... e isto de todas as maiores não é a maior ?

No parlamento feriu apenas as grandes questões; o seu verbo não desceu, não foi reflector de assumptos rasteiros...

Sylvio Romero, o brilhante auctor da *Litteratura Brasileira*, nos dá como specimen da eloquencia de Maciel Monteiro, cercando-a de encomios, trechos do seu discurso sobre o *trafego de africanos*, quando se preparava a lei Euzebio de Queiroz. Lembramo-nos d'estas phrases, nas quaes se alteiam *qualidades* de espirito de escol e civismo acendrado:

« Nunca me apaixonei, nunca me inflammei nas declamações fervidas do abbade Reynal, de Gregoire e de outros negrophilos: mas sempre detestei a escravidão; a minha natureza como que se revolta á sombra de qualquer jugo. Entretanto, entrando na carreira politica, não só por tal motivo, como pelo compromisso que o Paiz tinha contrahido, em virtude do tratado de 1826, e em referencia á lei de 1831, sempre me reputei abolicionista, sempre entendi que esse tratado devia ser fielmente cumprido, que essa lei devia ser rigorosamente executada; e quando os successos do meu paiz, antes do que o meu fraco merito, me levaram aos conselhos da corôa, procurei por todos os meios ao meu alcance tornar uma realidade esse trabalho e essa lei.

O paiz tinha o instincto da abolição: esse sentimento continuava a elaborar-se no animo de todos os homens pensadores. Elles viam que o futuro do paiz se achava compromettido pela continuação do trafico; todos foram conhecendo que o trabalho escravo não podia coexistir com o trabalho livre, e que todos olhavam para o Brasil como um paiz e não como uma colonia, mas como um paiz que tinha um futuro, uma civilisação a esperar.

O ministerio tem diante de si uma empreza ardua que deve realizar. Esta empreza é a

substituição dos braços escravos pelos braços livres; esta empreza é a colonisação.

Attenda bem o governo para esta necessidade do paiz, empregue todos os meios ao seu alcance para estabelecer entre nós o trabalho livre, para ennobrecer esse trabalho, para povoar o Brasil, não de africanos, mas de colonos que virão a ser depois outros tantos membros da grande associação brasileira. »

No amago destes periodos encontraes um *improvisador*, um *repentista*, que possuia a intuição exacta das necessidades vitaes do seu Paiz; no amago destes periodos achaes um homem—amante da Corôa- naquella epocha, em 1851, que se declarava abolicionista, e fazia a apologia do trabalho livre!

No gabinete celebre de 19 de Setembro, no qual occupou a pasta dos estrangeiros, e no quadro da diplomacia em que alcançou as credenciaes de plenipotenciario, conservou a *allure* de brasileiro digno, pairou no cimeiro do apreço de seus patricios.

Tudo isto póde mergulhar fundo, para sempre, na melancolia dos archivos em desprezo, mas, o que não se esquecerá, ficará como marco milliario na estrada literaria do Brasil, é o seu nome na lyrica nacional, nome inexcedivel, de lyrista até hoje inimitavel.

No escriptor ha dois homens: um fala e vive para os seus contemporaneos, o outro se dirige á posteridade; é neste que se encontra o *essencial*, a *porção duravel*--no dizer de Taine.

A *porção duravel* e *essencial* de Maciel Monteiro encravou-se na sua obra poetica, na qual sem presentir extravasou toda sua alma, syn-

thetizou sua *faculté maitresse*. Não possuimos d'elle nem traços proprios e precisos, nem particularidades authenticas, nem as suas memorias—materiaes indispensaveis para se retratar um homem de letras—no pensar do auctor da *Philosophia da Arte*.

Onde buscar as *memorias* de Maciel Monteiro se não as escreveu e colher traços authenticos para, em acabado, desenhar a sua feição literaria ?

Dispersivo como foi, sem ter achado um amigo dedicado como Alvares de Azevedo achou em Silva Mendes, Gonçalves Dias em Henrique Leal, Junqueira Freire em Rebouças, Fagundes Varella em Teixeira Mendes, Castro Alves em Augusto Guimarães, que guardasse os seus versos, perolas que presas num fio de ouro dão um collar ainda não sonhado pelos sonhadores da Belleza Eterna, nem que recolhesse as paginas interessantes de sua vida, trechos dum mundo ideal por elle creado para nelle viver; por não ter achado um amigo assim, pouco resta de sua Obra.

Maciel Monteiro cantou exclusivamente a Mulher, pagou-lhe sempre o *feudo de sua vassalagem*, ou melhor, cantou o Amor—sentimento que sentia como Castilho, o cego, cuja lyra tinha os accordes das lyras de Orpheu e Amphião e amansava as feras, espiritualizava as pedras !...

O inexquecivel poeta das *Cartas de Ecco e Narciso* sentia assim :

«Sentiam nossos paes de amor as chammas,
amor nos deu a vida; alma ternura
nos deu o leite, e os osculos na infancia.
Entre exemplos de amor fomos crescendo.

E' de amor o Universo onde habitamos:
quasi todos os bens de amor só nascem,
e os que não são de amor no amor se apuram.
Se, exceptuando os mais, devesse um nume
um nume só nas terras adorar-se,
o unico altar ser dado a Amor devia,
e os sacerdotes seus em sacros hymnos
cantal-o o Bemfeitor e o Pae do mundo.
Aves e feras, arvores e humanos,
nymphas e deuses, tudo a amor se humilha. »

Maciel Monteiro sentia assim:

« Amar, amar um anjo de candura,
De toda a creação a obra prima;
Render-lhe culto, que está inda acima
Do culto, que a Deus rende a creatura;

Dar-lhe quanto ha no peito de ternura
E a paixão enobrece e legitima;
D'alma, que ao Céo se exalta e se sublima,
O perfume votar-lhe em aura pura;

Desejos mil queimar em casta chamma;
E a crôa de martyrio em premio tardo
Na fronte receber, qu'ella orna e enrama;

Eis a religião do pio Bardo:
Eis como, minha Lilia, elle arde, elle ama,
Eis como, minha Lilia, eu te amo, eu ardo.»

A mulher synthetizou o ideal de sua existencia, foi a ave que gorgeou incessante no beirado do palacio de seus sonhos!

Não a idealizou como uma Myrtes, a mestra de Pindaro; uma Sulpicia, mulher de Calenos, escrevendo satyras contra os inimigos das lettras; uma Corday com o punhal ensan-

guentado do assassinato nas mãos; uma Joanna d'Arc offerecendo-se para defender a Patria em perigo; uma heroina de Termodonte cortando um dos seios para melhor usar das armas na hora das pelejas; e sim, como um ser que, enthesourando a alma bonissima d'uma Cornelia--mãe dos Gracchos, d'uma Porcia—mulher de Bruto, d'uma Octavia—irmã de Augusto... não deixasse de ter tambem—sim, não deixasse de ter!—a formosura capitósa de Helena—a grega por quem Stesichore cegou—pelo motivo de haver dito mal de sua belleza... e a quem depois, para vel-a de novo, pediu perdão de crime commettido!

Poeta erotico dizem que elle o foi... pelo facto de cantar a sua Lilia no esplendor da belleza e da graça!... Poetas eroticos, então, igualmente o foram Claudio cantando Nize, Gonzaga sua Marilia, Alvarenga Peixoto sua Estella e a sua Nize, Silva Alvarenga sua Glaura, José Bonifacio—«os lacteos pomos boliçosos» de sua amada, e outros tantos brasileiros que saturaram o lyrismo poetico duns matizes de volupia muito nossa, muito do nosso sangue...

Alguem escreveu com erudição vasta, sobre o *erotismo* do poeta a quem cultuamos no dia de hoje, o seguinte:

« O lyrismo de Maciel Monteiro tem muito perfume e muita uncção do lyrismo grego, e cremos que o lyrismo grego é o que mais corresponde á esthetica physica do Brasil e ao sentir e crer dos brasileiros.

Como o sólo da Grecia é povoado de genios e o ar de echos harmonicos, assim é o sólo e o ar do Brasil. Dahi vem essa serenidade do caracter brasileiro, aliás temperado de alegria

e melancholia: dahi vem esse sensualismo delicado, recatado, transparente, mas nunca nú, expansivo, mas nunca louco, que caracteriza a paixão do amor entre nós. Na pintura, no desenho deste amor delicado, recatado e apenas transparente, ainda excedeu Maciel Monteiro. Como estas estatuas gregas que, atravez da simples roupagem, deixam adivinhar as fórmas, mas que não podem ver-se, assim são as poesias. »

Ahi está admiravelmente descripto o genio poetico do distincto pernambucano!

Provemol-o. Elle fala por nós!

Escutem-no. Elle dirá como nunca havemos de dizer:

SONETO

Formosa, qual pincel em téla fina
Debuxar jamais poude ou nunca ousára;
Formosa, qual jamais desabrochára,
Em primavera, rosa purpurina;

Formosa, qual si a propria mão divina
Lhe alinhára o contorno e a forma rara;
Formosa, qual jamais no céo brilhára
Astro gentil, estrella peregrina;

Formosa, qual si a natureza e a arte
Dando as mãos em seus dons, em seus lavores
Jamais soube imitar no todo ou parte;

Mulher celeste, oh! anjo de primores!
Quem póde ver-te, sem querer amar-te?!
Quem póde amar-te, sem morrer de amores?!

UM SONHO

Ella foi-se! E com ella foi minh'alma
N'aza veloz da brisa sussurrante
Que, ufana do thesouro que levava,
Ia... corria... e como vae distante!

Voava a brisa, no atrevido rapto
Frisava do Oceano a face lisa;
Eu que a brisa acalmar tentava insano,
Com meus suspiros alentava a brisa!

No horizonte esconder-se annuviado
Eu a vi; e dois pontos luminosos
Apenas onde ella ia me mostravam:
Eram elles seus olhos lacrimosos!

Pouco e pouco empanou-se a luz confusa,
Que me sorria lá dos olhos seus;
E d'além ondulava uma aura amiga
Aos meus ouvidos repetio—adeus!

Nada mais via, nem siquer um raio
Fulgir a furto de esperança bella:
Mas meus olhos illusos descobriam
Numa amavel visão a imagem d'ella.

Esvaio-se a visão qual nuvem aurea
Ao bafejar de vespertina aragem:
Si aos olhos eu perdia a imagem sua,
No meu peito eu achava a sua imagem.

Ella foi-se! E com ella foi minh'alma
N'aza veloz da brisa sussurrante
Que, ufana do thesouro que levava,
Ia... corria... e como vae distante!

UM VOTO

Si eu fôra a flôr querida, a flôr mais bella
De quantas brilham no matiz, na gala :
Si o meu perfume fôra mais suave
Que esse que a rosa no Oriente exala !

Si em volta a mim os zephiros traidores,
Sussurrando, viessem bafejar-me,
E com molles blandicias, brandos mimos,
Tentassem de minh'haste arrebatar-me ;

Si o vario beija-flôr tão feiticeiro,
Desprezando uma a uma as demais flôres,
Em meu virginio, delicado seio
Depuzesse seus beijos, seus amores,

Num vaso de esmeralda eu não quizera
Os aposentos decorar brilhantes
Do soberbo nababo de Golconda,
Que pisa per'las, topa diamantes.

Tam pouco eu cubiçara ornar o seio
D'essa joven britannica princeza ;
Em quem o brilho do diadema augusto
Luz menos que os encantos da belleza.

Pousar, Senhora, fôra o meu desejo
Em vossa fronte tam serena e bella,
E fazer que, em seu vôo, o tempo rapido
A aza impura não ouse roçar nella.

Como um raio de vossa formosura
Reflectiria em mim seu fogo santo !
Como a fragancia dos cabellos vossos
Dera á minha fragancia novo encanto !

Ahi, como vaidosa, eu ostentára
Todo o meu esplendor. E qual rainha
Num throno d'ouro ousára disputar-me
Minh'alta condição e a gloria minha?

Mas já que á flôr não sou appetecida
(Que o não consentem fados meus adversos)
Não recuseis, Senhora, a flör silvestre
Que o bardo vosso off'rece nestes versos.

ODE

Ao nascerdes, Senhora, um astro novo
Vos innundou de luz, que inda hoje ensina,
No fogo d'estes vossos olhos bellos
Vossa origem divina.

O ar que respirastes sobre a terra,
Foi um sopro de Deus embalsamado
Entre as flôres gentis que vos ornavam
O berço abençoado.

Ao vêr-vos, sua egual no empyrio, os anjos
Hymnos de amor cantaram nesse dia;
E o que se escuta, si falaes, é o echo
Da angelica harmonia.

Gerada para o céo, que o céo somente
Da creação a pompa e o brilho encerra
Das mãos do Creador vos escapastes,
Cahistes cá na terra.

Um anjo vos seguio para guardar-vos;
E quaes gemeos um ao outro retratado,
Quem póde distinguir o anjo que guarda
Do anjo que é guardado?

Si um raio do céo arde perenne
Sem que o tempo lhe apague o fulgor santo!
Por isso os vossos dons são sempre os mesmos,
O mesmo o vosso encanto.

Em vós é tudo eterno. E si na fronte
(Tam bella sempre em tempos tam diversos!)
Uma c'rôa murchar-vos, é de certo
A c'rôa de meus versos.

Dos meus versos! Ah! Não! Que inextinguivel
E' o incenso queimado á divindade:
E o canto que inspiraes, vos dá, Senhora,
Vossa immortalidade.

ODE

Vê o cysne no lago a sua imagem,
Na propria luz debuxa-se o relampago,
No Oceano o Céo se vê, Deus no universo
E no porvir o homem.

No porvir! Desmaiado e frio interprete,
Espelho baço qual do norte a lympha,
E seu prisma e fulgor que importa ao vate
Si a morte é sem reflexo?

Mas num peito sensivel contemplar-te,
Nuns castos olhos, que a affeição accende,
A furto descobrir o olhar amante,
Como a noite uma estrella;

Dizer: no meio das humanas lides
Ha um ponto de luz no immenso espaço,
Onde contra a calumnia, a inveja e a sanha
Tem meu nome um abrigo!

Minha lyra num peito vibra ao menos,
Que os meus ais como o Céo mudos entende
Onde a minha voz vôa e a alma se espande,
Ah! do bardo eis o premio.

Embora o canto meu no olvido expire,
Tu és o asylo meu, a gloria minha!
Viver mesmo ignorado nos teus sonhos,
Ter um echo em tua alma...

Discreta testemunha do teu pranto,
Sentir-te os ais no peito encarcerados;
Nas tuas emoções fiel ter parte,
Ser chamado em teus labios...

De dia na soidão seguir-te os passos,
De noite vigiar-te á luz da lampada,
Ser quem amas e a sombra com que sonhas
Eis minha eternidade!

Aqui deviamos ficar e dizer: ahi tendes o poeta Maciel Monteiro, que, á similhança de Anacreonte, exaltou immenso a mulher, a fez o idolo de sua lyra. . julgae-o!... dizei-nos se não é merecedor do nosso amor, se cantou o lado erotico da vida—o sensualismo das Lesbias, das Corynnas, das Servilias, das Tulliolas!

Além do mais, é mister não olvidar haver sido o Poeta pernambucano—vivo hoje nesta contemplação centenaria—o introductor do *lyrismo* entre nós, e não Magalhães com os *Suspiros Poeticos*, como querem alguns—asserção essa de Sylvio Romero quando provou ter elle chegado no Brazil antes do Visconde de Araguaya, «assistido ás mutações litterarias ope-

radas na França durante o terceiro decennio do seculo passado, e, sobretudo, pela natureza de seu talento e indole do seu estylo.»

Não ha um estudo acabado sobre Maciel Monteiro —na velha heraldica nacional conhecido por Barão de Itamaracá !...

Os esforços de Julio Pires—merecedores de todos os elogios—não attingiram o fim desejado; resta-nos a esperança depositada em Joaquim Nabuco e Regueira Costa—que têm Maciel Monteiro como patrono—o primeiro na *Academia de Letras Brazileira* e o segundo na *Academia de Letras de Pernambuco.*

Depois de incendiada Coryntho, por Mummio, correu liquefeito pelas ruas daquella cidade todo o ouro, toda a prata, todo o bronze das suas estatuas, e, da juncção destes metaes ligados depois do resfrio, produziu-se o decantado *bronze de Coryntho !*

Aos dois pernambucanos a que nos referimos compete juntar as producções esparsas de Maciel Monteiro—o *resto* em summa do que ficou da destruição do tempo—enfeixar bem peça por peça, juntar muito phrase por phrase, amarrar demais letra por letra, e depois de assim trabalharem com effusão de almas cheias de Amor—exclamar para a Posteridade: destruí este Bronze !

Então... teremos o cantor de Lilia no explendor de sua Gloria! Elle que só adorou a Gloria porque, como o Presbytero de Carteia —*o cavalleiro negro*, -achava que o motivo immenso, irresistivel das ambições de poder, de opulencia, de renome,—era um só—a Mulher!

Então... teremos o cantor de Lilia revivido «com o seu porte nobre de elegante dos

salões, a intonação sonora de sua voz, a exhuberancia de pensamento, a phrase imaginosa, a omnipotencia da tribuna, o poeta amado de todas as moças e adorado de todas as velhas —aviventando destas o passado e daquellas illuminando o futuro, o beija-flôr que ora osculava a rosa, ora a magnolia, ora a violeta, ora o jasmim, o desejado que passou a vida como Garret entre as bellas e como Demosthenes nos comicios nacionaes»—segundo o retrato d'elle, trabalhado por Eunapio Deiró.

....

Si o nosso Amor tivesse a magia de resuscitar a sua personalidade literaria, si o nosso credo de civismo rezado sempre, de joelhos, no templo da Patria, invocar pudesse a sua imagem, certo ella pairaria nesta solemnidade enchendo-a de luz, de harmonia, de perfume!

O que não podemos fazer, póde o vosso Amor talvez maior do que o nosso.

Resuscitae-o !...

ARTHUR MUNIZ.

INDICE

A Lyrica de Maciel Monteiro

Biographias e Juizos Diversos

Poesias Originaes

Traducções Poeticas

Notas

Discurso

Corrigenda

Estando ausente da capital, não foi possivel ao Dr. Regueira Costa corrigir as provas das poesias de Maciel Monteiro, que figuram no presente volume, por elle trasladadas para o francez, pelo que abaixo reproduzimos as estancias, que se resentem de erros mais graves:

Poesia—*A l'anniversaire d'une naissance*, á pagina 178:

Le ciel était brillant, la terre fleurissait,
Et l'éther était pur et la mer azurée ;
Toute chose ici-bas était dejá créée,
Mais du beau souverain l'archetype y manquait.

D'Eve alors Dieu rêvant au merveilleux modèle
De nouveaux dons ajoute aux grâces qu'elle unit ;
Vous naquites, d'en haut la voix d'un ange a dit :
La beauté... la voilá, son chef d'oeuvre c'est elle !

L'éther, l'astre, la fleur et l'azuré des mers...
Le tout fut éclipsé par cette créature :
La terre est prise au ciel et du vaste univers
L'Eternel acheva la belle architecture.

Ainsi que la rosée anime la corolle
Et l'odeur de la rose, au plus beau des matins,
La clarté, qui sur vous descend des séraphins,
De vos charmes divins anime l'auréole.

Poesia—*Sonnet*, á pagina 180:

Le soleil se couchait, et tout enchanteresse
Dans de molles odeurs la nature ondoyait;
La rose se penchait et pure au loin brillait
Quelqu'une de ces fleurs, que le zéphyr caresse.